

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

JOSÉ INÁCIO NETO

**DANIEL DEFOE E AS REPRESENTAÇÕES DO NOVO MUNDO: UM
DIÁLOGO ENTRE ROMANCES E RELATOS DE VIAGEM (1697-1729)**

**FRANCA
2016**

JOSÉ INÁCIO NETO

**DANIEL DEFOE E AS REPRESENTAÇÕES DO NOVO MUNDO: UM
DIÁLOGO ENTRE ROMANCES E RELATOS DE VIAGEM (1697-1729)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Valéria dos Santos Guimarães.

**FRANCA
2016**

Inácio Neto, José.

Daniel Defoe e as representações do Novo Mundo: um diálogo entre romances e relatos de viagem (1697-1729) / José Inácio Neto. – Franca : [s.n.], 2016.

150 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

1. Defoe, Daniel 1661?-1731. 2. Literatura inglesa - Séc. XVIII.
3. Historia moderna - Séc. XVIII. I. Título.

CDD – 823

JOSÉ INÁCIO NETO

**DANIEL DEFOE E AS REPRESENTAÇÕES DO NOVO MUNDO: UM
DIÁLOGO ENTRE ROMANCES E RELATOS DE VIAGEM (1697-1729)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura

Orientadora: Prof.^a Dra. Valéria dos Santos Guimarães

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____
Prof.^a Dra. Valéria dos Santos Guimarães, UNESP/Franca

1º EXAMINADOR: _____
Prof.^a Dra. Ana Raquel Portugal, UNESP/Franca

2º EXAMINADOR: _____
Prof. Dr. André Luiz Joanilho, UEL

Franca, 26 de outubro de 2016.

Aos meus pais, Pedro e Inês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Prof.^a Dra. Valéria dos Santos Guimarães pela oportunidade de cursar o mestrado sob sua orientação e pelos valiosos ensinamentos que foram de enorme contribuição para a minha formação. Levarei para toda a vida aquilo que aprendi nos últimos anos como pesquisador e neste sentido o papel de minha orientadora certamente foi de imensa relevância. Agradeço também à Prof.^a Dra. Márcia Naxara por se disponibilizar a orientar meu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em História e por integrar a banca do meu Exame Geral de Qualificação, momento em que a professora fez importantes sugestões para o andamento da pesquisa. Nesta mesma ocasião, contamos com a participação da Prof.^a Dra. Sandra Vasconcelos, pesquisadora a quem também devo agradecimentos, pois também contribuiu como examinadora levantando importantes questões e sugestões para o prosseguimento do trabalho.

Devo gratidão especial à minha família, sobretudo a Pedro e Inês, meus pais, mas também a Plínio e Pedrinho, meus dois irmãos, pois os quatro foram a principal fonte de apoio e motivação desde o meu ingresso no Ensino Superior e tiveram importância ainda maior no Mestrado. Sou eternamente grato a eles e aos demais familiares que sempre confiaram em meu potencial, oferecendo o suporte necessário em todas as situações em que suas palavras e seus gestos foram apenas exemplos pontuais de tudo aquilo que já fizeram por mim.

Aos amigos de Franca, minha cidade natal, eu agradeço por todos os momentos especiais e pelo apoio que sempre se fez presente quando precisei de uma conversa ou de uma companhia. Dentre eles, não poderia deixar de mencionar os nomes de Leonardo Donadelli, Flávio Rodrigues, João Paulo Facirolli, Laís Helena, Murilo Silva, Lorena Lima, Guilherme Alves, Geovane Luvizoto e Leonardo Ventura. Também devo agradecimentos às amigas feitas na cidade de São Tomás de Aquino, em Minas Gerais, onde morei por quase dois anos, período em que conheci Marcos Vinícius Prazeres, Silvio Prazeres, Turbal de Carvalho e outros tantos importantes amigos com os quais mantenho contato sempre que possível.

Agradeço aos amigos da UNESP/Franca, principalmente àqueles que, assim como eu, pertenceram à 48^a turma de História. Sou igualmente grato aos professores e alunos do Cursinho Popular do Colégio Champagnat da Prefeitura Municipal de Franca, onde estagiei como secretário nos dois últimos anos de graduação. Entre os anos de 2010 e 2013 na Faculdade e no Cursinho, tive o prazer de conviver com pessoas como Bárbara Munhoz, Letícia Christmann, Júlio Salotti, Robson Ribeiro, Angélica Capel, Leonardo Pessoni, Lara Saya, Bárbara Schneider, Suzana Soldado, Marina Justino, Bárbara Aniceto, Elvis Diana,

Camila Oliveira, Marcelo Yoshida, Anderson Candido, Maira Rangel e tantas outras prezadas companhias nos altos e baixos da vida universitária. Dentre os amigos de curso, agradeço àqueles que também escolheram trilhar o caminho da Pós-Graduação e me acompanharam nesta empreitada: Diego Bispo, Monique Marques, William Funchal, Clara Braz, Thiago Alvarado, Rafael Cavalcante e Davi Machado foram ótimos colegas com os quais compartilhei dificuldades e celebrei progressos.

Gostaria de agradecer também à Ana Carolina Viotti, amiga e historiógrafa do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAPH) da UNESP/Franca, onde trabalhei como estagiário entre os últimos anos da Graduação e o início do Mestrado. A ela agradeço o companheirismo, os conselhos, o ombro amigo e a oportunidade de ter trabalhado em um ambiente tão agradável e enriquecedor como o CEDAPH. Em meio aos demais estagiários, conheci estimados amigos e dentre eles preciso mencionar os nomes de meus queridos José Henrique Lopes e Nayara Barbosa que sempre tornaram o cotidiano de trabalho e estudos mais feliz e acolhedor.

INÁCIO NETO, J. *Daniel Defoe e as representações do Novo Mundo: um diálogo entre romances e relatos de viagem (1697-1729)*. 150 fl. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2016.

RESUMO

Daniel Defoe foi uma figura importante para as transformações literárias que caracterizaram a difusão do romance na Inglaterra setecentista, gênero em formação durante este período. Entre as características de sua obra ficcional, notamos a semelhança com alguns relatos de viagens – como os de Drake, Raleigh, Poyntz, Narborough, Dampier e Rogers – e representações recorrentes do continente americano – territórios nunca visitados pelo autor. Os textos publicados por estes viajantes contêm representações de regiões da América como o Caribe e os litorais ocidentais da América do Sul que, por sua vez, também aparecem como cenários nas obras ficcionais do romancista. Por outro lado, conhecido pelo engajamento político e pela participação nas discussões sobre os rumos da expansão do Império Britânico, o autor também lança mão desta literatura em seus ensaios para sustentar seus argumentos sobre as possibilidades de avanço imperial no Novo Mundo. Partindo de reflexões teóricas importantes para a História Cultural, sobretudo aquelas ligadas às noções de representação e apropriação debatidas por Roger Chartier, a presente pesquisa intenta estabelecer relações entre as obras de ficção de Defoe e os relatos de viagem lidos por ele. Neste sentido, a análise se orientará por alguns questionamentos centrais: como e por que estas representações de domínios coloniais de outros Impérios aparecem na ficção de Defoe? De que maneira estas representações se relacionam com os relatos de viagem que são mencionados pelo autor em suas obras não ficcionais? Em que medida as obras ficcionais do autor apresentam questões pertinentes à expansão do Império Britânico no início do século XVIII? Nosso objetivo principal, portanto, é tentar sustentar a hipótese de que os romances de Defoe contêm representações do Novo Mundo que, em certa medida, foram construídas por meio de apropriações dos relatos de viagem por ele lidos. Ademais, tentaremos perceber de que forma tais representações inserem suas obras de ficção nas discussões sobre as possibilidades de expansão do comércio e da colonização no continente americano.

Palavras-chave: História Moderna. História da leitura. Inglaterra. Século XVIII. Romance inglês. Relatos de viagem, América.

INÁCIO NETO, J. *Daniel Defoe and the representations of the New World: a dialogue between novels and travel accounts (1697-1729)*. 150 fl. 2016. Dissertation (Master's degree in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2016.

ABSTRACT

Daniel Defoe was an important writer for the literary transformations that marked the spread of the novel in eighteenth-century England, genre that was in making during this period. Among the features of his fictional work, we note the similarity with some travel accounts – like those of Drake, Raleigh, Poyntz, Narborough, Dampier and Rogers – and recurring representations of the American continent – territories never visited by the author. The texts published by these travelers contain representations of regions of America as the Caribbean and the western coasts of South America, which, in turn, also appear as scenarios in the fictional works of the novelist. On the other hand, known for political engagement and participation in discussions on the directions of expansion of the British Empire, the author also makes use of this literature in his essays to support his arguments about the possibilities of imperial advance in the New World. Starting from important theoretical reflections for Cultural History, especially those related to the notions of representation and appropriation discussed by Roger Chartier, this research attempts to establish relations between the works of Defoe's fiction and travel reports read by him. In this sense, the analysis is guided by some central questions: how and why these representations of colonial domains of other empires appear in fiction of Defoe? How these representations are related to the travel accounts that are mentioned by the author in his non-fiction works? To what extent the fictional author's works have issues related to the expansion of the British Empire in the early eighteenth-century? Our main objective, therefore, is to try to support the hypothesis that Defoe's novels contain representations of the New World, to some extent, that were built by appropriation of elements found in travel accounts read by him. Furthermore, we will try to understand how such representations insert their works of fiction in discussions about trade expansion possibilities and colonization in the Americas.

Key-words: Early Modern History. History of reading. England. Eighteenth-century. English novel. Travel accounts. America.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I – DEFOE E A LITERATURA SETECENTISTA.....	21
1. DEFOE E A INGLATERRA SEISCENTISTA	23
2. AS DISCUSSÕES SOBRE O NOVO MUNDO	27
3. A ASCENSÃO DO ROMANCE INGLÊS	32
4. A VEROSSIMILHANÇA DO ROMANCE.....	37
5. A FICÇÃO DE DEFOE E A CRÍTICA LITERÁRIA	49
6. ROMANCES E RELATOS DE VIAGEM	52
II – OS RELATOS DE VIAGEM E AS LEITURAS SOBRE O NOVO MUNDO.....	58
1. DEFINIÇÕES POSSÍVEIS E ASPECTOS HISTÓRICOS ACERCA DOS RELATOS DE VIAGEM	59
2. O NOVO MUNDO NOS RELATOS DE VIAJANTES.....	61
3. OS VIAJANTES INGLESES E OS AVANÇOS IMPERIAIS	66
4. OS USOS DOS RELATOS DE VIAGEM ENTRE OS CONTEMPORÂNEOS DE DEFOE	76
5. AS VIAGENS AOS MARES DO SUL E A PROJEÇÃO DO IMPÉRIO	81
III – O NOVO MUNDO E A EXPANSÃO IMPERIAL NA FICÇÃO DE DEFOE.....	85
1. A SOUTH SEA COMPANY E OS PROJETOS DE EXPANSÃO COLONIAL NA AMÉRICA.....	86
2. <i>ROBINSON CRUSOE</i> : A COLONIZAÇÃO DE UMA ILHA DESERTA NO CARIBE	91
2.1. <i>Cenários e riquezas naturais: apropriações do relato do capitão John Poyntz.....</i>	<i>93</i>
2.2. <i>Os nativos e a colonização: apropriações dos relatos de Walter Raleigh</i>	<i>99</i>
2.3 <i>Um ideal de colônia</i>	<i>110</i>
3. A <i>NEW VOYAGE ROUND THE WORLD</i> : A EXPANSÃO IMPERIAL NOS MARES DO SUL.....	116
3.1. <i>Navegação, viagens terrestres e paisagens.....</i>	<i>119</i>
3.2 <i>Possibilidades de expansão: espanhóis, nativos e ouro</i>	<i>124</i>
3.3. <i>O comércio nos Mares do Sul</i>	<i>131</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
1. CORPUS DOCUMENTAL.....	139
1.1. <i>Romances centrais na análise</i>	<i>139</i>
1.2. <i>Relatos de viagem comparados aos romances.....</i>	<i>139</i>
1.3. <i>Periódico e ensaios de Defoe</i>	<i>140</i>
1.4. <i>Outras Fontes.....</i>	<i>141</i>
2. BIBLIOGRAFIA.....	142

INTRODUÇÃO

A despeito de todos os protagonistas dos romances de Defoe serem ingleses, a recorrência de cenários americanos em suas obras de ficção parece indicar, a um só tempo, o fascínio e o conhecimento do autor acerca do Novo Mundo. Antes mesmo de se destacar como romancista, o escritor já se engajava em assuntos políticos da Inglaterra, tanto nas questões internas quanto nas discussões sobre os domínios coloniais. Contudo, é importante notar que, de acordo com os autores que se dedicaram a investigar sua obra e trajetória de vida, não há indícios de que o romancista tenha visitado o continente americano¹. Levando em consideração a frequência com que a América aparece como cenário em seus romances, bem como o interesse nutrido por ele pelas problemáticas imperiais, nos parece pertinente levantar questionamentos sobre a forma pela qual Defoe teve acesso ao conhecimento sobre tais assuntos.

Daniel Defoe (1660-1731) ganhou maior fama e se destacou como um dos grandes nomes da literatura inglesa por meio de seus romances, principalmente por conta da enorme e duradoura repercussão de *Robinson Crusoe* (1719), obra que conquistou muitos apreciadores na Inglaterra e no mundo. Contudo, nas duas décadas anteriores à publicação de seu mais famoso romance, a participação do autor nos meios letrados ingleses já ocorria de forma incisiva e com uma versatilidade notável. Tornou-se primeiramente conhecido pela sua inserção nos debates relativos às restrições sociais impostas pelos anglicanos aos protestantes dissidentes ingleses, grupos religiosos os quais o jovem inglês integrou e defendeu assiduamente. Contudo, desde seus passos iniciais na escrita, tal como no seu primeiro livro oficialmente publicado, *An Essay upon several Projects* (1697), Defoe já demonstrava interesse por uma grande diversidade de questões políticas e administrativas do Estado Inglês. Aparecendo ocasionalmente em seus primeiros textos e com certa recorrência nas páginas de seu periódico, o jornal *The Review* (1704-1713), as rivalidades imperiais e a importância das colônias americanas para a economia e política britânicas foram temas que muito lhe importaram e que aos poucos ganharam maior relevância em suas publicações². A América encontra ainda mais espaço em seus escritos na década de 1710 quando as possibilidades de expansão do Império Britânico em territórios sul-americanos foram discutidas e fomentadas pela *South Sea Company*, organização cujas iniciativas comerciais e coloniais foram

¹ NOVAK, Maximilien E. *Daniel Defoe: Master of Fictions: His Life and Ideas*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 75; A obra biográfica de Frank Bastian sobre a trajetória de Defoe em sua juventude e primeiras experiências como autor ainda se mostra pertinente para o estudo deste período que costuma ser menos enfatizado por biógrafos e intérpretes: *Defoe's Early Life*. Totow: Barnes & Noble, 1981.

² RICHETTI, John. 2. Early Writings 1697-1710; 3. Political Journalism: 1697-1710. In: *The Life of Daniel Defoe*. Oxford, Blackwell, 2005, pp. 31-112.

plenamente incentivadas por Defoe³. Além desta recorrente preocupação com questões relacionadas à colonização, em diversos momentos o autor demonstra ter grande gosto por relatos de viagens fazendo menção a muitos autores destes textos em várias de suas publicações. O gênero literário tinha imensa importância no papel de difundir entre os europeus as representações acerca de regiões distantes e era evocado com frequência por Defoe, sobretudo naqueles momentos em que o autor se referia à América⁴.

O presente trabalho intenta compreender de que maneira se deram e se construíram as representações do Novo Mundo nos romances de Defoe, tentando perceber em que medida elas se relacionam com as leituras realizadas pelo autor, bem como com as discussões sobre a expansão imperial das quais participou. Neste sentido, pretendemos sustentar a hipótese de que as representações do continente americano nestas obras de ficção se assemelham com o conteúdo das narrativas de viagem lidas por ele e que, de certo modo, podem indicar que o autor se apropriou de elementos presentes nestes textos. Tendo como referencial teórico e metodológico a Nova História Cultural, sobretudo as discussões encabeçadas por Roger Chartier a partir do último quartel do século XX, encaramos aqui as representações como construções sociais que estão intrinsecamente ligadas à noção de apropriação. Desta maneira, tentaremos defender que o leitor, que neste caso também é um autor, tem papel ativo na construção e reconfiguração dos significados, principalmente por fazer uma utilização específica daquilo que encontrou em suas leituras, reforçando determinadas convicções sobre a América e, ao mesmo tempo, atribuindo novos usos ao conteúdo com que teve contato nos textos que lhe serviram de referência. Mais adiante, após algumas especificações necessárias sobre as fontes e temas a serem trabalhados, abordaremos de forma mais detalhada certas questões teóricas importantes para a compreensão da proposta de análise.

A diversidade de cenários encontrados nas páginas dos romances do autor denota um grande conhecimento sobre regiões do mundo todo, fato que reforça a ideia de que as narrativas de viajantes são importantes referências para suas obras de ficção. Contudo, os

³ NOVAK, Daniel Defoe, pp. 392-402; _____. *Economics and the fiction of Defoe*. New York: Russel & Russel, 1976, pp. 13-14; 102-104.

⁴ Para ver mais sobre a história das viagens e dos relatos de viajantes: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. ; CAMPBELL, Mary B. *The witness and the other world: exotic european travel writing, 400 - 1600*. Ithaca: Cornell University Press, 1988; FULLER, Mary C. *Voyages in print: English travel to America (1576-1624)*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1995; WOLFZETTEL, Friedrich. *Le discours du voyageur*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996; LEONARD, Irving A. *Viajeros por La America Latina colonial*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1972; BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Tese de Livre Docência, 2009., 2012.

espaços dos quais trataremos aqui se restringem aos territórios americanos que se relacionam tanto com os ensaios publicados por ele na década de 1710 quanto com as descrições contidas nos relatos de viagem lidos pelo autor. Por meio da intersecção de temas entre estes textos será possível identificar quais elementos contribuíram para a construção das representações da América e, ao mesmo tempo, ressaltar aqueles aspectos que corroboraram para a ênfase das potencialidades destes locais como possíveis colônias britânicas.

Nos romances, estes territórios podem ser divididos em duas regiões principais: em primeiro lugar, a ilha deserta em que Crusoe naufraga consiste no centro da primeira região. Alguns elementos como a localização da ilha, os nativos que ali desembarcam, as paisagens, a fauna e a flora indicam semelhanças com as descrições fornecidas pelo capitão John Poyntz sobre a ilha de Tobago. No romance, Crusoe recebe visitas de nativos, espanhóis e ingleses que percorreram outros territórios das proximidades e que por diferentes motivos aportam ali. Nestas ocasiões, o protagonista teve contato com impressões e descrições sobre estas outras localidades que incluem a ilha de Trinidad e as terras sul-americanas banhadas pelo rio Orinoco. Se o cenário do romance indica semelhanças com o relato do capitão Poyntz, os nativos pertencentes a etnias que residiam nas regiões de Trinidad e dos arredores do rio Orinoco remetem às expedições de Walter Raleigh. Os relatos deste famoso navegante inglês são de grande importância para Defoe que, por sua vez, dedicou um ensaio exclusivamente para ressaltar os feitos marítimos de Raleigh. A segunda região que interessa para nossa análise é aquela formada pelas costas ocidentais sul-americanas que no período eram frequentemente denominadas pela expressão Mares do Sul. Ela é formada pelos vice-reinos do Peru e do Chile e consistia em uma importante fonte de minerais preciosos para os espanhóis. Estes territórios aparecem como cenários no último romance de Defoe, *A new voyage round the world*, obra publicada em 1724 que parece demonstrar um esforço do autor na retomada de algumas discussões da *South Sea Company* realizadas na década anterior. Como o nome desta companhia comercial já denota, os Mares do Sul compunham a principal região de interesse na expansão do Império Britânico proposta pelos seus incentivadores.

Em outros dois romances de Daniel Defoe, *Moll Flanders* e *Colonel Jack*, ambos publicados no ano de 1722, o autor ambienta parte dos enredos na região da Virgínia nas colônias britânicas da América do Norte. O autor parece compreender e ressaltar a importância destes domínios coloniais para a Grã-Bretanha, contudo, as colônias já conquistadas e ocupadas por seus conterrâneos não tem relevância central nas discussões da *South Sea Company* e também não são o foco da atenção dos viajantes que foram lidos por ele. Em *Robinson Crusoe*, o Brasil é outra região do Novo Mundo que tem importância na

trajetória do protagonista, pois ali, antes de naufragar na ilha caribenha, o inglês estabelece um lucrativo plantio de tabaco. Entretanto, além de não ser representada com riqueza de detalhes no romance, a região também não integrava os espaços que despertaram o interesse de Defoe nas discussões sobre a expansão do Império Britânico realizadas na década de 1710. Portanto, dito de forma mais sintética, se desconsiderarmos estes territórios que não se incluem nos propósitos da pesquisa, os espaços representados nos romances contemplados pelos objetivos centrais da análise são a ilha caribenha de *Crusoe* e os Mares do Sul. A Virgínia será alvo de reflexões secundárias na medida em que contribui para o mapeamento das leituras de Defoe e para compreensão do conhecimento obtido por ele acerca do Novo Mundo.

Tendo delimitado aqueles cenários pertinentes à pesquisa em meio à diversidade de ambientações presentes nos romances de Defoe, cabe propor uma sistematização das fontes que serão centrais na análise. Desta maneira, será possível definir os textos que serão fundamentais para o desdobramento de nossa argumentação e também demarcar as balizas temporais de nosso trabalho. As fontes podem ser pensadas por meio de três conjuntos cujos componentes apresentam certa coerência entre si. O primeiro conjunto é constituído pelos romances de Defoe nos quais os espaços acima delimitados são representados. Ele pode ser considerado o mais importante, pois por meio destes textos ficcionais é que será possível pensar em que medida as leituras feitas pelo autor resultaram em apropriações que contribuíram para as representações literárias da América. Nele se encontram os dois primeiros romances de Defoe, *Robinson Crusoe* e *The farther adventures of Robinson Crusoe*, ambos publicados em 1719⁵. Ademais, o conjunto também inclui o último romance publicado pelo autor, *A new voyage round the world*, obra de 1724⁶. Além de demonstrarem o grande conhecimento sobre a navegação inglesa e acerca de diversas regiões do globo percorridas pelos viajantes que lhe serviram como referência, estas obras de ficção têm especificidades literárias muito importantes para o desenvolvimento e formação do romance como gênero que conquistou o gosto do público inglês no século XVIII. Alguns destes aspectos serão pertinentes na medida em que aproximam a ficção setecentista de gêneros não ficcionais entre os quais também se encontravam os relatos de viagem.

⁵ DEFOE, Daniel. *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe, Of York, Mariner* [...]. London: W. Taylor, 1719; _____. *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* [...]. London: W. Taylor, 1719.

⁶ DEFOE, Daniel. *A New Voyage Round the World, by a Course never Sailed before*. Oxford: D. A. Talboys, 1840.

O segundo conjunto é composto pelos relatos de viagem com os quais Defoe teve contato e que em algum momento são mencionados nas publicações que tratam de assuntos relacionados ao Novo Mundo. Inseridos em uma longa tradição de publicações deste mesmo gênero, as narrativas de viagem aqui trabalhadas serão pensadas como o material de referência utilizado pelo escritor tanto em suas discussões sobre os rumos do Império Britânico, quanto na construção dos cenários, personagens e enredos de suas obras ficcionais. Dentre todos os autores/viajantes aqui selecionados apenas um não foi mencionado por Defoe em seus textos, sendo ele o capitão John Poyntz responsável pela publicação de um minucioso relato descritivo sobre a ilha caribenha de Tobago. O texto, intitulado *The Present Prospect of the Famous and Fertile Island of Tobago*, foi publicado primeiramente em 1683 com o intuito de incentivar a compra de propriedades por britânicos na ilha caribenha que, por sua vez, era domínio colonial do Ducado da Curlândia⁷. Apesar de pertencer ao Duque do referido território báltico-germânico, lotes foram cedidos à companhia comercial de Poyntz com o intuito de que seus conterrâneos pudessem produzir e comercializar em Tobago. O relato do capitão não é mencionado por Defoe, mas é ocasionalmente citado por historiadores e críticos literários como uma possível fonte de inspiração para os cenários encontrados na ilha deserta onde Crusoe esteve naufragado⁸. Um de nossos intuítos é comparar o conteúdo do primeiro romance de Defoe e as descrições encontradas no relato sobre Tobago para pensar a viabilidade destas indicações que foram pouquíssimo desdobradas pelos autores que as fizeram anteriormente.

Diferentemente de Poyntz, o famoso navegante Walter Raleigh é uma referência mais nítida do romancista, pois – como apresentaremos adiante – é mencionado em alguns de seus ensaios. Para nossos propósitos, serão utilizadas narrativas sobre duas viagens organizadas pelo navegante: *The discoverie of the large, rich, and bewtiful empyre of Guiana* (1595), escrita pelo próprio viajante, e *The second voyage to Guiana* (1600), relatada por Laurence Keymis⁹. O texto sobre a primeira expedição foi originalmente publicado isoladamente em um livro e, mais tarde, juntamente com a segunda narrativa, foi integrado a uma versão ampliada da famosa compilação de relatos de viagem, *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques, and Discoveries of the English Nation* (1600), editada e publicada por Richard

⁷ POYNTZ, John. *The Present Prospect of The Famous and Fertile Island of Tobago* [...]. London: John Wood, 1695. Sobre a história do Ducado da Curlândia e também sobre a colonização de Tobago: BERKIS, Alexander Valdonis. *The history of the Duchy of Courland* (1561-1795). Maryland: P. M. Harrod Company, 1969.

⁸ BERKIS, *The history of the Duchy of Courland*, p. 175; BOOMERT, Arie. *The Indigenous peoples of Trinidad and Tobago from the first settlers until today*. Leiden: Sidestone Press, 2016, p. 123.

⁹ RALEIGH, Walter. *The Discovery of the Large, Rich, and Beautiful Empire of Guiana* [...] (1595). London: Hakluyt Society, 1898.

Hakluyt¹⁰. Como os nomes já sugerem, estas duas narrativas relatam as viagens organizadas por Raleigh à região da América do Sul banhada pelo rio Orinoco onde supostamente se encontraria o Império da Guiana. Além de fornecer detalhadas descrições sobre os nativos das localidades percorridas, estas fontes também relatam as passagens da frota de Raleigh pela ilha de Trinidad onde também conheceram os índios locais e conseguiram informações sobre as diversas “nações” dos povos que habitavam as Antilhas e as margens do Orinoco¹¹.

Por fim, ainda neste segundo conjunto de fontes, encontram-se os relatos de outros quatro viajantes mencionados por Defoe, neste caso aqueles que visitaram e descreveram os territórios sul-americanos banhados pelos chamados Mares do Sul. A narrativa da circunavegação de Francis Drake – primeira viagem deste tipo realizada por um inglês – foi publicada na primeira versão da já mencionada coletânea de narrativas editada por Hakluyt lançada em 1589¹². Intitulado *The famous voyage of Sir Francis Drake into the South Sea, and therence about the whole Globe of the Earth*, o texto contribuiu para consagrar o corsário como um herói da navegação inglesa que, por sua vez, foi frequentemente lembrado nos escritos de Defoe. Os Mares do Sul também foram percorridos e descritos pelo navegante John Narborough cujo relato de viagem, ao lado de duas outras narrativas deste gênero, encontra-se publicado no livro *An Account of Several Late Voyages and Discoveries to the South and North* (1694), obra que também é citada pelo romancista¹³. Por fim, ainda restam duas outras narrativas de circunavegação protagonizadas por viajantes mencionados por Defoe, sendo elas *A new voyage round the world* (1697), de William Dampier, e *A cruising voyage round the world* (1712) de Woodes Rogers¹⁴. Esta última, mais especificamente, parece ter sido de grande importância para Defoe, pois muitos indícios apontam que Robinson Crusoe, seu mais famoso protagonista, foi inspirado em um marujo que se encontrava abandonado em uma ilha nas proximidades do Chile e que foi resgatado por Woodes Rogers, autor da supracitada narrativa de viagem.

¹⁰ KEYMIS, Laurence. A Relation of the second Voyage to Guiana, performed and written in the year 1596, by Laurence Keymis Gent. In: HAKLUYT, Richard. *The Principal navigations, voyages, traffiques and discoveries of the English nation*. Vol. XV, America, Part IV. West Indies, Voyages of Circumnavigations. Edinburgh E. & G. Goldsmid, 1889, pp. 48-93.

¹¹ No período, este uso do termo nação à ideia de etnia, termo mais frequentemente usado em língua portuguesa nos meios acadêmicos da atualidade: BOOMERT, *The indigenous people of Trinidad and Tobago*, pp. 6-10.

¹² DRAKE. The famous voyage of Sir Francis Drake into the South Sea, and therence about the whole globe of the earth, begun in the yeere of our Lord, 1577. In: HAKLUYT, *The Principal navigations of the English nation*, pp. 408-435.

¹³ NARBOROUGH, John; TASMAN, Jasmen; WOOD, John; MARTEN, Frederick. *An Account Of Several Late Voyages & Discoveries to the South and North*. [...]. London: Sam Smith and Benjamin Walfor, 1694.

¹⁴ DAMPIER, William. *A New Voyage Round The World* [...]. London: James Knapton, 1697; ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World* [...]. London: A. Bell, 1712.

O terceiro e último conjunto de fontes que irão fundamentar nossa análise é composto por alguns ensaios publicados por Defoe no decorrer de sua trajetória como letrado e que incluem os textos relativos às discussões da *South Sea Company*. Apesar de não oferecerem muito material que possibilite a identificação das possíveis utilizações dos relatos de viagem feitas pelo autor nas suas obras de ficção, estas fontes são muito relevantes para a presente análise. Nestes textos, discutindo temas diversos sobre política, economia e sociedade, Defoe menciona muitas das suas referências, aspecto de importância decisiva para que seja possível mapear os viajantes consultados por ele e identificar os assuntos que lhe despertaram interesse nas obras destes autores. O primeiro livro de Defoe, *An Essay upon Projects*, publicado em 1697, integra este grupo de fontes, pois já traz indícios sobre alguns dos viajantes com os quais o autor teve contato e, ao mesmo tempo, inicia sua participação nos debates sobre questões administrativas da Inglaterra¹⁵. Em meados da década seguinte, o autor inicia sua atuação como redator de seu próprio jornal periódico, *The Review* (1704-1713), no qual também são abordadas, dentre uma grande diversidade de temas, questões relativas à colonização e às rivalidades Imperiais no Novo Mundo. Neste sentido, será pertinente mencionar algumas das edições deste periódico que foram acessíveis por meio da coletânea temática organizada por William Payne, *The Best of Defoe's Review*.¹⁶ Anos mais tarde, nos ensaios que publicou para apoiar e explicar o funcionamento dos projetos de expansão colonial e comercial na América promovidos pela *South Sea Company*, o autor voltou a fazer referência a textos de viajantes por ele lidos. Esta organização comercial – criada com o intuito de diminuir a dívida pública britânica e, ao mesmo tempo, incentivar o estabelecimento de pontos de ocupação em terras sul-americanas – foi alvo de muitas controversas entre os mercadores da época. Visando esclarecer dúvidas e mal entendidos acerca do funcionamento da companhia, Defoe publicou vários ensaios em forma de panfletos¹⁷. Dentre eles, três nos interessam de forma direta: *A true account of the design, and advantages of the South-Sea Trade*, de 1711; *An essay on the South-Sea Trade*, publicado em 1712; e *An historical account of the voyages and adventures of Sir Walter Raleigh*, lançado

¹⁵ DEFOE, Daniel. *An Essay upon Projects*. London: R. R., 1697.

¹⁶ DEFOE, Daniel. *The Best of Defoe's Review: An Anthology*. Edited by William L. Payne. New York: Columbia University Press, 1951.

¹⁷ Neste período, os panfletos tiveram grande importância para as discussões nos espaços públicos, sobretudo em temáticas relacionadas a rivalidades entre partidos ou grupos políticos: DOWNIE, J. A. Public opinion and the political pamphlet. In: RICHETTI, John. *The Cambridge history of English literature, 1670 – 1780*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 549-571. Na época, os panfletos poderiam variar entre textos bem curtos e publicações de extensão mediana, com algumas dezenas de páginas.

em 1719¹⁸. Por fim, neste último grupo de fontes também está contido o texto de um manuscrito de Defoe redigido em 1729, editado e publicado postumamente, obra intitulada *The Complete English Gentleman* onde também são expressas algumas de suas referências¹⁹. As fontes que fundamentarão nosso estudo – sobretudo as do primeiro e segundo conjuntos supracitados – já foram alvo de atenção central por parte de inúmeros historiadores e críticos literários que se propuseram a analisar a história do romance inglês ou dos relatos de viagem sobre a América. No decorrer de nossa argumentação, principalmente nos dois primeiros capítulos, estabeleceremos diálogos com alguns destes autores privilegiando aqueles que apresentaram contribuições pertinentes para nossos propósitos e objetivos.

Diante do que foi exposto, é perceptível que os relatos de viagem a serem analisados se encontram dispersos temporalmente entre o fim do século XVI e o início do XVIII. Contudo, é importante ressaltar que os elementos relevantes para os objetivos do presente trabalho são aqueles que contribuíram para difundir e construir representações sobre a América na época de Defoe. Neste sentido, o que realmente interessa para a análise é a utilização feita destes textos no período em que o autor atuou como letrado. Levando isto em consideração, os marcos temporais de nossa pesquisa são definidos pela publicação de *An Essay upon Projects*, em 1697 – sendo este o primeiro texto de Defoe em que há menções aos viajantes – e a redação de *The Complete English Gentleman*, em 1729, obra redigida nos últimos anos de vida do autor e que reforça alguns dos indícios sobre as leituras e apropriações realizadas pelo romancista.

Feitas as ponderações necessárias para a delimitação do objeto, fontes utilizadas e período abarcado, é pertinente tratar de algumas questões teóricas e metodológicas que fundamentarão a análise e a exposição do trabalho. Como mencionamos anteriormente, nossa abordagem se insere nas discussões realizadas pela vertente da historiografia que ficou conhecida como Nova História Cultural e, mais especificamente, pelas reflexões propostas a partir do último quartel do século XX pelo historiador francês Roger Chartier²⁰. Neste sentido,

¹⁸ DEFOE, Daniel. *A True Account of the Design, And Advantages of The South-Sea Trade*: [...]. London: J. Morphew, 1711; _____. *An essay on the South-Sea Trade*, [...]. By the Author of the Review. London: J. Baker, 1712; _____. *An Historical Account of the Voyages and Adventures of Sir Walter Raleigh*. [...]. London: W. Boreham, 1719. Apesar de não terem a mesma importância para os nossos propósitos outros ensaios serão mencionados ocasionalmente: *Some further observations on the treaty of navigation and commerce between Great-Britain and France*. [...]. London: J. Baker, 1713; e *An essay on the treaty of commerce with France*. London: J. Baker, 1713.

¹⁹ DEFOE, Daniel. *The Complete English Gentleman*. Ed. Karl D. Bülbring. London: David Nutt, 1890.

²⁰ De forma mais geral, o historiador se liga ao fenômeno historiográfico francês do século XX que ficou conhecido como Escola dos *Annales*. Sobre a relação entre o autor e as discussões feitas pelos historiadores que e ligaram a este movimento: Primeira parte: Percursos. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, pp. 19-116.

também se orientando pelos debates desenvolvidos por este autor, a pesquisa está igualmente inserida na chamada História da Leitura²¹. Este terreno historiográfico se relaciona de forma direta com três conceitos principais, sendo eles designados pelas noções de “representação”, “prática” e “apropriação”²².

De acordo com esta perspectiva, as representações são constituídas pelo “modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler²³”. Desta forma, elas são “sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”, fato que reitera a necessidade de se relacionar tais construções culturais “com a posição de quem os utiliza²⁴”. Em nossa proposta, mais especificamente, as representações do Novo Mundo são construídas em diálogos realizados entre autores britânicos que, por sua vez, encontram-se fortemente engajados na defesa dos projetos de expansão imperial. Portanto, é fundamental levar em consideração estes pontos de vista, bem como o contexto de produção destes textos para que seja possível perceber quais condicionantes incidem no processo de formação destas representações literárias da América²⁵. Estas questões já nos permitem refletir sobre as “práticas”, noção também pertinente para as discussões levantadas por Chartier em suas obras teóricas. A construção das representações se realiza em meio a um conjunto de práticas sociais e culturais que antecedem e condicionam este processo de maneiras diversas.

Este princípio coloca a necessidade de se pensar as referidas percepções sobre a América como constructos que emergem, ao mesmo tempo, das práticas da escrita literária na Inglaterra setecentista e das práticas de leitura e recepção dos relatos de viagem neste mesmo contexto. Os romances de Defoe contribuíram de forma decisiva para as inovações da prosa de ficção que caracterizaram a formação e difusão do romance como um novo gênero literário

²¹ A despeito de não ser o primeiro a propor uma história da leitura, o historiador é um dos destaques entre os autores que a praticaram nas últimas décadas e teve papel de grande peso na atualização das discussões teórico-metodológicas da vertente. Neste sentido, cabe destacar algumas das obras escritas ou organizadas pelo autor: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Primodis, 1986; CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). *História da Leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998; CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 2011 ; CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo : Editora da UNESP, 2004. Nesta última obra, mais especificamente, no “Preâmbulo” (pp. 7-20) Chartier reitera diversas discussões importantes para a história da leitura de forma geral. Outro autor que se destaca nas discussões sobre a história da leitura é Robert Darnton. Para questões teórico metodológicas neste sentido, ver: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²² CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difusão Editorial, 2002. O autor trabalha estes conceitos ao longo de toda a obra, mas a discussão teórica se encontra melhor apresentada na “Introdução”, pp. 13-28.

²³ *Ibidem*, p. 17.

²⁴ *Ibidem*, pp. 17-18.

²⁵ CHARTIER, À beira da falésia, p. 73.

na Inglaterra. A ascensão deste gênero no século XVIII marcou um distanciamento da ficção que vigorava até então, processo no qual as noções de fictício e factual se aproximaram de forma notável. Neste período, sobretudo a partir das obras de Defoe, os romances, diferentemente do que acontecia na ficção do século anterior, passaram a se afirmar como narrativas verdadeiras apresentando ao leitor cenários e personagens mais verossímeis e plausíveis²⁶. Contribuindo com estas alterações, autores como Defoe se esforçaram por escrever romances que se parecessem com obras de história, biografias, diários particulares e diversos outros textos considerados como factuais pelos contemporâneos²⁷. Dentre estes escritos não ficcionais, vale destacar os relatos de viagem que parecem ter sido importantes textos de referência para os romances que analisaremos²⁸. Neste sentido, as semelhanças entre a ficção de Defoe e as narrativas de viagem parecem indicar uma utilização das leituras realizadas pelo autor, usos que provavelmente denotam um intuito de se construir a verossimilhança nestas obras. Tendo em mente esta aproximação entre romances e textos de viajantes as representações do Novo Mundo contidas nas obras de Defoe dialogam, de certo modo, com as práticas de expansão imperial e comercial britânica de fins do século XVII e início do XVIII.

Tendo em mente a convergência destes fatores no contexto de produção das obras de Defoe – formado de um lado pelas transformações literárias e de outro pela apropriação dos relatos de viagem – surgem outras questões importantes sobre os processos de leitura. Dentre tantos outros aspectos levantados por Chartier, cabe retomar a importância da prática de recepção dos textos como ponto pertinente para pensar o conceito de apropriação. Neste debate, é importante reiterar a relevância das obras de Michel de Certeau, historiador que explorou temas de peso para História da Leitura e que também repercutiram decisivamente no

²⁶ Para ver mais sobre a história e a ascensão do romance inglês: BACKSCHEIDER, Paula R.; INGRASSIA, Catherine (ed.). *A companion to the eighteenth-century English novel and culture*. Malden: Blackwell, 2005; MCKEON, Michael. *The origins of the English novel: 1600-1740*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988; RICETTI, John (ed.). *The Cambridge companion to the Eighteenth-century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996; VASCONCELOS, Sandra G. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. Para discussões teóricas sobre o romance: BAHKTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. da UNESP/ Hucitec, 1988; ADAMS, Percy G. *One: The Amorphous, Prodigious, Evolving Novel - Now and Then Travel. Literature and the Evolution of the novel*. Kentucky: University Press of Kentucky, 1983, pp. 1-36; LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²⁷ J. Paul Hunter merece destaque neste aspecto da história do romance inglês, pois o autor atribui grande importância à relação entre a ascensão do gênero e a interação com outros textos não ficcionais que circulavam entre fins do século XVII e início do XVIII: HUNTER, J. Paul. *Before novels: the cultural contexts of eighteenth-century English fiction*. New York: Norton, 1990.

²⁸ Sobre a relação entre o romance e os relatos de viagem: HUNTER, J. Paul. 14. The Self in the World: History, Biography, and Travel Books. In: HUNTER, *Before novels*, pp. 338-355.

pensamento de Chartier²⁹. A abordagem proposta por ambos os autores, nos permite pensar nosso objeto, a um só tempo, pelo viés da escrita e da leitura. Por um lado, a onipotência da figura do autor – neste caso, de Defoe –, de certa maneira, é relativizada pelo peso de suas referências na construção dos textos, demonstrando que o escritor precisa ser pensado como fruto das possibilidades culturais de uma época³⁰. Por outro, a forma pela qual Defoe se utilizou de suas leituras reitera o caráter ativo do leitor como agente histórico, na medida em que demonstra que a recepção e apropriação dos textos também contribuem para o processo de reconstrução do significado atribuído às realidades representadas por meio da ficção³¹.

Por fim, cabe ressaltar outro aspecto importante para nossa análise, reiterando uma ideia levantada por Chartier que, por sua vez, caracteriza a representação como “campo de concorrências e de competições” no qual as disputas pela difusão ou imposição de uma determinada visão de mundo denotam confrontos culturais³². Como produtos construídos pela cultura britânica, as representações do Novo Mundo aqui analisadas demonstram um esforço de legitimação da expansão dos domínios da Grã-Bretanha e de crítica da colonização espanhola. Nas obras que analisaremos, as visões difundidas sobre a América tendem a questionar a forma pela qual os espanhóis desfrutaram de seus territórios, caracterizando estes colonizadores como indolentes e autoritários. Na perspectiva oferecida por estes textos, os contatos e diálogos entre britânicos e nativos sempre tentam construir uma visão positiva sobre as investidas imperiais promovidas pela Grã-Bretanha, comparando-as frequentemente com as percepções sobre o mundo colonial governado pelos espanhóis.

Diante destes esclarecimentos introdutórios, faz-se necessário expor uma breve síntese do percurso de análise que se desdobrará nas páginas seguintes. No capítulo inicial, trataremos do contexto de produção dos romances de Defoe, apontando alguns aspectos biográficos e identificando sua atuação nos meios letrados ingleses do período. Neste sentido será pertinente assinalar a forma pela qual o autor participou das discussões sobre questões políticas e administrativas da época por meio de suas primeiras obras e de seu periódico.

²⁹ CERTEAU, Michel de. III. Fazer com: usos e táticas; XII. Ler: uma operação de caça. In: *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 91-106; 259-303; Na década seguinte a questão da recepção também será retomada ocasionalmente em reflexões propostas por Michel de Certeau: 8. A estrutura social do saber. In: *A Cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995, pp. 163-189. Chartier fundamenta muitas de suas discussões sobre a leitura e a recepção fazendo largo uso das obras de Michel de Certeau: CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994, pp. 11-33; _____. 6. Estratégias e táticas. De Certeau e as "artes de fazer". *À beira da falésia*, pp. 151-1612.

³⁰ CHARTIER, Roger. “Figuras do autor”. In: *A ordem dos livros*, pp. 33-65. Sobre a leitura realizada pelo figura do escritor: CHARTIER, Roger. O romance: da redação à leitura. In: *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI – XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, pp. 97-125.

³¹ CERTEAU, *A invenção do Cotidiano*, pp. 268-272.

³² CHARTIER, *História Cultural*, p. 17; Discussão também desdobrada em *À beira da falésia*, p. 73.

Ainda neste capítulo serão abordadas as transformações literárias que caracterizaram a ascensão do romance, gênero que se encontrava em formação na Inglaterra setecentista. Defoe – sucedido por autores como Richardson e Fielding – foi o primeiro grande nome do romance inglês e figurou entre os autores responsáveis pela incorporação de inovações literárias que marcaram rupturas entre este gênero ascendente e a prosa de ficção anterior. Uma destas especificidades é a proximidade com textos não ficcionais dentre os quais se incluem as narrativas de viajantes.

No capítulo seguinte, serão analisadas algumas características do gênero literário comumente designado pela expressão “relatos de viagem”, identificando a contribuição do gênero para a difusão de representações sobre o continente americano. Neste sentido tentaremos mapear alguns dos autores e temáticas que despertaram o interesse de Defoe tentando perceber qual o conhecimento sobre o Império Britânico na América se encontrava nestas obras referenciadas pelo autor. Desta forma, será possível identificar, a um só tempo, a contribuição destes textos para a construção de um conhecimento sobre o passado da expansão imperial britânica e a projeção de novas conquistas territoriais propostas por estes viajantes que também percorreram regiões pertencentes a outros Impérios Europeus.

Por fim, no terceiro capítulo, estabeleceremos comparações entre os romances de Defoe e os relatos de viagem que lhe serviram como referência tentando identificar em que medida é possível afirmar que as representações do Novo Mundo em suas obras ficcionais também são compostas por apropriações de conteúdos oriundos das leituras que realizou. Analisando também os ensaios de Defoe dedicados às discussões da *South Sea Company*, será possível perceber quais aspectos destes relatos de viagem embasaram os debates promovidos pelo autor e em que medida há uma continuidade destes assuntos em sua produção ficcional. Ademais, tentaremos problematizar o conteúdo destas representações buscando identificar quais elementos contribuem para a compreensão dos contextos históricos dos quais elas tratam e em que medida estas percepções são condicionadas pelos anseios expansionistas britânicos defendidos por Defoe.

I – DEFOE E A LITERATURA SETECENTISTA

Em 1726, momento avançado de sua carreira, quando já tinha se consagrado em vários gêneros literários, Daniel Defoe, com o intuito de orientar os jovens que pretendiam ter sucesso em sua vida adulta e profissional, escreve *The Complete English Gentleman*. No momento em que se dirige ao comerciante inglês, mais especificamente, àquele que, por limitações quaisquer, não pudesse percorrer o mundo para entender a dinâmica das trocas comerciais de forma empírica, o autor sugere que:

ele deve percorrer o mundo por meio dos livros... deve dar a volta no globo com Dampier e Rogers e conhecer mil vezes mais do que todos estes viajantes iletrados... ele deve descobrir a América com Colombo, conquistá-la com o grande Cortez, e pilhá-la com Sir Francis Drake³³.

Esta obra foi postumamente publicada no século XIX e reeditada por vários historiadores e biógrafos interessados pela vida do renomado autor inglês. O trecho vem confirmar algo que já era perceptível em vários de seus livros: Defoe era um grande apreciador de relatos de viagem. A trajetória do protagonista de seu primeiro e mais famoso romance, *Robinson Crusoe* (1719), tem nítidas semelhanças com a vida de Alexander Selkirk, navegante escocês que ficou naufragado em uma ilha próxima à costa do Equador na América do Sul, sujeito cujo resgate é narrado no relato de viagem de Woodes Rogers³⁴. Críticos literários como Maximillian Novak defendem que as descrições precisas e realistas dos cenários – compostos por diversas regiões do globo – presentes nos enredos de Defoe são resultado de um conhecimento aprofundado da cartografia e das narrativas de viajantes de seu tempo³⁵. Em uma época em que os textos de viajantes eram as principais publicações a difundirem o conhecimento acerca das regiões distantes da Europa, as obras do romancista demonstram não só um fascínio pela literatura de viagem, mas também um grande interesse pelo Novo Mundo e pelas suas potencialidades naturais e comerciais. Além da ilha em que Crusoe naufraga, outros cenários do continente americano circundaram seus personagens, como se vê nos casos de *Moll Flanders* (1722), *Colonel Jacque* (1724) e *A New Voyage Round The World* (1724).

³³ No original “he may make the tour of the world in books . . . He may go round the globe with Dampier and Rogers, and kno’ a thousand times more in doing it than all those illiterate sailors . . . He discovers America with Columbus, conquers it with the great Cortez, and replunders it with Sir Francis Drake.” Tradução nossa: DEFOE, Daniel. *The Complete English Gentleman*, pp. 225-226.

³⁴ Alguns trabalhos sobre as comparações possíveis entre Crusoe e Selkirk elucidam algumas semelhanças. Dentre eles destacamos: KRASKE, Robert. *Marooned: the strange but true adventures of Alexander Selkirk, the real Robinson Crusoe*. Houghton Mifflin Harcourt, 2005; SOUHAMI, Diana. *Selkirk's Island: The True and Strange Adventures of the Real Robinson Crusoe*. New York: Harcourt Books, 2001.

³⁵ NOVAK, Maximillian E. Defoe as an innovator of fictional form. RICHETTI, John (ed.). *The Cambridge companion to the Eighteenth-century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 54.

Daniel Foe – como foi registrado – nasceu em alguma data desconhecida entre os anos 1660 e 1661, na paróquia de St. Giles, região de Cripplegate em Londres. Defoe pertenceu a uma família dissidente puritana em um período em que a Igreja Anglicana começava a enrijecer as medidas excludentes para com os grupos protestantes minoritários. Decorrente da educação familiar e de seus estudos, a formação religiosa de Defoe marcou de forma decisiva seus escritos que sempre veicularam seu engajamento contra a perseguição dos dissidentes, manifestando sua indignação perante o radicalismo de alguns setores anglicanos³⁶. Suas convicções religiosas somadas ao caráter ousado e polêmico de seus textos lhes renderam a fama de figura controversa e o inseriram nas discussões políticas de fins do século XVII e início do XVIII. As contendas entre os grupos religiosos de sua época foram assunto recorrente em sua obra, principalmente nos primeiros textos publicados entre 1697 e 1705. Antes de se consagrar como romancista, foi mercador, dono de manufatura, jornalista e funcionário público. Além disso, foi um autor versátil, tendo publicado em vários gêneros literários dentre eles a poesia e a prosa satíricas, o ensaio religioso, panfletos políticos e relatos de viagem³⁷. Na década que antecedeu o sucesso de suas obras ficcionais, Defoe esteve intensamente engajado nos debates da *South Sea Company*, sociedade fundada com o intuito de incentivar e financiar as iniciativas imperiais e comerciais na América³⁸. Em algumas edições de seu jornal, *The Review* (1704-1713) e em ensaios publicados neste período, Defoe explicou o funcionamento da companhia demonstrando os possíveis benefícios àqueles comerciantes que ocasionalmente se filiassem a ela e orientou seus integrantes alertando sobre cuidados necessários nos negócios no ultramar. Ademais, ressaltou nestes textos as potencialidades do Novo Mundo, descrevendo os recursos naturais e as mercadorias que poderiam ser encontradas e adquiridas em tais regiões³⁹. A despeito desta experiência com tantas formas textuais, foi como autor de obras de ficção, ao fim da carreira, que conseguiu maior prestígio, sendo um dos primeiros nomes de destaque a difundir o romance inglês⁴⁰. Ao lado de Samuel Richardson e Henry Fielding, autores que tiveram grande renome a partir de meados do século XVIII, Defoe é considerado um dos pais do romance, contribuindo para o sucesso do gênero e para as transformações formais na prosa de ficção da época.

³⁶ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 4-6.

³⁷ *Ibidem*, p. VII.

³⁸ ARAVAMUDAN, Srinivas. 3. Defoe, commerce and Empire. RICHETTI, John (ed.). *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

³⁹ Ver nota 17.

⁴⁰ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55.

Primeiramente, neste capítulo reconstituiremos alguns aspectos da vida de Defoe relacionando-os com as práticas literárias e discussões políticas com as quais o autor teve contato direta ou indiretamente. Seu notável interesse pelas questões políticas e administrativas de sua época elucidará importantes aspectos sobre o contexto histórico do período trabalhado e será importante para compreender a participação de Defoe nas práticas políticas e nas discussões sobre os rumos da Inglaterra e do Império Inglês. Desta forma será possível demonstrar de que maneira sua atuação como literato e sujeito engajado nos debates de seu tempo se relaciona com os empreendimentos imperiais e, em dada medida, explicará seu recorrente interesse por relatos de viagem. Compreender suas experiências como leitor e escritor que precederam seus textos de ficção será útil para perceber como algumas características formais de seus romances se assemelham às de outros gêneros também conhecidos pelo autor. Estes aspectos também nos levarão a refletir sobre o lugar ocupado por Defoe no processo histórico que ficou conhecido pela historiografia e pela crítica literária como *ascensão do romance inglês*, fenômeno literário que se relaciona com mudanças socioculturais de fins do século XVII e que se desenvolve durante o setecentos. A esta altura, será oportuno pensar algumas semelhanças entre as obras de ficção de Defoe e os escritos não ficcionais da época como o jornalismo, a biografia e os relatos de viagem, formas textuais que compuseram as referências para várias das inovações da ficção do século XVIII.

1. Defoe e a Inglaterra seiscentista

A trajetória de vida de Defoe foi amplamente trabalhada por uma série de autores que se empenharam em reconstituir tanto seus percursos literários como os aspectos externos à sua obra. A despeito da repercussão de seus textos políticos e jornalísticos e também do grande sucesso de *Robinson Crusoe* e de outras ficções sob sua autoria, a primeira biografia sobre o romancista é publicada apenas em 1785⁴¹, mais de cinco décadas após seu falecimento. A este livro de George Chalmers (1742-1825), *Life of Defoe*, sucederam-se várias outras publicações que em fins do século XVIII e início do XIX denotam um maior interesse pela vida e a obra do escritor⁴². Entre os autores mais recentes, é importante reiterar uma grande produção de estudos sobre o romance inglês que se intensificou nas últimas décadas, tendo como destaques autores como Paula Backscheider, Maximillian Novak e John Richetti, críticos literários

⁴¹ CHALMERS, George. *The Life of Daniel Defoe*. London: John Stockdale, 1785.

⁴² Para uma ampla lista de obras sobre a vida e a obra do autor ver: Daniel Defoe. In: WATSON, G. (ed.). *The New Cambridge Bibliography of English Literature*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, pp. 880-917.

especialistas em literatura setecentista que também se dedicaram – cada um a seu modo – ao estudo da biografia e do legado literário de Defoe⁴³.

Por conta da carência de registros e de informações, os primeiros anos de vida e a juventude de Defoe constituem um período nebuloso para os estudiosos. Por este mesmo motivo, é difícil saber de que maneira os eventos da década de seu nascimento repercutiram na vida de sua família⁴⁴. A maioria das informações que se tem sobre suas experiências familiares, seus estudos quando jovem e sua atuação como mercador estão difusas em textos publicados já em sua maturidade e foram expressas naqueles raros momentos em que o autor relembra aspectos de sua vida particular. Tendo nascido em alguma data desconhecida entre 1660 e 1661 na capital inglesa, sua infância foi coetânea a acontecimentos decisivos para a cidade como a Restauração da Monarquia em 1660, a Grande Praga em 1665 e o Grande Incêndio em 1666⁴⁵, eventos que terão repercussões diretas ou indiretas na trajetória intelectual do autor. No início da década, a volta de Carlos II de seu exílio na França reconstituiu o regime monárquico inglês, evento de desdobramentos imediatos na vida política, mas que também foi de grande importância para os rumos da produção literária no restante do século⁴⁶, como veremos adiante. Os trágicos eventos de 1665 são retratados em *A Journal of the Plague Year* (1722), um dos romances históricos que compõem as famosas obras de ficção publicadas pelo autor no fim de sua carreira⁴⁷. O Grande Incêndio de Londres, por sua vez, será um estímulo para a confecção e venda de tijolos e telhas durante as décadas que o sucedem, atividade à qual Defoe se dedicou na última década do século XVII⁴⁸.

A atuação de Defoe como letrado em fins do século XVII e início do XVIII está igualmente relacionada aos conflitos e discussões políticas que perpassaram o período. Ainda que a Restauração da Monarquia em 1660 tenha marcado o fim do período de instabilidades da *Commonwealth*, as tensões entre grupos políticos e religiosos se perpetuaram no restante do século. A proximidade entre Carlos II e a corte francesa e o rumor de que o monarca se converteria ao catolicismo mantinham uma desconfiança entre os protestantes e seus representantes parlamentares que, por sua vez, receavam as perseguições e restrições que

⁴³ BACKSCHEIDER, Paula R. *Daniel Defoe: his life*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989; NOVAK, Maximillian E. *Daniel Defoe: Master of fictions: His life and ideas*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2001; RICETTI, *The Life of Daniel Defoe*, 2005.

⁴⁴ BACKSCHEIDER, *Daniel Defoe*, pp. 20-21.

⁴⁵ BRIGGS, Asa. *História Social de Inglaterra*. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 162.

⁴⁶ *Ibidem*, pp. 158-159.

⁴⁷ DEFOE, Daniel. *A journal of the plague year*. London: J. M. Dent & sons; New York: E. P. Dutton & CO, 1908.

⁴⁸ RICETTI, *The Life of Daniel Defoe*, 2005, p. 17.

poderiam resultar de um governo católico⁴⁹. As contendas se intensificaram entre os anos 1679 e 1681, período no qual parte dos parlamentares tentou aprovar o *Exclusion Bill*, projeto de lei que pretendia retirar o irmão de Carlos II, Jaime, da linha de sucessão do trono inglês. Diferentemente de Carlos, Jaime já tinha se convertido ao catolicismo o que significava uma ameaça ainda maior aos protestantes, pois o então soberano não tinha filhos e seu irmão católico seria o próximo a ocupar o trono. Este período de mais de dois anos ficou conhecido como *Exclusion Crisis*, momento em que o Parlamento tentou repetidamente aprovar o referido projeto de lei e foi dissolvido diversas vezes pelo rei. Portanto, como na época da Guerra Civil, em termos práticos, as discussões políticas desta década colocaram aqueles que defendiam o poder do Parlamento e a manutenção de uma monarquia protestante de um lado e aqueles que defendiam a soberania do Rei e a integridade da linha sucessória de outro. Mesmo que não tenham surgido neste contexto, os conceitos de *Whig* e *Tory* passaram a designar estas duas principais tendências da política inglesa, termos que se mantiveram nas décadas seguintes e que caracterizaram as polarizações parlamentares da época. Os *Whigs*, aqueles envolvidos com os projetos que retirariam Jaime da linha de sucessão, defendiam posições liberais na política e na economia e tendiam a representar os interesses das camadas médias e baixas da hierarquia socioeconômica da época. Os *Tories*, defensores da legitimidade de Jaime como herdeiro do trono, manifestavam posições mais conservadoras e tradicionalistas, representando, principalmente, a aristocracia inglesa e defendendo uma maior centralização do poder na figura do rei⁵⁰. Com a morte de Carlos II em 1685, a subida de seu irmão, que se tornou Jaime II, foi acompanhada de rebeliões por parte de setores *Whig* que intentavam retirar o católico do trono. Jaime tinha apenas uma filha, Maria, herdeira protestante que afastava a possibilidade de uma nova sucessão católica. Entretanto, o monarca teve seu primeiro filho colocando em risco a manutenção do trono protestante, principalmente aos receosos olhos dos *Whigs*. Em 1688, o setor *Whig* do Parlamento e a princesa Maria, com apoio de seu esposo, o líder militar neerlandês, Guilherme de Orange, mobilizaram forças que incluíam tropas dos Países Baixos para depor Jaime II que, sem mais alternativas, fugiu para o condado de Kent. Os conflitos se desdobraram até 1690, mas Guilherme III e Maria já eram os monarcas da Inglaterra desde 1688⁵¹. O processo ficou conhecido como Revolução Gloriosa e foi um dos marcos na consolidação do poder do Parlamento em detrimento da

⁴⁹ HILL, Christopher. *Politics and the Constitution. The Century of Revolution: 1603-1714*. London: Routledge, 2002, pp. 221-239.

⁵⁰ Para um tratamento mais minucioso acerca dos conflitos e tensões políticas decorrentes do *Exclusion Bill* ver: JONES, J. R. *The First Whigs: The politics of the Exclusion Crisis (1678-1683)*. London: Oxford University Press, 1961. Destaque para o seguinte capítulo: “3. The first Exclusion Parliament”, pp. 34-73.

⁵¹ BRIGGS, *História social de Inglaterra*, p. 163.

centralização do Rei. Jaime II foi o último rei católico da Inglaterra e o fim do processo revolucionário resultou na proibição de um novo monarca ligado ao catolicismo.

A Revolução e as rivalidades entre os *Whigs* e *Tories* foram de extrema importância para a trajetória de Defoe, pois o autor participou de forma intensa dos debates políticos que se desenvolveram a partir da virada do século. Ainda que tenha se aproximado temporariamente dos *Tories* durante os primeiros anos da década de 1710, em sua trajetória anterior e posterior a este período, o autor apoiou os *Whigs* e defendeu arduamente as liberdades civis, a soberania do povo, a tolerância religiosa e a valorização do mérito e do trabalho em detrimento do privilégio de nascimento aristocrático⁵². Defoe esteve em uma das rebeliões realizadas contra o rei Jaime II em 1685, participou da cerimônia de boas vindas a Maria e Guilherme III em 1689 e foi um árduo defensor da legitimidade do monarca neerlandês após a morte da rainha⁵³. Sua formação religiosa puritana dissidente também o colocou mais afinado aos *Whigs*, já que os *Tories* estavam majoritariamente ligados aos interesses da Igreja Anglicana. O debate relativo aos conflitos religiosos foi aquele que lhe rendeu a fama de figura polêmica e controversa na virada do século, momento no qual o autor esteve frequentemente envolvido nestas discussões. Se o perigo da volta de uma monarquia católica na Inglaterra não tinha tanta importância após 1688, os privilégios da Alta Igreja Anglicana e as restrições legais e perseguições dos grupos religiosos minoritários ainda impediam o estabelecimento de uma liberdade religiosa plena. Ser um protestante dissidente na Inglaterra da virada do século XVII para o XVIII significava estar fora da grande nobreza, dos cargos públicos mais altos e não poder exercer sua religião publicamente. Defoe era um dissidente não conformista e atacava ao mesmo tempo os anglicanos radicais e os dissidentes que se adequavam sem maiores questionamentos às interdições oficiais⁵⁴.

O autor chegou a ser preso em 1703 por ter publicado no ano anterior *The Shortest Way with the Dissenters*, sátira em prosa em que expressava suas críticas ao radicalismo anglicano e ao conformismo dissidente. De qualquer maneira, a liberdade de expressão na cultura escrita e a intensidade da participação da sociedade civil nos debates políticos

⁵² NOVAK, Maximilian E. Defoe's political and religious journalism. In: RICHETTI, *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*, 2008, pp. 33-34.

⁵³ Na biografia de Backsheider há um relato detalhado sobre a participação de Defoe na rebelião de 1685, organizada pelo Duque de Monmouth com o intuito de retirar Jaime do poder. BACKSHEIDER, *Daniel Defoe*, pp. 35-40; O historiador John Oldmixon, um dos principais críticos dos *Whigs* e que também viveu no período da Revolução Gloriosa relata a participação de Defoe nas cerimônias de boas vindas ao Rei Guilherme III e à Rainha Maria em 1689: OLDMIXON, John. *The History of England, During the Reigns of King William and Mary, Queen Anne, King George I.* Being the Sequel of the Reigns of the Stuarts. London, 1735, p. 37.

⁵⁴ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 3-5.

conheceram importantes avanços neste mesmo período⁵⁵. O sistema de licenciamento de publicações vigente desde 1557 havia sido renovado em 1662 e novamente em 1685, regulamentando a forte censura que prevaleceu durante a Restauração e as últimas décadas do seiscentos. Entretanto, o decreto expirou em 1695, sem renovação, o que diminuiu o controle do governo sobre o conteúdo publicado em livros e panfletos. Desde 1665, a *London Gazette*, noticiário inglês oficial, era veiculada duas vezes por semana, mas a intensificação da publicação e do consumo de periódicos não oficiais no final do XVII já denotava maior liberdade de participação dos letrados na escrita jornalística, bem como o aumento do interesse por leituras semanais por parte do crescente público leitor⁵⁶. A estabilidade entre rei e parlamentares que sucedeu a Revolução Gloriosa e a obrigatoriedade de se realizar eleições gerais a cada três anos instituída pelo *Triennial Act* de 1694 atribuiu uma nova importância às discussões políticas e à participação da sociedade nestas questões. Defoe participou deste processo por meio de seus panfletos, poesias satíricas, ensaios e periódicos registrando os principais acontecimentos da política e economia e opinando sobre os mais diversos assuntos⁵⁷.

2. As discussões sobre o Novo Mundo

Além deste cenário interno, em que a importância dos letrados na construção da opinião pública estava aumentando, também há um panorama externo da segunda metade do século XVII no qual os domínios imperiais ganhavam maior atenção. Entre meados do seiscentos e as duas primeiras décadas do setecentos os pontos de colonização nos três continentes se multiplicaram, movimentando um grande contingente de pessoas para estas novas terras e dando um novo fôlego para o comércio entre as várias partes do Império. A América Inglesa, que já tinha destaque no início do século XVII com as primeiras grandes lavouras na Virgínia, passa a despontar com a chegada de mais ingleses que consigo levavam índios de outras partes do continente americano e negros africanos para o trabalho na terra. Durante a *Commonwealth* e a Restauração, territórios como a Nova Inglaterra na América do Norte e a ilha de Barbados no Caribe conhecem um crescimento populacional inusitado. Na

⁵⁵ NOVAK, Maximilian E. Defoe's political and religious journalism. In: RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, 2008, pp. 26-29.

⁵⁶ BRIGGS, *História social de Inglaterra*, pp. 160-161. A ampliação do público leitor, a intensificação da participação dos letrados nas discussões políticas e o maior interesse e circulação de livros e periódicos são trabalhados de forma aprofundada em uma obra de James Melton que dedica grande atenção à Inglaterra e à França, mas que trabalha toda a Europa. MELTON, James Van Horn. *The rise of the public in Enlightenment Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. Na parte II, destaque o capítulo: "4. Writing publics: eighteenth-century authorship."

⁵⁷ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, 2005, p. 72.

porção continental as regiões de Charleston, Nova Iorque, Terra Nova e Nova Escócia juntamente com as ilhas caribenhas da Jamaica e do Arquipélago das Bahamas são alguns dos exemplos dos novos pontos de colonização inglesa que demonstram a expansão que se realizou no período⁵⁸. Segundo levantamentos do historiador James Horn, entre o início e o fim da segunda década do século XVIII a saída de emigrantes ingleses para as treze colônias da América Inglesa duplicou, passando de cerca de 2.300 homens para aproximadamente 5.600. Entre 1720-29 – período que abarca as publicações de obras de ficção de Defoe – o número saltou para 9.600 e ao final da década seguinte alcança 21.900 emigrantes saindo da Inglaterra e indo para a porção norte das possessões inglesas na América⁵⁹.

A nova configuração do Império e o crescente peso que ocupava na economia do reino foram percebidos pelos historiadores da época que se empenharam em descrever e analisar estas novas possessões em suas obras, como foram os casos de Nathaniel Crouch em *The English Empire in America* (1685) e John Oldmixon em *The British Empire in America* (1708)⁶⁰. Ainda que em um primeiro momento este não tenha sido o principal assunto tratado por Defoe, o comércio com as colônias aparecerá com recorrência em seus textos desde suas primeiras experiências como escritor. Em seu primeiro livro, *An Essay upon Projects* (1697) sua atenção recai sobre questões administrativas do governo inglês e o autor sugere uma série de medidas para o melhoramento econômico e social da nação. Quando menciona o comércio externo e opina sobre seu regulamento, Defoe reitera a importância que a América Inglesa ganhou naquele período, fazendo frequente uso de exemplos como a Virgínia e Barbados⁶¹.

Nos anos que seguem esta publicação voltada para questões administrativas do governo inglês, Defoe esteve envolvido com as polêmicas político-religiosas que perpassaram o fim do governo de Guilherme III – cuja esposa já havia falecido – e o início do reinado de Ana da Inglaterra. Além dos diversos panfletos que recorrentemente publicava desde os primeiros anos como escritor, Defoe lançou neste período duas das obras que mais contribuíram para sua fama de figura polêmica dentre os letrados engajados nas questões políticas da virada do século. Primeiramente, veio à luz *The True-Born Englishman*, de 1701, uma poesia satírica na qual o autor defende Guilherme III, o monarca inglês de origem neerlandesa, dos ataques contra a legitimidade de seu trono. Um ano mais tarde, publica *The shortest way with the dissenters* (1702) que, em forma de prosa satírica, ataca de forma

⁵⁸ BRIGGS, *História Social de Inglaterra*, pp. 171-178.

⁵⁹ HORN, James. British Diaspora: Emigration from Britain, 1680 - 1815. In: MARSHALL, P. J (ed.). *The Oxford History of the British Empire*, Vol. II: The Eighteenth Century. Oxford: Oxford University Press, 1998, pp. 32-33.

⁶⁰ ARAVAMUDAN, Defoe, commerce and Empire, pp. 48-49.

⁶¹ DEFOE, *An Essay upon Projects*, pp. 323-324.

agressiva a conduta excludente dos anglicanos radicais para com os dissidentes e, simultaneamente, o conformismo de parte destes últimos que na sua opinião aceitavam passivamente as perseguições e restrições impostas pela religião instituída. A primeira é uma de suas obras mais lidas após *Robinson Crusoe* e contribuiu decisivamente para sua projeção como letrado. A prosa satírica de 1702, por sua vez, gerou grande alvoroço no período, o que resultou em sua prisão no ano que sucedeu sua publicação. Seu amigo Robert Harley, Presidente da Câmara dos Comuns da Inglaterra, por meio de sua influência, retirou-lhe da prisão e Defoe, em resposta, ofereceu seus serviços e sua lealdade⁶². O autor passou a trabalhar para Harley e, portanto, de forma indireta, para o governo, o que não o impediu de manifestar suas críticas e divergências quanto a uma série de questões que lhe incomodavam na política da época. Defoe trabalhou pelos próximos anos como jornalista dirigindo e redigindo o *Review* (1704-1713), periódico no qual o autor tratou de discussões pertinentes ao governo se inserindo, como sempre, nas contendas políticas da época. Neste período, Defoe precisou amenizar sua agressividade como debatedor, mas nem por isso deixou de expressar em seus periódicos suas convicções majoritariamente inclinadas aos *Whigs*. Ainda nestes anos, atuou como agente secreto promovendo a união entre a Escócia e a Inglaterra e viajando por várias regiões dos dois reinos⁶³.

Entre 1697 e 1713, portanto, o trabalho de Defoe esteve ligado a três questões de grande importância para a primeira metade do século XVIII inglês: o processo de união entre os reinos da Inglaterra e Escócia; os diálogos e conflitos entre as nações europeias no decorrer da Guerra de Sucessão Espanhola; e a participação em discussões políticas e econômicas por meio de seu periódico, *Review*. O propósito principal de seu jornal, segundo o autor era relatar e comentar as relações políticas e comerciais entre as nações europeias no contexto da Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1714), tendo como foco a França e sua pretensão em anexar a Espanha a seus domínios. O conflito se iniciou com a crise sucessória do trono espanhol por conta da morte de Carlos II que, por sua vez, não tinha um herdeiro direto de sua coroa. Por meio de acordos entre Espanha e França, o então monarca francês, Luís XIV, conseguiu fazer com que seu neto, Duque de Anjou, fosse proclamado o monarca espanhol. A possibilidade de união entre os dois reinos e, conseqüentemente, de junção dos domínios coloniais franceses e espanhóis mobilizou as demais nações europeias dando início à Guerra⁶⁴. Os desdobramentos do conflito, em um primeiro momento, seriam o tema mais importante para o

⁶² NOVAK, *Daniel Defoe*, pp. 177-180.

⁶³ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 113-121.

⁶⁴ ELLIOTT, John. *La España Imperial*, 1469-1716. Barcelona: Vicens-Vives, 1972, pp.404-408.

periódico, mas as questões internas da política e economia da Inglaterra ganharam muito espaço e Defoe passou a conciliar os assuntos de âmbito nacional e internacional⁶⁵. Deste modo, levando em consideração seu primeiro livro e seu periódico, é possível perceber como os debates dos quais o autor participou estiveram ligados às questões coloniais que envolviam, simultaneamente, a importância dos domínios coloniais ingleses e a rivalidade imperial entre Inglaterra e Espanha.

Desde seu primeiro livro, o supracitado *An Essay upon Projects*, a expansão imperial inglesa já se colocava como uma questão de peso em suas discussões. Como o título indica, a obra é um empenho na busca de propostas práticas para as soluções de problemas internos da política e economia da Inglaterra. Na introdução e no capítulo inicial de seu livro, Defoe retoma a trajetória de figuras históricas de destaque por ele denominadas pelo termo *projectors*, sujeitos visionários que, com ou sem êxito, dedicaram esforços para pensar rumos mais prósperos para seus conterrâneos ingleses. Dentre estes indivíduos, o autor menciona Francis Drake, Walter Raleigh e John Narborough, navegantes que em diferentes contextos organizaram viagens de expansão imperial no Novo Mundo e que, como veremos, foram de grande importância como referências para Defoe no embasamento de seus romances e textos não ficcionais que ocasionalmente versaram sobre o continente americano⁶⁶.

Em seu periódico, o Novo Mundo apareceu de duas principais maneiras: primeiramente, quando tratou do comércio com as colônias, ocasiões em que o autor ressaltou o peso da América na economia inglesa – sobretudo por conta da produção e comércio de tabaco, açúcar e tecidos – e sugeriu alterações para melhoramento por meio de maior liberdade de mercado e investimento nas lavouras e manufaturas. Em segundo lugar, o Novo Mundo se fez presente nos momentos em que o autor tratou do conflito entre as nações europeias e a França, contenda que, por sua vez, poderia colocar as disputas imperiais em desequilíbrio já que trazia à tona a possibilidade de união entre dois grandes Impérios Europeus⁶⁷. Uma das principais preocupações do autor residia no fato de que a ascensão do novo rei da Espanha, Filipe V, monarca da mesma casa real de Luís XIV da França,

⁶⁵ DEFOE, Daniel. The aim, purpose, and manner of The Review. Vol. I, feb. 1705. In: *The Best of Defoe's Review: An Anthology*. Edited by William L. Payne. New York: Columbia University Press, 1951, pp. 3-7.

⁶⁶ Ibidem, p. 17; 27.

⁶⁷ Sobre as colônias cedidas pela França no Tratado de Utrecht no fim da Guerra de Sucessão Espanhola: DEFOE, Daniel. A pun upon Peace Makers. Vol. VIII, N. 165, 12 April, 1712. In: *The Best of Defoe's Review: An Anthology*. Edited by William L. Payne. New York: Columbia University Press, 1951, pp. 179-183.

significava uma possibilidade de aliança duradoura entre estes reinos e já repercutia de forma positiva para o poderio econômico e político francês⁶⁸. Nas palavras de Defoe, Luís XIV:

Ao colocar seu neto no trono da Espanha ele cedeu a seus próprios mercadores uma entrada no comércio da América, e ele nunca falha em abrir caminho para seu ganho e vantagem em tudo o que faz. O comércio de ouro realizado pelos comerciantes da França nas Índias Ocidentais Espanholas tem sido uma grande riqueza a eles⁶⁹.

Desta maneira, os franceses conseguiram se inserir nos portos comerciais do Peru e do Chile, tendo acesso às rotas que faziam circular os metais preciosos que ali eram extraídos, bem como uma série de outras mercadorias que eram trazidas das Índias Orientais⁷⁰. Para Defoe, a questão não se restringia ao aumento da força política e econômica da França aliada à Espanha, mas também na forma como estas potencialidades comerciais dos Mares do Sul – ou seja, dos litorais ocidentais sul-americanos – eram aproveitadas. Segundo sua perspectiva, as restrições comerciais entre os Impérios Europeus já eram, em si mesmas, barreiras contra o desenvolvimento econômico de todas as regiões envolvidas⁷¹. Tendo a França a possibilidade de expandir sua influência política por meio de um representante da mesma casa real na Espanha e também tendo acesso a um comércio hispano-americano que não era permitido a outros reinos, o equilíbrio político e econômico na Europa, segundo Defoe, encontrava-se completamente prejudicado⁷². Deste modo, colocava-se a necessidade de que os demais reinos também se fizessem presentes de forma mais ativa em regiões onde o comércio era restrito aos espanhóis, sobretudo nos Mares do Sul⁷³. Os acordos finais do conflito impediram a união entre Espanha e França, mas deram início a um período no qual a participação das demais potências europeias no comércio sul-americano do Sul se intensificou de forma notável⁷⁴.

Durante a segunda década do século XVIII, Defoe retomou estas discussões nos ensaios que publicou para discutir o funcionamento da recém-criada *South Sea Company* (1711) – textos estes serão analisados de forma acurada mais adiante. A fundação foi

⁶⁸ DEFOE, Daniel. England not imperialist. Vol. IV, N. 101, 4 oct. 1707. In: DEFOE, *The Best of Defoe's Review*, p. 176-179.

⁶⁹ No original: “In setting his grandson upon the throne of Spain he has given his own merchants an inlet into the trade of America, and he never fails to make room for the gain and advantage of his subjects in everything he does. The golden trade the merchants of France have made to the Spanish West Indies has been an incredible wealth to them”. Tradução nossa: *Ibidem*, p. 177.

⁷⁰ ELLIOTT, *La España Imperial*, pp. 408-409.

⁷¹ DEFOE, Daniel. A United Nations for 1709. Vol. VI, N. 7, 19 Apr. 1709. In: DEFOE, *The Best of Defoe's Review*, pp. 155-157. Sobre a Guerra de Sucessão Espanhola, sua repercussão nas relações políticas e econômicas entre as nações europeias: BLACK, Jeremy. *European Warfare in a Global Context, 1660-1815*. New York: Routledge, pp. 72-76.

⁷² DEFOE, A United Nations for 1709, pp. 177-178.

⁷³ *Ibidem*, pp. 158-160.

⁷⁴ MIR, Lúcio B. *Ladrones de guante blanco: la corrupción porteña en tempos de la South Sea Company (1713-1752)*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008; pp. 15-19.

resultado de uma parceria entre Coroa e comerciantes para financiar e incentivar empreendimentos comerciais e coloniais, mas principalmente para se fomentar as rotas de comércio na América do Sul⁷⁵. Após o fim do conflito entre a França e o restante da Europa, a *South Sea Company* ganhou o monopólio do comércio de escravos para as colônias espanholas. Ainda que a maior parte da força de trabalho da América Espanhola fosse composta por ameríndios, os africanos passaram a ter uma importância crescente nos domínios ibéricos, principalmente no Caribe. Defoe seguiu discutindo as formas de aprimorar o comércio por meio da *South Sea Company* até o fim da década, período em que mais uma vez o autor se esforçou para ressaltar as potencialidades econômicas do Novo Mundo no comércio e na colonização britânicos⁷⁶.

No período que compreendeu os anos entre 1719 e 1724, Defoe continuou publicando diversos panfletos comentando os debates políticos do período, mas se dedicará principalmente a escrever inovadoras obras de ficção. Ainda que tenha tido uma grande importância como jornalista e debatedor da política inglesa, foi por meio destes livros – principalmente *Robinson Crusoe* (1719) – que Defoe se consagrou como um dos grandes nomes da escrita em língua inglesa. Nelas, o romancista tentou conciliar narrativas agradáveis com várias das discussões que já realizava por meio de outros gêneros textuais, tratando recorrentemente das questões imperiais.

3. A ascensão do romance inglês

Para que se compreenda a contribuição das obras de ficção de Defoe nas discussões políticas e econômicas de seu tempo, é necessário levar em consideração as transformações literárias de fins do século XVII e início do XVIII que caracterizaram a ascensão do romance inglês, processo no qual o autor teve papel decisivo. Como veremos, as inovações de forma e conteúdo que foram difundidas por este gênero resultaram em uma aproximação entre os enredos ficcionais e as experiências sociais urbanas que, por sua vez, se relacionam com as questões imperiais.

Após o período conturbado da Guerra Civil e da *Commonwealth*, a volta de Carlos II de seu exílio na França marcou o início da Restauração da Monarquia na Inglaterra no ano de 1660, evento que teve repercussões no cotidiano político e na produção literária⁷⁷. A vida na Corte e nos meios letrados passou a absorver as convenções de decoro e etiqueta vindas da

⁷⁵ ARAVAMUDAN, Defoe, commerce and Empire, pp. 52-53.

⁷⁶ Ibidem, p. 56.

⁷⁷ BRIGGS, *História social de Inglaterra*, pp. 158-159.

França, processo que resultou em uma intensificação das relações entre a aristocracia e a produção literária. Com raras exceções, os autores de renome provinham da aristocracia e a escrita estava intensamente marcada pelas convenções literárias tradicionais baseadas em referências clássicas e francesas. As obras de maior destaque neste momento eram marcadas pelos referenciais da Antiguidade e por um conteúdo notadamente cortesão. O período ficou conhecido por Era Augustana como alusão à época de Augusto no Império Romano e a tendência literária vigente foi nomeada pela historiografia como Neoclassicismo, já que os cânones clássicos voltaram a ter grande importância⁷⁸.

As duas formas literárias proeminentes no período eram a poesia – e suas variações – e a dramaturgia, modalidades textuais que mantiveram sua predominância pelo menos até as primeiras décadas do século XVIII. A crítica e as convenções da escrita partiam de bases greco-romanas como Aristóteles, Virgílio, Horácio, Cícero e Juvenal que, por sua vez, eram as principais referências para pensadores franceses, como Descartes, Corneille, Molière e Boileau que também compunham o rol de leituras dos literatos ingleses. O período da Restauração consagrou autores como John Milton (1608-1674) e John Dryden (1631-1700) que difundiram e perpetuaram os padrões da requintada literatura lida pela aristocracia⁷⁹. Na crítica, na poesia, na dramaturgia e até mesmo na prosa estas normas foram defendidas por grandes nomes do primeiro quartel do século XVIII, como Alexander Pope (1688-1744) e o já mencionado Jonathan Swift, ambos rivais políticos e literários de Defoe⁸⁰.

Mesmo dividindo espaço com o drama, a poesia era tida como o ideal estético, sobretudo por conta da importância dos fragmentos textuais de *Poética*, de Aristóteles, obra na qual o filósofo descrevia a poesia épica e trágica. Para outras modalidades textuais, as sistematizações foram formuladas pelos críticos franceses e ingleses do período que, partindo das referências clássicas, deduziam as convenções necessárias para orientar os demais gêneros⁸¹. Em 1704, John Dennis organizou os subgêneros poéticos de forma hierárquica, em uma passagem bastante objetiva de seu *Grounds Of Criticism in Poetry*. O crítico e dramaturgo afirma que a “Poesia Maior é a arte pela qual um poeta incita grandes emoções” e esta categoria inclui a poesia “Épica, Trágica e Lírica”. A “Poesia Menor”, por sua vez, incita “emoções menores”, e inclui a “Comédia, a Sátira, a pequena Ode, e os poemas Elegíacos e Pastorais”. Ainda que em sua formulação exista uma distinção hierárquica que colocava as

⁷⁸ VASCONCELOS, Sandra G. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Hucitec – FAPESP, 2007, pp. 69-70.

⁷⁹ BOND, Donald F.; SHERBURN, George. *A Literary History of England: Volume III - The Restoration and Eighteenth Century (1660 - 1789)*. London: Routledge & Keagan Paul Ltd., 2005, p. 710.

⁸⁰ *Ibidem*, pp. 712-713.

⁸¹ SITTER, John. Political, satirical, didactic and lyric poetry. In: RICHETTI, John (ed.). *The Cambridge history of English literature, 1670-1780*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 313.

modalidades poéticas em diferentes estatutos, a classificação oferecida por Dennis reproduz as tópicas de seus contemporâneos, afirmando que ambas as categorias da poesia deveriam “agradar e instruir”⁸². Apesar de Defoe ter se destacado por seus romances, obras que em termos formais divergiam de maneira radical destas convenções, sua participação nos debates dos séculos XVII e XVIII se deu, em grande medida, por meio da poesia satírica, forma largamente utilizada nas contendas políticas do período.

A prosa de ficção tinha uma repercussão reduzida se comparada às demais formas literárias e sua difusão na Inglaterra se dava principalmente por meio de traduções de autores franceses. A estória romanesca, também chamada de romanescos – nomes pelos quais ficou conhecido em meio à crítica em língua portuguesa – era o gênero que, desde meados do século XVII, circulava na França e que se difundiu com maior intensidade entre a aristocracia inglesa após o estabelecimento da corte de Carlos II. Gautier de La Calprenède, Madeleine de Scudéry e Honoré d’Urfé figuravam entre os principais autores destas extensas obras ficcionais publicadas em vários volumes e que, por meio da prosa, adequavam-se às principais convenções literárias do período. Assim como os demais gêneros, os enredos do romanescos se orientavam pelas normas deduzidas da poesia tendo este gênero e suas variações como parâmetro para a escrita dos demais⁸³. Os personagens eram marcados por elegância e requinte ou por um heroísmo cavaleiresco que reproduzia padrões fixos de conduta em um enredo que se desenrolava em cenários e épocas genéricas, distantes do leitor e definidas de forma imprecisa. Seguindo a tendência da época, o romanescos se dirigia a um público aristocrático e deveria “agradar e instruir”, representando a vida em seus aspectos desejáveis de acordo com os ideais de moralidade e pureza do período, demonstrando recompensa às boas condutas e punição às falhas e erros⁸⁴. O contexto espaço-temporal idealizado e pouco definido somado às condutas padronizadas das personagens atendiam à noção aristotélica de *mimese* que consistia na crença de que a imitação poética deveria conciliar os critérios de verossimilhança e decoro. Portanto, o poeta deveria imitar a realidade em seus aspectos naturais, ou seja, gerais e universais, deixando de lado detalhes e especificidades dispensáveis⁸⁵. Ademais, a norma horaciana de unidade também orientava a construção da personagem que deveria, por sua vez, manter-se fiel a si mesma até o fim da narrativa, regra

⁸² DENNIS, John. *Grounds of Criticism in Poetry* (1704), citado por: WALSH, Marcus. Biblical scholarship and literary criticism. In: NISBET, H. B.; RAWSON, Claude. *The Cambridge History of Literary Criticism Volume 4: The Eighteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 766.

⁸³ BOND; SHERBURN, *A Literary History of England*, pp. 793-794.

⁸⁴ VASCONCELOS, *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, pp. 30-34.

⁸⁵ ARISTÓTELES. *Poética*, VIII. In: HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução Roberto de Oliveira Brandão. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 28.

que reforçava a necessidade de condutas mais ou menos fixas no enredo⁸⁶. Este aspecto, somado às falas e gestos elegantes que compunham o texto, resultavam em personagens que pouco pareciam com a vida cotidiana na Inglaterra setecentista e que estavam nitidamente distantes das pessoas comuns.

O romanesco, baseado nas convenções poéticas, estava intrinsecamente ligado aos meios cortesãos e era produzido e consumido por homens de formação requintada oriundos de academias tradicionais. O novo gênero que se difundiu na Inglaterra durante o século XVIII apresentava aspectos radicalmente divergentes aos desta modalidade de prosa de ficção. O romance – denominado *novel*, em inglês – rompia com importantes padrões da narrativa romanesca apresentando uma nova concepção na construção do enredo, das personagens e na utilização da linguagem⁸⁷.

O novo gênero ficcional demonstrava um interesse por cenários contemporâneos a seu público ou por períodos históricos não muito distantes que, por sua vez, eram precisamente descritos e contextualizados. As personagens eram homens comuns – bem diferentes dos ambientes cortesãos e aristocráticos do romanesco –, representados em seus traços louváveis e condenáveis que possivelmente poderiam mudar no andamento do enredo. Menos extensos que as histórias romanescas, com elementos mais verossímeis e linguagem mais simples, os romances setecentistas atendiam a uma diversidade maior de leitores, que poderia incluir setores da aristocracia, mas que era majoritariamente composta por leitores de estratos sociais médios e baixos⁸⁸.

Se a história romanesca se norteava pelas regras vigentes da poesia e da dramaturgia, o romance, por sua vez, buscava referências de forma e conteúdo em textos não ficcionais como a história, as biografias, o jornalismo ou em modalidades minoritárias de ficção. A imediata identificação entre o leitor e o enredo, possível por meio de seus personagens e cenários verossímeis e sua linguagem descomplicada, tornava o gênero interessante e palatável para pessoas sem a distinta erudição da aristocracia⁸⁹. Como veremos, estes aspectos são importantes para os nossos propósitos, na medida em que as temáticas relacionadas às práticas imperiais presentes nos romances de Defoe interessam tanto à Coroa, quanto a mercadores ligados ao comércio e à colonização do Novo Mundo.

⁸⁶ ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, *A Poética Clássica*, p. 59.

⁸⁷ Lennard Davis apresenta uma descrição objetiva de elementos para distinguir os dois gêneros: *The Romance: Liminality and Influence*. In: *Factual Fictions: The origins of the English novel*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997, pp. 25-41.

⁸⁸ HUNTER, *The novel and social/cultural history*. In: RICHETTI, *The Cambridge Companion to the Eighteenth Century Novel*, p. 19.

⁸⁹ VASCONCELOS, *Público leitor e romance*. In: *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, pp. 137-138.

O público ao qual se dirige o romance e suas similaridades com outras modalidades textuais também nos remetem ao processo de ascensão deste gênero na Inglaterra, um assunto intensamente discutido pela historiografia e crítica literária das últimas décadas. Desde meados do século XVIII, as transformações literárias que opuseram o romance às formas de ficção anteriores já eram discutidas pelos coetâneos e o tema se renovou diversas vezes por meio de debates acadêmicos que continuam sendo realizadas na atualidade. Um dos marcos acerca desta discussão, *A ascensão do romance*⁹⁰, publicada por Ian Watt em 1957, foi uma das obras importantes para renovar as explicações dadas ao referido fenômeno que difundiu uma das formas literárias mais lidas no Ocidente. O autor estabeleceu relações entre as transformações na composição do público leitor e as modificações filosóficas e socioeconômicas ocorridas durante o século XVII, inserindo a ascensão do novo gênero ficcional em processos mais amplos e atribuindo importância aos hábitos de leitura, que até então não figuravam entre os fatores tidos como decisivos no processo. O peso de sua argumentação se fez presente nos principais autores que retomaram a discussão contrapondo ou complementando suas afirmações.

Destacamos aqui a obra de J. Paul Hunter, *Before Novels: The Cultural Contexts of Eighteenth-Century Fiction* (1990)⁹¹, autor que reitera vários aspectos levantados por Watt, mas que vê a necessidade de reformular alguns de seus argumentos e atualizar dados sobre o público leitor da época. Hunter compreende o processo de ascensão do romance por meio de uma reconstituição das demandas dos novos leitores da Inglaterra de fins do século XVII e início do XVIII, levando em consideração uma diversidade de textos que circulavam no período para identificar quais desejos e interesses – entendidos por ele como fenômenos socioculturais – o público buscava sanar por meio das leituras⁹². O autor identifica um rápido crescimento do número de adultos que sabiam ler entre os anos de 1600 e 1800, grupo que no início deste período representava 25% dos homens ingleses e ao fim do século XVIII alcançou uma proporção próxima a 80%. Desta maneira, o autor afirma que, nas últimas décadas do século XVII, a quantidade de adultos que provavelmente tinham acesso à leitura somava 45% entre os homens ingleses. Considerando que a maior parte da aristocracia já era letrada e que em termos quantitativos ela representava uma minoria diante dos homens comuns, estes novos leitores, segundo o estudo de Hunter, só poderiam ser oriundos de

⁹⁰ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁹¹ HUNTER, J. Paul. *Before novels: the cultural contexts of eighteenth-century English fiction*. New York: Norton, 1990.

⁹² *Ibidem*, p. XIX.

camadas médias e baixas⁹³. Este novo público era majoritariamente composto por jovens que haviam chegado recentemente às cidades – sobretudo a Londres – buscavam textos que tratassem da vida urbana e que orientassem suas escolhas e condutas no trabalho, na vida amorosa, nas práticas religiosas e na convivência cotidiana. Estes jovens, portanto, buscavam estes referenciais em uma diversidade de leituras que incluía textos jornalísticos, baladas, poesias, peças de teatro, ensaios religiosos, diários, biografias, obras históricas e relatos de viajantes, textos que, por sua vez, serviram de inspiração para aqueles romancistas que se mantiveram atentos às tendências da leitura e que se apropriaram de elementos destes gêneros para compor suas obras de ficção⁹⁴.

4. A verossimilhança do romance

As transformações no público, as características do romance que atendiam a estes novos leitores e a semelhança entre o gênero e outras modalidades textuais são aspectos interessantes, pois demonstram a proximidade entre a prosa de ficção e a demais práticas de leitura realizadas nas cidades inglesas do período. Quando escreveu seus romances, assim como nos jornais, Defoe – dentre tantos outros tópicos – tratou de questões pertinentes ao governo e aos homens ligados ao comércio⁹⁵. Mas para que estas obras de ficção conseguissem credibilidade para cumprir um papel realmente ativo nas discussões do período era necessário que seus enredos parecessem reais aos seus leitores. Assim como acentua Hunter, o novo público da virada do XVII para o XVIII buscava conteúdos verossímeis, de fácil compreensão e com um conteúdo instrutivo ou prático para o direcionamento de suas vidas⁹⁶. Neste sentido, a experiência de Defoe com o *Review* foi de grande importância, pois alguns dos elementos formais destes textos jornalísticos serão decisivos para garantir a verossimilhança e a plausibilidade de seus romances.

Ambientados em diferentes cenários, que incluem a vida urbana na Londres setecentista e outras localidades da Europa e do mundo, os romances de Defoe, a um só tempo, retratam contextos históricos e se inserem de forma ativa nos mesmos. As discussões que perpassam sua obra ficcional são tão diversas quanto as experiências de seus protagonistas. Desta maneira, assim como nos periódicos com os quais esteve envolvido, sobretudo no *Review*, Defoe, em seus romances, não só narra e descreve os eventos, mas

⁹³ HUNTER, *Before Novels*, op. cit, pp. 66-68.

⁹⁴ *Ibidem*, pp. 167-355.

⁹⁵ VASCONCELOS, Sandra G. Recepção do romance: periódicos e resenhas. In: _____. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, 2002, pp. 151-165.

⁹⁶ HUNTER, *The novel and social/cultural history*, pp. 20-22.

também insere seus posicionamentos, na maioria das vezes por meio de algum juízo emitido pelos protagonistas. Se pensarmos apenas o caso de *Robinson Crusoe*, é possível identificar reflexões filosóficas sobre a natureza humana ou sobre a relação entre homem e Deus de um ponto de vista protestante, bem como perceber algumas das opiniões do autor – expressas por meio do protagonista – acerca da colonização espanhola⁹⁷.

Ainda que o periodismo tenha se tornado no século XVIII um dos principais mediadores responsáveis pela difusão dos debates políticos e econômicos para o grande público, a curiosidade para com outros assuntos como a vida privada, o cotidiano social das pessoas comuns e suas eventualidades continuou sendo um forte elemento nas páginas lidas semanalmente pelos ingleses. Lennard Davis – um dos autores que também se destaca nas discussões sobre a ascensão do romance inglês – identifica semelhanças entre o romance setecentista e uma diversidade de pequenas narrativas que também mesclam fato e ficção no Inglaterra seiscentista. Em *Factual Fictions* (1983), o autor afirma que nos séculos XVI e XVII, estes pequenos textos em verso e em prosa relatavam situações “estranhas, porém verdadeiras” de pessoas comuns da Inglaterra, narrativas que antecederam o discurso jornalístico e receberam nomes diversos como baladas, notícias e novelas. De intuito moralizante e com grande apelo para a polêmica, estes textos de baixo custo e de significativa circulação narravam roubos, brigas, cenas de sexo explícito, assassinatos dentre tantos outros eventos bizarros da vida cotidiana, demonstrando um grande interesse por acontecimentos estranhos envolvendo pessoas comuns. Segundo Davis, estas narrativas se modificaram no decorrer do século XVII, muitas delas absorvendo os temas sobre os conturbados conflitos políticos que marcaram o período, tornando-se a base do periodismo que se desenvolveu nas últimas décadas do seiscentos e que se difundiu no século posterior. Davis acredita que esta seja a “matriz diferenciada” do romance inglês que sempre foi ignorada pelos críticos literários e afirma que a linha tênue que existia entre fato e ficção neste discurso é uma das chaves para que se entenda as transformações literárias que contribuíram para a afirmação do gênero em formação⁹⁸. O *Review* de Defoe – assim como o *Tatler* e o *Spectator* dirigidos por Richard Steele e Joseph Addison – esteve entre as iniciativas jornalísticas responsáveis por estabelecerem os padrões da tradição periódica das décadas seguintes, trazendo os principais temas políticos e econômicos da semana, abordando arte e literatura e reservando seções para

⁹⁷ RICHETTI, John. 6. Robinson Crusoe. In: _____. *The Life of Daniel Defoe*, pp. 174-212.

⁹⁸ A importância que Lennard Davis atribui ao discurso jornalístico para o surgimento e difusão do romance inglês resulta em uma análise minuciosa destes textos do século XVII e XVIII que, segundo ele, são a principal “matriz” para o gênero em ascensão. A este respeito, destaco os seguintes capítulos de sua obra: III. News/Novels: The Undifferentiated Matrix; IV. Prose News: Continuity, seriality and ideology e V. The Law and the Press: splitting the discourse. In: DAVIS, *Factual Fictions*, pp. 42-100.

narrar notícias e curiosidades sobre o cotidiano de pessoas comuns da época. O interesse pela vida comum – em detrimento da predominância de temas relacionados à aristocracia – e, ao mesmo tempo, pelos eventos políticos importantes do período que se encontravam naqueles pequenos textos do século XVII se atualizou, portanto, nas páginas dos jornais setecentistas⁹⁹.

Os romancistas, por sua vez, por meio da ficção, responderam a estas duas demandas de leitura ao construírem o cotidiano privado de suas personagens em contextos históricos familiares aos leitores da época, fazendo menção a fatos importantes da política ou inserindo seus protagonistas em cenários ou contextos largamente conhecidos. A tendência generalizante nos personagens e cenários do romanescos foi substituída por enredos verossímeis que contemplavam a dimensão individual e social de uma época. Se na prosa de ficção do século XVII os homens, os lugares e as condutas deveriam ser suficientemente gerais para que pudessem reproduzir valores universais, no século XVIII o intuito de se alcançar a verossimilhança se manifestou tanto na construção de personagens que permeiam as experiências cotidianas dos leitores, quanto na elaboração de cenários e relações sociais que apresentem referências diretas ao contexto histórico no qual o público estava inserido¹⁰⁰. A história de Robinson Crusoe, o aventureiro que se tornou dono de uma fazenda no continente americano e que naufragou em uma ilha deserta permanecendo ali por vinte e oito anos, apenas tem sentido e verossimilhança quando inserida em um quadro maior de relações históricas que caracterizam o Império Inglês e sua expansão, promovida de forma intensiva no decorrer do século XVIII. A trajetória de Moll Flanders, a ladra e prostituta que foi deportada para as colônias na Virgínia onde reconstruiu sua vida, está diretamente relacionada com as discussões sobre o *Transportation Act* de 1717, que decretava que determinados crimes seriam punidos com o desterro e que os condenados seriam enviados para o trabalho na América Inglesa¹⁰¹. Portanto, o caráter geral com tendências universalizantes do romanescos, aos poucos, deu lugar às representações históricas presentes no romance setecentista que, por sua vez, comprometido com um relato verossímil da experiência humana, construía seus enredos com personagens únicos, mas ao mesmo tempo comuns e plausíveis por estarem inseridos em contextos próximos ao do público.

Os assuntos da política e da economia assim como os eventos e curiosidades do cotidiano urbano presentes em diferentes seções dos jornais setecentistas são comparáveis aos romances que se difundem a partir da década de 1720 – encabeçados principalmente pelas

⁹⁹ VASCONCELOS, *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, pp. 152.

¹⁰⁰ HUNTER, *The novel and social/cultural history*, pp. 9-39.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 32.

obras de Defoe, neste primeiro momento – que trazem de forma nítida esta interação entre as dimensões do privado e do público, do individual e do coletivo. Assim como argumenta John Richetti na biografia que escreveu sobre o romancista, além de atender a determinados desejos dos leitores da época, este repertório presente nas obras ficcionais de Defoe contribui para a verossimilhança e credibilidade de suas narrativas, aspectos que possibilitaram que ele não só representasse uma situação, mas que também pudesse opinar sobre ela, tendo em vista a sua proximidade entre o enredo e as experiências vividas do público. Desta maneira, a crítica à agressividade da colonização espanhola, o incentivo aos empreendimentos comerciais e coloniais ingleses – elementos marcantes na saga de *Crusoe* – mesmo em um texto ficcional, almejavam uma função ativa entre os leitores, tal como um periódico, panfleto ou ensaio político¹⁰². A verossimilhança do romance, portanto, cria uma proximidade entre o enredo e as experiências sociais dos leitores permitindo que o autor emita suas opiniões e juízos acerca do contexto histórico representado manifestando suas críticas e defendendo suas convicções. Abordando tais temáticas em suas obras de ficção, Defoe retomou questões de grande interesse por parte do governo, dos letrados que se inseriram nos debates sobre a política e a administração do Império Britânico e, por fim, dos mercadores e investidores que apostavam no comércio e na colonização como fontes de lucro e poder¹⁰³.

Richetti identifica outra proximidade entre o romance e os textos jornalísticos: nos dois gêneros a construção da verossimilhança da narrativa faz largo uso de descrições minuciosas. Assim como em uma notícia de jornal – principalmente naquelas em que o foco reside nas eventualidades do cotidiano urbano – a nova tendência da ficção setecentista narra os acontecimentos e descreve o cenário com uma notável atenção para os pequenos detalhes¹⁰⁴. O relato do momento do naufrago em *Robinson Crusoe*, a luta do protagonista contra as ondas do mar e a enumeração dos objetos e destroços que restaram de sua embarcação demonstram este gosto pelo específico presente nas obras de ficção de Defoe¹⁰⁵. Ademais, o cuidado com a descrição do cenário e das ações dos personagens nos interessa de forma especial, pois são aspectos formais que foram necessários para que as obras de ficção de Defoe pudessem se inserir nas discussões sobre o Novo Mundo, divulgando representações

¹⁰² RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 202-203.

¹⁰³ Um rico balanço sobre as relações entre aquilo que a crítica literária chamou de “realismo” e as transformações literárias que se desenvolveram entre os séculos XVII e XVIII na Inglaterra se encontra no capítulo: Realismo e História Romanesca. In: VASCONCELOS, *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, pp. 27-42.

¹⁰⁴ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 189-191.

¹⁰⁵ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 50-59.

acerca das potencialidades naturais e comerciais do continente americano com o intuito de reiterar as possibilidades de expansão imperial britânica.

Segundo Ian Watt, a valorização do empírico e singular em detrimento do abstrato e universal se apresenta no periodismo e na ficção das primeiras décadas do setecentos e estão inseridos em um processo de transformação filosófica maior que atingiu a cultura escrita e a ciência de forma geral entre os séculos XVII e XVIII. A ruptura já se esboça quando a Reforma Protestante estabelece as ideias de fé e salvação individuais no século XVI, mas a modificação é mais incisiva no campo da filosofia e da ciência do século XVII. Negando as verdades reveladas, pensadores como John Locke defenderam que o conhecimento sempre resulta da experiência humana e que está, portanto, condicionado aos sentidos e à relação do homem com o meio. Desta maneira, o conhecimento é singular e sempre resulta de uma experiência que estabelece a relação entre o sujeito e o objeto, aspecto que diverge do caráter universal e absoluto presente nas filosofias anteriores. No campo da física, a tendência de singularização de cada unidade de tempo e espaço se encontrava, sobretudo, nas inovações do pensamento de Isaac Newton que resultaram em modificações decisivas na ciência moderna¹⁰⁶. Locke e Newton, além de se destacarem neste processo de transformação do conhecimento no Ocidente, compuseram as leituras realizadas em várias das universidades do século XVII, inclusive na academia dissidente em que Defoe desenvolveu seus estudos na juventude¹⁰⁷. Como foi exposto, a individualidade dos personagens, a riqueza de detalhes dos eventos e dos cenários e a precisa delimitação do contexto histórico no qual se desenvolve a narrativa são características do romance setecentista que em certa medida estão relacionadas a estas transformações culturais que se desdobraram em longo prazo após o século XVI e que se consolidaram de forma mais nítida no século XVIII.

Além da semelhança com os textos jornalísticos e o paralelo com a filosofia e a ciência do século XVII, a ficção de Defoe – e dos principais autores que o sucederam na tradição do romance – também apresenta similitudes com a escrita histórica do período. A historiografia seiscentista era classificada pelos coetâneos em três categorias que haviam sido formuladas por Francis Bacon em 1605: as “crônicas”, as “vidas” e as “narrações”¹⁰⁸. Em uma vertente mais tradicional, diversas obras se dedicavam à história política, militar,

¹⁰⁶ WATT, *A ascensão do romance*, pp. 24-30.

¹⁰⁷ Sobre os estudos de Defoe na Academia dissidente de Charles Morton e seu contato com o pensamento de Locke e Newton, ver: RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 4-7. Sobre a proximidade entre a literatura de Defoe e a filosofia de Locke, ver: CUNHA, Gualter. A herança de Locke na literatura inglesa e as partilhas: os casos de Daniel Defoe, Laurence Sterne e William Blake. In: FERREIRA, J. Carlos Viana; MALAFAIA, Teresa de Ataíde (org.). *A herança de Locke*. Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos de Lisboa, 2005, pp. 151-164.

¹⁰⁸ BOND; SHERBURN, *A Literary history of England*, p. 780.

religiosa e institucional da Inglaterra. Neste ramo, obras como *History of Rebellion* do Conde de Clarendon e *History of the Reformation of the Church in England* de Gilbert Burnet estão entre os títulos de destaque, livros centrados nos grandes acontecimentos políticos e religiosos seiscentistas e completamente distantes do cotidiano das pessoas comuns. Em outra via, os diários e as biografias – que se enquadravam na categoria “vidas” da escrita histórica – estavam em voga e os títulos eram cada vez mais diversos e numerosos. Muitos destes textos, como os diários de Samuel Pepys e John Evelyn, não foram escritos com o intuito de publicação e acabavam por permanecer restritos à família de seus autores para uso privado. Entretanto, alguns casos como a autobiografia da Duquesa de Newcastle (1656) ou a história de Margaret Baxter (1696), publicada por seu esposo, o sacerdote puritano, Richard Baxter, tiveram significativa difusão na segunda metade do século XVII¹⁰⁹. A ficção das primeiras décadas do século seguinte já apresentava aproximações com estas obras biográficas, sendo narradas em primeira pessoa e não raro com protagonistas femininas, como o caso das novelas piás ou amorosas de Eliza Haywood, Mary Manley e Aphra Behn¹¹⁰.

Entre as “vidas”, também merece destaque uma tendência biográfica centrada em criminosos ou personalidades do submundo londrino, como ladrões, prostitutas e piratas, figuras recorrentemente representadas no romance setecentista, sobretudo nas obras de Defoe. A famosa Mary Carleton, golpista que se passava por uma princesa germânica para conseguir se casar com homens ricos e lhes tomar a fortuna, foi inspiração para uma série de biografias publicadas no decorrer das décadas de 1660 e 70 que consagraram a história da anti-heroína. Dentre elas a de maior repercussão, *The Couterfeit Lady Unveiled*, foi escrita por Francis Kirkman, autor que, juntamente com seu parceiro Richard Head, se destacou na publicação de biografias e obras de ficção com protagonistas ligados ao crime¹¹¹. Sobre a pirataria, *The Buccaneers of America*, a tradução do texto holandês de Alexandre Exquemelin, trouxe a público a trajetória de uma série de criminosos do mar e se consagrou como livro de grande popularidade na Inglaterra em fins do século XVII¹¹². A obra, inclusive, foi uma importante referência para as viagens de Woodes Rogers, corsário inglês cujos relatos de viagem foram

¹⁰⁹ No capítulo “VII – Patterns on Historical Writing” do volume de Bond e Sherburn de *A Literary History of England* há uma detalhada descrição sobre as tendências da historiografia da época. Ibidem, pp. 781-792.

¹¹⁰ VASCONCELOS, Sandra G. A prosa de ficção entre 1700-1740: um panorama. VASCONCELOS, *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*, pp. 62-64.

¹¹¹ Sobre a onda de biografias sobre Mary Carleton, ver: BERNBAUM, Ernest. *The Mary Carleton Narratives, 1663-1673*. Cambridge: Mass, 1914. Richetti trata destes padrões narrativos da ficção setecentista que antecede o romance e que compõe os referenciais do novo gênero. RICHETTI, John. *Popular Fiction before Richardson: Narrative Patterns, 1700-1739*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

¹¹² ADAMS, Percy. Introduction. In: ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World*. New York: Dover, 1970, p. viii.

lidos e apreciados por Defoe¹¹³. Nestes enredos, a criminalidade e a aventura despertavam o interesse dos leitores, mas eram acompanhadas de uma justificativa moralizante que desencorajasse qualquer conduta fora da lei ou das convenções morais.

Ainda que a vertente de novelas pias da virada do século tenha deixado um importante legado para as gerações de romancistas de meados do setecentos, a chamada literatura picaresca, que na Inglaterra se popularizou pela expressão *roguey*, permeada pela criminalidade das cidades e dos mares, era amplamente apreciada pelo público das primeiras décadas do dezoito e certamente foi um dos referenciais para várias das obras de Defoe. A pirataria representada em *Captain Singleton* (1720) e mundo do crime representado em *Moll Flanders* e em *Colonel Jack* – ambos publicados no ano de 1722 – demonstram o interesse do romancista pela temática, gosto que se confirma alguns anos mais tarde quando Defoe publica *The History of the Remarkable Life of John Sheppard* (1724) e *A General History of the Pirates* (1724)¹¹⁴. Seja nestas obras históricas ou naqueles romances, o autor reconstrói o mundo do crime em uma linha tênue entre o fato e a ficção, fazendo uso de certas técnicas narrativas que contribuem para que o texto se aproxime daquelas biografias que já representavam este mundo do crime.

Além de partilharem de temáticas e de construírem o cenário e as personagens por meio de apropriações destes textos não ficcionais, os romances setecentistas também se aproximavam da escrita biográfica afirmando e enfatizando a veracidade de seus enredos. Desta forma, os romancistas não intentavam apenas que seus textos parecessem histórias reais, mas também que fossem lidos como tais. Para serem recebidos como biógrafos, historiadores ou mesmo como periodistas, os autores faziam referência às fontes que teriam fornecido o material de seus enredos como diários, cartas ou relatos orais. Nas obras de Defoe, a verdade do texto é afirmada nos prefácios por meio da negação da autoria e pela menção às fontes consultadas por ele, que se coloca apenas como o editor ou narrador daqueles fatos que de alguma forma lhe chegaram. Seguindo a norma da época, o título da primeira edição de *Robinson Crusoe*, de 1719, é longo e explicativo e traz, ao fim da pequena sumarização da “vida e das estranhas aventuras” do navegante a observação “escrito por ele mesmo”. No prefácio, Defoe, colocando-se como editor, vê a necessidade de ressaltar a natureza e a serventia da narrativa que apresenta:

¹¹³ LITTLE, Bryan DG. *Crusoe's captain: being the life of Woodes Rogers, seaman, trader, colonial governor*. London: Odhams Press, 1960.

¹¹⁴ GLADFELDER, Hal. “Defoe and criminal fiction”. In: RICETTI, *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*, pp. 64- 83.

O editor acredita que esta é uma sincera história de fatos; não há nenhum aspecto de ficção nela: contudo, pensa, tendo em mente que estas histórias são sempre questionadas, que o conteúdo que ela pode trazer, tanto em termos de diversão quanto de instrução ao leitor, são de igual grandeza; e tal como ele acredita, sem maiores saudações, ele presta grande serviço ao realizar tal publicação¹¹⁵.

No decorrer do romance, Crusoe ocasionalmente menciona o seu livro de memórias no qual registra as experiências que julgava serem dignas de lembrança. Ainda que o compromisso com a verdade tenha grande destaque nos romances de Defoe, o que também significa fornecer uma representação da vida que contemple tanto os feitos virtuosos quanto aqueles repreensíveis, o autor reitera o valor instrutivo e moralizante da obra que vem a público. Os romances seguem se afirmando como verdadeiros, o que ocorre tanto nos dois livros de sequência da saga de Crusoe, quanto nas obras publicadas nos anos imediatamente posteriores. A proximidade com as biografias de piratas – e também com os relatos de viajantes – é percebida principalmente no segundo livro da trajetória de Crusoe e em *Captain Singleton*, ambos lançados em 1720. Este último, entretanto, conta a história de um inglês nascido em uma família nobre que é tomado e criado por ciganos, tornando-se um pirata que percorreu diversas regiões da África e da Ásia¹¹⁶.

Os aspectos biográficos e o interesse pela ficção sobre a criminalidade na obra ficcional de Defoe se combinam novamente em 1722, em *Moll Flanders*. Defoe volta a mencionar o uso de suas fontes reiterando que o texto foi escrito a partir dos memorandos fornecidos pela própria protagonista, cuja identidade foi alterada no decorrer da narrativa por conta do conteúdo possivelmente vexatório de sua trajetória de vida. O suposto editor introduz a obra com um prefácio maior do que os anteriores com mais comentários sobre os detalhes da vida da ladra Moll Flanders afirmando incessantemente a veracidade e a função instrutiva do romance. Defoe afirma que a “autora intenta aqui escrever sua própria história” e prossegue ressaltando que “logo no início de sua narrativa ela nos dá as razões pelas quais ela pensa ser adequado ocultar seu verdadeiro nome” concluindo que “não há motivos para se falar mais sobre isto”¹¹⁷. O prefácio segue mencionando as principais reviravoltas da vida da ladra e prostituta Moll Flanders e orientando a maneira pela qual a leitura deve ocorrer para

¹¹⁵ No original “The Editor believes the thing to be a just History of Fact; neither is there any Appearance of Fiction in it: And however thinks, because all such things are dispatch’d, that the Improvement of it, as well as the Diversion, as to the Instruction of the Reader, will be the same; and as such he thinks, without farther Compliment to the World, he does them a great Service in the Publication.” (tradução nossa). DEFOE, *The Life and Strange, Surprising Adventures of Robinson Crusoe*, p. IV.

¹¹⁶ DEFOE, Daniel. *Captain Singleton*. Ed. Shiv K. Kumar. London: Oxford University Press, 1969.

¹¹⁷ DEFOE, Daniel. *The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders* [...]. London: W. Chetwood, 1722, p. VII.

que as consequências dos erros e pecados da protagonista sirvam de exemplo para o público. É neste momento em que Defoe insere seu posicionamento acerca do *Transportation Act* de 1717, ressaltando a importância do trabalho nas colônias americanas para que os criminosos possam reconstruir suas vidas buscando progresso moral e prosperidade:

Sua aplicação a uma vida sóbria e a um trabalho industrioso com seu esposo deportado, por fim, na Virginia, é uma estória fecunda de instrução a todas as criaturas infelizes que são obrigadas a procurar seu reestabelecimento no exterior; seja pela miséria da deportação, ou qualquer outro desastre, isto faz-lhes compreender que a diligência e aplicação são recompensadas, mesmo na mais remota parte do mundo e que nenhum caso pode ser tão baixo, tão desprezível ou tão vazio de perspectiva que um trabalho incansável não possa lhes retirar desta situação¹¹⁸.

Além da criminalidade, *Moll Flanders* e *Colonel Jack*, ambos publicados em 1722, abordam uma série de questões sociais da vida urbana como a situação das crianças órfãs e pobres, o lugar da mulher no matrimônio e no mundo do trabalho, a importância da educação provida pelo estado e o problema da prostituição – retomado de forma mais aprofundada em *Roxana*, dois anos mais tarde. Muitas destas preocupações já haviam sido expressas no primeiro livro publicado por Defoe, *An Essay upon Projects* de 1697, no qual o autor formula propostas para a solução de uma diversidade de problemas sociais e econômicos da sociedade inglesa da virada do século, tópicos que em grande medida continuam ecoando em seus romances depois de mais de duas décadas. O problema da criminalidade, portanto, liga-se ao Novo Mundo quando as colônias inglesas no ultramar oficialmente passam a ser o destino de homens e mulheres condenados por determinados delitos, deixando sua morada para compor a força de trabalho do Império e podendo – segundo a crença dos defensores da referida lei – reconstituir suas trajetórias de vida por meio de dedicação e trabalho duro¹¹⁹. Os protagonistas destes dois romances permaneceram no Novo Mundo contra sua vontade. Contudo, é justamente a estadia forçosa no continente americano que permite que estas personagens redescubram o valor do trabalho e da sobriedade, fazendo da crise uma oportunidade de mudança e redenção. A lógica puritana que defende mérito e que crê no sucesso econômico como recompensa divina à iniciativa individual somada à retidão das condutas se projeta para a América, terra de oportunidades que, segundo Defoe, oferece as circunstâncias necessárias

¹¹⁸ DEFOE, *Moll Flanders*, p. XI.

¹¹⁹ Franc McLynn publicou uma obra dedicada à história do crime na Inglaterra do século XVIII na qual trata do aumento da criminalidade e do enrijecimento das leis e punições: *Crime and punishment in eighteenth-century England*. London: Routledge, 2002. A deportação para as colônias americanas passou a ser uma punição muito comum durante o século XVIII até o ano de 1783. Este tipo de punição continuou sendo utilizado, mas o destino dos condenados passou a ser a Austrália.

para o progresso moral daqueles que nela trabalharem – e neste caso se incluem os criminosos¹²⁰.

Apesar de não estar no centro de nossa atenção, a região da Virgínia – representada em *Moll Flanders* e *Colonel Jacque* – demonstra alguns aspectos sobre a América que são pertinentes para nossa análise. Como veremos nos capítulos seguintes, Defoe teve contato com a história da região por meio de relatos de viagens sobre expedições organizadas por Walter Raleigh, tal como ele mesmo afirma em *An historical account of the Voyages and Adventures of Sir Walter Raleigh* (1719)¹²¹. Seu interesse e conhecimento sobre a Virgínia e colônias norte-americanas contribuem para a hipótese de que o romancista teve contato com a versão ampliada da coletânea de Richard Hakluyt, *The Principal navigations, trafiques and discoveries of the English nation* (1600)¹²², na qual foram publicadas as viagens de Raleigh e de outros exploradores ingleses que visitaram estas regiões. Ademais, as colônias norte-americanas também tiveram importância nos argumentos de Defoe acerca das possibilidades de expansão do Império Britânico na América, pois os novos territórios que poderiam ser conquistados seriam espaços para a venda dos produtos oriundos destas regiões já conquistadas e colonizadas por seus conterrâneos¹²³.

A esta altura, é possível perceber como as trajetórias individuais dos protagonistas de Defoe foram construídas de maneira que conciliassem o progresso moral e econômico no decorrer das narrativas. As obras do romancista, portanto, também traziam a marca da cultura calvinista que tivera imensa importância entre os grupos religiosos dissidentes na Inglaterra. Em *O controle do imaginário & a afirmação do romance*, Luiz Costa Lima identifica as diferentes formas de controle da imaginação artística vigentes na produção literária europeia no período em que o romance se desenvolveu e se estabeleceu como tendência literária. Partindo de referências literárias clássicas e renascentistas e de seus principais desdobramentos entre os séculos XVI e XIX, o autor defende a ideia de que neste período há uma frequente desconfiança para com o conteúdo ficcional e fantasioso da arte e que o distanciamento entre as obras literárias e as realidades vividas e sentidas era visto como algo moralmente perigoso e enganoso do ponto de vista científico. Logo, o conteúdo ficcional da literatura – que já se encontrava sob vigilância religiosa durante o Renascimento por poder, supostamente, divergir das bases morais do cristianismo – passa também a ser submetido ao

¹²⁰ TODD, Denis. *Defoe's America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 10-13.

¹²¹ DEFOE, *An historical account of Sir Walter Raleigh*, pp. 10-13.

¹²² HAKLUYT, *The Principal navigations of the English nation*.

¹²³ DEFOE, *A true account of the South-Sea Trade*, pp. 19-21.

controle das inovações filosóficas e científicas do século XVII¹²⁴. Como já foi mencionado, autores como Bacon, Descartes, Newton e Locke reiteraram a importância da empiria na busca pela verdade científica e – negando as verdades reveladas e repudiando as bases fantásticas e especulativas do conhecimento – causaram grande impacto no pensamento inglês, inclusive nas academias dissidentes. Costa Lima prossegue afirmando que, a estes mecanismos de controle que já repercutiam no pensamento literário, soma-se o desenvolvimento de uma cultura calvinista que, diferentemente da católica, valoriza de forma radical o mérito individual, a conquista da Graça divina na vida terrestre e a introspecção como busca da verdade religiosa. Entre os séculos XVII e XVIII estes aspectos religiosos, paulatinamente, laicizam-se, alcançando uma repercussão que extrapola o campo religioso e que também atinge a economia e a política¹²⁵. Os romances de Defoe trazem estes elementos culturais de duas principais maneiras: por um lado, na dimensão introspectiva que marca o individualismo no diálogo com Deus e na relação com o mundo; por outro, na relação que seus personagens mantêm com o mundo empírico e material que denota, a um só tempo, sua busca pelo sucesso econômico e a verossimilhanças de sua conduta e personalidade. Neste sentido, Costa Lima defende que as transformações científicas e religiosas que marcaram o pensamento inglês entre o seiscentos e o setecentos modificaram e atualizaram as formas de controle do imaginário artístico, aproximando prosa de ficção e textos factuais e mantendo a desconfiança para com o conteúdo ficcional ou especulativo da literatura. Por conta destes mecanismos de controle da imaginação literária, os romancistas do século XVIII se viram condicionados a negar o conteúdo fictício de suas narrativas, contando-as como histórias verdadeiras, tal como Defoe fez em seus prefácios¹²⁶.

Diante das diferenças entre a prosa de ficção do século XVII e do XVIII e após termos tratado de algumas das características desta nova tendência da literatura, faz-se necessário ponderar certas questões. Se o romanescos perde espaço para o romance no século XVIII, pois este último está mais afinado às demandas do público naquele momento, disto não se deduz que aquele primeiro gênero não tenha exercido um papel importante no período anterior. Mesmo que com um alcance menor, atribuía-se ao romanescos valor moralizante e instrutivo da poesia e da dramaturgia, gêneros que compuseram as leituras da aristocracia que, por sua vez, renovou sua proeminência política, social e cultural no decorrer da Restauração. A situação se transformou quando as novas demandas de leituras resultantes de um público com

¹²⁴ LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 188-194.

¹²⁵ *Ibidem*, pp. 258-267.

¹²⁶ *Ibidem*, pp. 195-209.

experiências socioculturais diferentes daquelas existentes no século anterior encontraram uma resposta mais interessante no romance setecentista. Vale ressaltar ainda, que algumas características do romance gótico – que se difundirá no final do século XVIII – retomam elementos do romanesco, como a tendência nostálgica e o cenário distanciado temporal e espacialmente do público¹²⁷.

Outra ressalva acerca do caráter inovador do romance é importante de ser feita: o fato deste novo gênero ter aproximado a ficção a uma série de textos históricos ou não ficcionais, conseguindo representar realidades próximas à dos leitores bem como opinar sobre elas não significa que estas discussões não tinham visibilidade por meio de outras formas textuais. Uma diversidade de outros textos já debatia as temáticas políticas do período e dentre eles o periodismo, o ensaio político e a poesia satírica estavam entre os mais utilizados e consumidos. Como já mencionamos, Defoe participava do debate entre os letrados – sobretudo naqueles temas relacionados às tensões político-religiosas, tão comuns na Inglaterra – por meio de alguns destes gêneros que, por sinal, compuseram suas publicações na maior parte de sua carreira, tendo em vista que o autor apenas se destacou como ficcionista já com mais de duas décadas de experiência como escritor. Seu contato com outros textos, seja como autor ou como leitor, foi de decisiva importância para a escrita de suas obras de ficção, pois elas combinam uma série de aspectos oriundos de outros gêneros. Uma das especificidades do romance é justamente a sua flexibilidade narrativa que permite que o texto se aproprie de características de outros gêneros e, por meio do enredo, trate de uma diversidade de questões e discussões que se encontravam difusas em diferentes formas textuais. Esta capacidade de tratar de questões diversas em uma mesma obra ficcional somada à nova e também diversa composição do público leitor, ofereceu um meio original e de grande repercussão para debater as questões que preocupavam os ingleses do início do século XVIII. Os romances de Defoe surgem como uma oportunidade para o autor atualizar e dar continuidade a questões que já abordava nos textos publicados desde os últimos anos do século XVII e que continuam tendo pertinência na década de 1720. A ascensão do romance se desenvolve em uma época em que a participação dos diferentes grupos da sociedade nos debates políticos está se ampliando e se tornando mais sofisticada. Ainda que de forma frágil e embrionária, a nova legislação sobre a liberdade de opinião na imprensa, o gradual estabelecimento de uma tradição periodista e a obrigatoriedade de eleições parlamentares pelo menos a cada três anos movimentou a opinião

¹²⁷ VASCONCELOS, Sandra G. Romance gótico: persistência do romanesco. In: _____. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, pp. 118-135.

pública entre a virada do século e as duas primeiras décadas do setecentos¹²⁸. Se Defoe participou dos momentos iniciais deste processo de ampliação dos espaços de discussão por meio de seus panfletos, ensaios e seu periódico, seus romances permitiram que algumas destas questões fossem transpostas para a ficção de maneira que pudessem contemplar novos públicos.

5. A ficção de Defoe e a crítica literária

Na terceira e quarta décadas do século XVIII a prosa de ficção alcançou uma grande repercussão por meio dos romances de Defoe, sobretudo *Robinson Crusoe* e *Moll Flanders*. O autor continua entre os nomes de destaque da ficção nas décadas que sucedem sua morte, mas por volta de 1740 Samuel Richardson e Henry Fielding passam a compor junto dele os pilares da tradição do romance setecentista que ainda conheceriam grandes escritores como, Eliza Haywood, Laurence Sterne, Tobias Smollett e Fanny Burney. Entre o início do setecentos e o lançamento dos primeiros romances de Richardson e Fielding – período que contempla a produção ficcional de Defoe – a publicação de prosa de ficção na Inglaterra girava em torno de sete títulos anuais, número que começou a se multiplicar na quinta década e que ao fim do século somava aproximadamente quarenta obras por ano¹²⁹. O gênero paulatinamente passou a ser praticado abertamente por homens de formação clássica, o que não acontecia na época de Defoe. Se até então a circulação de obras de prosa de ficção na Inglaterra ocorria majoritariamente por meio de traduções e adaptações dos títulos franceses, o romance setecentista não só se difundiu entre o público inglês, como também atravessou o Canal da Mancha em obras traduzidas que ganharam o gosto do público na França¹³⁰.

A despeito da popularidade que esta forma literária alcançou no decorrer do século, sua ascensão foi acompanhada pela resistência por parte de alguns letrados conservadores, autores ligados às convenções e aos gêneros tradicionais e que estavam percebendo a mudança no gosto e no consumo da literatura. No final da década em que Defoe publicou seus romances, o crítico literário e poeta, Alexander Pope, lançou *The Dunciad* (1728), um longo poema satírico que atacava simultaneamente os *Whigs* radicais, as controvérsias político-religiosas que ainda ocorriam na Grã-Bretanha setecentista e, acima de tudo, a transformação no gosto e na produção artística dos ingleses que, segundo ele, estavam cada vez mais marcados por falta de requinte, ignorância e imoralidade. Este ataque se volta tanto para as

¹²⁸ BRIGGS, *História social de Inglaterra*, pp. 160-161.

¹²⁹ WATT, *A ascensão do romance*, p. 252.

¹³⁰ VASCONCELOS, *A formação do romance inglês*, pp. 84-86.

novas tendências literárias de grande circulação, como o romance, quanto para uma transformação sociológica que se desdobra no decorrer do século XVIII no que tange o trabalho dos escritores. Com o desenvolvimento do mercado editorial e uma gradual desvinculação entre a produção literária e a influência da aristocracia, os livreiros e editores passam a ter maior poder de intervenção tanto na escrita quanto na percepção das demandas de leitura. Se por um lado havia uma maior liberdade criativa por parte do autor que não estava condicionado pelas convenções aristocráticas, por outro as obras encomendadas por livreiros ou editores tinham de levar em consideração o gosto do público¹³¹. Em *The Dunciad*, uma das principais críticas de Pope é direcionada aos autores por ele denominados mercenários, pois escrevem apenas por dinheiro, sem uma grande preocupação com a qualidade e a sofisticação literárias. Para o autor, grande defensor das referências clássicas e da formação tradicional, o problema não era a escrita remunerada, mas a adequação da escrita aos interesses daqueles que pagavam uma quantia maior de dinheiro¹³². Na obra, os ataques mais diretos a Defoe são relativos a seus posicionamentos políticos e à qualidade da sua escrita, estando o romancista incluído entre os autores desta literatura vista como menos sofisticada e desvinculada das convenções literárias tradicionais, tendência repudiada por Pope no poema¹³³.

As transformações literárias resultantes da grande difusão do romance ocorrida na primeira metade do século também foi percebida pelos letrados da época que não deixaram de se posicionar sobre as novas concepções de enredo e personagem. Em 1750, no quarto número do periódico *The Rambler* (1750-1752), Samuel Johnson, um dos mais destacados poetas e críticos literários de meados do século XVIII, comenta sobre a nova tendência da ficção surgida nas décadas anteriores em um ensaio em que descreve e se posiciona diante deste novo ramo da escrita:

As obras de ficção, com as quais a presente geração, particularmente, tem se deleitado, são aquelas que exibem a vida em seu verdadeiro estado, diversificado apenas por acidentes que diariamente acontecem no mundo e influenciada por paixões e qualidades que realmente podem ser encontradas em conversas com a humanidade.

[...] Estes livros são escritos principalmente para os jovens, os ignorantes e os desocupados, para quem servem como leituras de conduta e introduções para a vida. Eles são o entretenimento de mentes desprovidas de ideias e, portanto, facilmente suscetíveis a serem impressionadas; sem uma base de princípios e, portanto, facilmente levadas pelo fluxo da imaginação, sem o

¹³¹ HUNTER, The novel and social/cultural history, p. 24.

¹³² POPE, Alexander. *The Dunciad*. With notes Variorum, and the Prolegomena of Scriblerus. London: Lawton Gilliver, 1729.

¹³³ *Ibidem*, p. 101; 139.

aprendizado da experiência e conseqüentemente abertas a qualquer sugestão ou relato parcial¹³⁴.

Algumas décadas mais tarde, Hester Thrale, biógrafa e amiga do crítico, em seu *Anecdotes of the Late Samuel Johnson* (1786) relatou que, em uma de suas conversas, o escritor indagou: “Houve já qualquer coisa escrita por um simples homem que foi por mais tempo desejada pelos seus leitores, exceto por *Dom Quixote*, *Robinson Crusoe* ou *Pilgrim’s Progress*?”¹³⁵. Precisar se Johnson realmente proferiu tal questionamento reproduzido por Thrale é algo menos pertinente do que perceber a repercussão do primeiro romance de Defoe, importância ressaltada pela autora depois de mais de seis décadas do lançamento do livro.

O posicionamento de Pope em *The Dunciad* e o parecer de Johnson acerca das obras de ficção lidas pela nova geração de jovens nos são importante em três aspectos principais. Primeiramente, demonstram a repercussão desta nova tendência da ficção que se fazia popular entre os jovens leitores a ponto de, já no fim da década de 1720, preocupar os autores conservadores que viam nestes textos uma ameaça ao bom gosto e à moralidade. Se a opinião destes contemporâneos não expressa este processo em termos quantitativos, ela evidencia a difusão de uma nova forma de escrita que questiona os gêneros predominantes desde o século anterior. As falas destes críticos, em segundo lugar, confirmam a busca dos jovens por estes textos que lhe serviam de referenciais de conduta e introdução para sociabilidade nas cidades, seja nos negócios, nos relacionamentos, na religião ou em tantas outras esferas da vida urbana. A despeito de não serem bem vistas pelos literatos de formação clássica, estas obras cumpriam importante papel de instrução e orientação para este novo público composto por mercadores, trabalhadores urbanos, mulheres de diferentes estratos sociais, servos e outros grupos que apenas tiveram acesso ao letramento nas décadas anteriores. Por fim, os referidos textos dos críticos literários explicitam a percepção dos coetâneos acerca da verossimilhança da prosa de ficção setecentista que, nas palavras de Johnson, representa a “vida em seu verdadeiro estado”. Este, por sua vez, posicionava-se contra os personagens mistos que contemplavam virtudes e vícios tal como homens verdadeiros e comuns. Percebe-se, portanto,

¹³⁴ No original: “The works of fiction, with which the present generation seems more particularly delighted, are such as exhibit life in its true state, diversified only by accidents that daily happen in the world, and influenced by passions and qualities which are really to be found in conversing with mankind. [...] These books are written chiefly to the young, the ignorant, and the idle, to whom they serve as lectures of conduct, and introductions of life. They are entertainment of minds unfurnished with ideas, and therefore easily susceptible of impressions; not fixed by principles, and therefore easily following the current of fancy; not informed by experience, and consequently open to every false suggestion and partial account.” (tradução nossa). JOHNSON, Samuel; CHALMERS, Alexander. *The Rambler*: In four volumes. Philadelphia: J. J. Woodward, 1827, pp. 56-57.

¹³⁵ No original: “Was there ever yet any thing written by mere man that was wished longer by its readers, excepting Don Quixote, Robinson Crusoe, and the Pilgrim’s Progress?” (tradução nossa). HILL, George Birkbeck N. *Johnsonian Miscellanies*, vol. 1. Oxford: Clarendon P, 1897, p. 332.

que esta radical semelhança com a vida cotidiana era repudiada pelos autores conservadores, pois estes textos poderiam incitar a má conduta, o pecado e a criminalidade caso fossem lidos por um jovem sem uma educação adequada. Ainda que estas leituras tenham sido condenadas por autores de renome, a popularidade do romance setecentista e sua verossimilhança não só o distanciaram da prosa de ficção anterior como também permitiram que este gênero em ascensão cumprisse um papel instrutivo como referencial de conduta para os jovens leitores.

6. Romances e relatos de viagem

Outro aspecto distintivo da obra ficcional de Defoe é a recorrência das temáticas relacionadas ao Império Inglês e a utilização de cenários não europeus. Ainda que o romance inglês setecentista tenha demonstrado interesse por cenários externos à Grã-Bretanha, a preferência por enredos ambientados espaços ingleses e europeus marcou a maior parte da ficção do período. Defoe, por sua vez, construiu seus cenários fazendo uso do conhecimento que tinha acerca das diversas regiões do globo, representando por meio de seus protagonistas as figuras do mercador, do pirata, do colono e de tantos outros grupos envolvidos nas práticas imperiais inglesas que muito lhe interessavam. A tópica do Império e do poderio político e comercial inglês que, como já mencionamos, tinha grande importância em suas primeiras publicações e em seu periódico volta a ter visibilidade por meio de suas obras de ficção. Os romances que se destacaram no restante do século mantiveram seus enredos ambientados em contextos domésticos ou nos espaços europeus que constantemente se transformaram no século XVIII. Se em alguns casos as transformações sociais e os conflitos políticos aparecem nestes textos, os ambientes privados, as relações conjugais e as discussões acerca do lugar da mulher na sociedade britânica por meio de protagonistas femininas se fizeram predominantes entre os autores de destaque¹³⁶.

Por conta deste recorrente interesse pelo comércio e pelo Império, os romances de Defoe, além de guardarem semelhanças com as biografias, obras históricas e ficções criminais, aproximavam-se, ainda, de outro gênero não ficcional, a chamada literatura de viagem. Os relatos de viajantes são formas textuais que podem ser factuais ou ficcionais cujos elementos já se fazem presentes na Cultura Ocidental desde a Grécia Antiga, principalmente na *Odisséia* de Homero e nas *Histórias* de Heródoto. Assumindo diferentes estruturas no decorrer dos séculos – cartas, crônicas, diários de bordo ou mesmo poesias e obras literárias – estes textos cumpriram o papel de difundir entre os europeus o conhecimento sobre povos e

¹³⁶ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 216-217.

localidades distantes. Na Idade Média e na Renascença, as diferentes apropriações cristãs das obras do romano Júlio Solino e obras como *As viagens* de Marco Polo e *A Divina Comédia* de Dante são importantes referências nas quais a narrativa se centra na figura de um viajante que registra suas impressões sobre terras distantes do continente europeu, principalmente em localidades orientais povoadas por pagãos e povos de cultura radicalmente diferentes do cristianismo¹³⁷. No contexto de expansão marítima de fins do século XV e início do XVI, os relatos de viajantes se tornam decisivos para descrever as localidades recém-descobertas onde se encontram povos e paisagens que despertam a curiosidade dos europeus. Ansiosas para ampliar os domínios políticos, religiosos e econômicos de seus reinos, as Coroas da Península Ibérica foram as pioneiras a promover as viagens que atravessaram o Oceano Atlântico estabelecendo, então, os primeiros contatos com o Novo Mundo que durante os séculos seguintes foi um dos principais ambientes de disputa de influência comercial e territorial por parte dos impérios cristãos¹³⁸.

Os ingleses, por sua vez, aventuraram-se mais tardiamente na busca e ocupação de novas terras, pois em um primeiro momento havia um receio de que não se conseguiria um retorno político e econômico que pudesse manter os empreendimentos coloniais¹³⁹. Entretanto, já na segunda metade do século XVI, é possível perceber que algumas iniciativas de exploração – como as de Giovanni Caboto, Martin Frobisher e Walter Raleigh – denotam a busca pela expansão dos domínios ingleses. Neste contexto, os relatos de viagem não só registravam o processo de descoberta e expansão dos territórios como também cumpriam um papel de incentivo à colonização. Estes textos levavam o conhecimento acerca da fauna, da flora, das populações nativas e das atividades já desenvolvidas pelos colonizadores no Novo Mundo, atualizando e reconstruindo diversas áreas do saber europeu¹⁴⁰. Ademais, ao difundir representações que continham todos estes elementos, a literatura de viagem explicitava com riqueza de detalhes as potencialidades econômicas contidas no continente americano. Para os

¹³⁷ GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. O autor trata dos principais padrões das narrativas de viagem na Cultura Ocidental partindo da Antiguidade Clássica e chegando ao século XVII, tentando identificar como os territórios desconhecidos foram alvo de projeções e idealizações que motivavam a busca por riquezas e paraísos terrestres.

¹³⁸ Sobre a recepção dos primeiros contatos entre os europeus e a América na cultura escrita do Ocidente e os primeiros empreendimentos coloniais, sugerimos: BRANDON, William. *New worlds for old: reports from the New World and their effect on the development of social thought in Europe (1500-1800)*. Athens: Ohio University Press, 1986; ELLIOTT, John H. *The Old World and the New (1492-1650)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992; GREENBLATT, Stephen. *Marvelous Possessions: the wonder of the New World*. Oxford: Oxford University Press, 1992; ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990; O’GORMAM, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido de seu devir*. São Paulo: Editora da UNESP, 1986.

¹³⁹ LIMA, Lilian Martins de. O mundo americano na produção escrita inglesa: séculos XVI, XVII e XVIII. *Revista História*, UNESP, Campus de Franca, v. 31, n. 1, Junho, 2012, pp. 185-186.

¹⁴⁰ *Ibidem*, pp. 185-187.

homens ligados ao governo, à Igreja ou ao comércio que por motivos quaisquer não pudessem viajar à América para conhecer o continente pessoalmente, os relatos de viajantes eram o principal meio para terem acesso às realidades e experiências presentes no outro lado do Atlântico.

O trecho de *The Complete English Gentleman* que mencionamos no início do capítulo indica que o conhecimento que Defoe tem acerca do continente americano, em grande parte, deriva dos relatos de viagem lidos pelo autor. Ainda que tenha sido publicado após a obra ficcional do romancista, ao sugerir que o leitor deve buscar nos livros de viajantes o conhecimento sobre a América necessário para se tornar um “perfeito cavalheiro inglês” – o que, na visão de Defoe, também significava ter prosperidade e mérito na vida profissional – o texto sugere que estas narrativas são fontes privilegiadas para se conhecer o Novo Mundo, mesmo quando não se pode navegar até ele. Defoe percorreu diversas regiões da Grã-Bretanha e da Europa, mas não há registros que indiquem que tenha visitado a América. Portanto, defendemos a hipótese de que a recorrência das temáticas relacionadas ao Império em seus textos e o conhecimento sobre os domínios ultramarinos europeus que demonstra em seus romances provavelmente resultam de uma familiaridade com relatos de viagem. O gosto por estes textos também se manifesta na trajetória de alguns de seus protagonistas – já que vários deles visitam diversas partes do globo – e em semelhanças entre estes romances e elementos típicos das narrativas de viajantes. Além do Brasil e da ilha deserta próxima à costa da América no primeiro romance de Defoe, em *Farther Adventures of Robinson Crusoe*, o protagonista percorre diversas regiões da África, da Ásia e da Rússia antes de voltar para a Inglaterra. A certa altura de sua viagem, Crusoe reflete sobre sua interminável ânsia por vagar e conhecer lugares:

E de fato eu penso que é com grande justiça que eu chamo isto de um incansável desejo, porque assim o foi. Quando eu estava em casa, eu estava inquieto em ir para o exterior; e neste momento estava no exterior ansioso para estar em casa. [...] ao passo que, meu olho, assim como aquele do qual fala Salomão, nunca satisfeito em ver, estava desejoso de vagar e ver ainda mais. Eu fui a uma região do mundo na qual nunca havia estado antes, região esta, em particular, da qual eu tinha ouvido muito se falar e onde estava decidido em ver o máximo que pudesse e então eu pude dizer que tinha visto todo o mundo que valia a pena de se ver¹⁴¹.

¹⁴¹ No original: “And indeed I think it’s with great justice that I now call it a restless desire, for it was so. When I was at home, I was restless to go abroad; and now I was abroad, I was restless to be at home. [...] whereas, my eye, which, like that which Solomon Speaks of, was never satisfied with seeing, was still more desirous of wandering and seeing. I was come into a part of the world, which I was never in before, and that part in particular which I heard much of, and was resolved to see as much of as I could, and then I thought I might say, I had seen all the world that was worth seeing.” Tradução nossa: DEFOE, Daniel. *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, p. 250-251.

Ainda que tenha percorrido diversas regiões como Madagascar, Índia e China, Crusoe se mostra pessimista acerca das relações com povos africanos e asiáticos. Sobretudo no território chinês, as impressões do protagonista manifestam sua indignação com a violência e diferenças culturais ali encontradas¹⁴². Esta visão negativa de Crusoe acerca destas civilizações não cristãs retoma uma ideia de Defoe já manifestada no panfleto *A Brief Account of the Present State of the African Trade* (1713), quando o autor demonstra certo receio acerca do “enriquecimento do mundo pagão a custo do mundo cristão”, processo que, segundo ele, resultava da intensificação do comércio com estas regiões¹⁴³. A esta altura, o Império Inglês já havia espalhado importantes colônias e pontos comerciais na África e na Ásia, mas, na visão de Defoe, era a América que se mostrava como maior possibilidade de expansão dos domínios ingleses já que ali as experiências de ocupação do território e cristianização dos povos nativos se deram de maneira mais eficaz e menos conflituosa.

Nas ocasiões em que prosperou como mercador ou trabalhou como agente secreto para o governo, Defoe viajou por várias localidades da Europa e pelas diversas regiões da Inglaterra, Irlanda e Escócia que juntas, após 1707, viriam a compor a Grã-Bretanha, no processo de União defendido e narrado por ele na primeira década do setecentos em *The History of Union* (1709)¹⁴⁴. Seus percursos não só lhe renderam lucros no comércio como também foram a principal fonte do conhecimento acerca da sociedade e economia britânicas que foram descritas e analisadas nos três volumes de *A Tour thro' the whole Island of Great Britain* (1724-7), sendo esta a única obra que compila impressões sobre viagens que Defoe realmente realizou¹⁴⁵.

Ainda que não tenha feito uma viagem de circunavegação – tal como Drake, Dampier ou Rogers – o romancista narrou uma empreitada semelhante combinando um enredo ficcional e seus conhecimentos sobre todos os continentes. Em *A new Voyage Round the World* (1724), Defoe narra as aventuras de um grupo de mercadores ingleses, franceses e holandeses que juntos, em uma única expedição que começou em 1713, percorreram os litorais de regiões de todo o planeta. A união de mercadores de diversos reinos europeus era oportuna, pois de acordo com a circunstância os aventureiros se identificavam como oriundos de diferentes nações europeias, podendo percorrer e comerciar com mais tranquilidade em todos os locais visitados. O capitão francês tinha permissão para negociar com espanhóis já que no decorrer da Guerra de Sucessão Espanhola os reis das duas Coroas faziam parte de

¹⁴² ARAVAMUDAN, 3. Defoe, commerce and empire, p. 51.

¹⁴³ DEFOE, Daniel. *A Brief Account of the Present State of the African Trade*. London, 1713, p. 39.

¹⁴⁴ NOVAK, 2. Defoe's political and religious journalism, pp. 30-34.

¹⁴⁵ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, p. 9.

uma mesma família real e estavam do mesmo lado do conflito, o que liberou o comércio entre os dois Impérios. A presença de tripulantes da Grã-Bretanha e dos Países Baixos, por sua vez, permitia que os navegantes estabelecessem relações comerciais pacíficas com domínios imperiais britânicos e neerlandeses. O grupo contava ainda com ingleses munidos com cartas de corso nas quais a Coroa autorizava qualquer ataque ou saque aos navios de rivais espanhóis¹⁴⁶. Esta somatória de elementos na composição dos personagens foi de importância decisiva para que Defoe pudesse contemplar em seu livro a descrição dos locais percorridos e de suas populações, as relações de produção e comércio ali encontradas e as aventuras típicas de corsários e piratas que tanto agradavam o público da época. Ainda que a viagem contenha elementos ressaltados para o prazer da leitura, o narrador, atribuindo um valor instrutivo e prático à publicação, insere o livro em um contexto maior de publicação destes relatos:

Desde que os homens atuam como navegantes, eles aportam e escrevem livros sobre suas viagens, não só para se gabarem do que fizeram, mas, com o intuito de mostrar o caminho para aqueles que os sucederão, escrevem para professores e confeccionadores de mapas da posteridade¹⁴⁷.

Sem dúvidas, esta é a obra de ficção que melhor demonstra o gosto de Defoe pelos relatos de viagem e o conhecimento que adquiriu por meio deles. Se a composição mista dos personagens configura um empreendimento inusitado que congrega mercadores de reinos inimigos em uma mesma expedição, o livro não deixa de explicitar as rivalidades europeias já existentes há séculos, acirradas nas décadas anteriores – inclusive no contexto da Guerra de Sucessão Espanhola – e que continuaram marcando a competição entre os Impérios, sobretudo no Novo Mundo.

Após a publicação de *A new Voyage Round the World* – seu último livro de ficção – Defoe se empenhará, em seus últimos anos de vida, em discutir de forma incansável as vantagens e desvantagens do comércio britânico. O sucesso de suas obras de ficção garantiu uma maior estabilidade financeira ao fim da vida, o que permitiu que escrevesse predominantemente sobre seus assuntos econômicos preferidos em panfletos e livros que de várias maneiras descrevem e propõem mudanças nas relações comerciais britânicas. A América reaparece ocasionalmente em *The History of the Principal Discoveries and Improvements, in the Several Arts and Sciences* (1727) e *A Plan of the English Commerce* (1728), textos nos quais se reitera a importância do continente para o avanço científico e

¹⁴⁶ No original: “So as soon as Men have acted the Sailor, they come ashore and write Books of their Voyage, not only to make a great Noise of what they have done themselves, but pretending to show the way to others to come after them, they set up for Teachers and Chart Makers to Posterity.” Tradução nossa: DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 5-6.

¹⁴⁷ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 1.

econômico da Grã-Bretanha¹⁴⁸. Entretanto, nenhum destes textos voltou a ter a repercussão que seus romances conseguiram combinando diferentes padrões narrativos para, a um só tempo, agradar e instruir públicos diversos.

A interação entre o romance inglês e os relatos de viagem continuou ocorrendo no decorrer do século XVIII, mas se deu principalmente por meio da utilização de cenários europeus¹⁴⁹. A frequente aparição do continente americano na década de 1720 deu lugar a um gosto por cenários franceses ou italianos, principalmente difundido pelos romances de Laurence Sterne e Ann Radcliffe¹⁵⁰. Desta maneira, a atuação de Defoe como ficcionista entre 1719 e 1724 caracterizou um momento singular na história do romance setecentista por conta da intensa discussão sobre o Império e a recorrente utilização do Novo Mundo como parte central das tramas, característica que permitiu à prosa de ficção uma participação de destaque nas representações sobre o poderio britânico.

¹⁴⁸ RICHETTI, *The Life of Daniel Defoe*, pp. 156-158.

¹⁴⁹ Sobre os paralelos possíveis entre ficção e relatos de viagem existem vários trabalhos individuais e coletivos: ADAMS, Percy G. *Travel Writing and the Evolution of the Novel*. Lexington: University Press of Kentucky, 1983; PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. New York: Routledge, 1992; MARTELS, Zweder von (ed.). *Travel fact and travel fiction: studies on fiction, literary tradition, scholarly discovery, and observation in travel writing*. Leiden: E. J. Brill, 1994.

¹⁵⁰ BOHLS, Elizabeth. 4. Age of Peregrination: Travel writing and the eighteenth-century novel. In: BACKSCHEIDER, Paula R.; INGRASSIA, Catherine (ed.). *A companion to the eighteenth-century English novel and culture*. Malden: Blackwell, 2005, pp. 97-113.

II – OS RELATOS DE VIAGEM E AS LEITURAS SOBRE O NOVO MUNDO

No último romance de Defoe, *A new Voyage round the World* (1724), o protagonista anônimo inicia sua fala da seguinte maneira: “Por algumas eras tem se pensado ser algo tão maravilhoso realizar uma viagem [...] ao redor do Globo, que quando um homem completa tal façanha, ele logo pensa que isso merece ser registrado, assim como Francis Drake [o fez]¹⁵¹”. Entretanto, mais adiante o narrador afirma que muitos destes relatos são tediosos e repletos de informações sobre os ventos e as técnicas de navegação como é o caso do “relato da viagem de Sir John Narborough aos Mares do Sul, adornado com não sei quantas cartas sobre o Estreito de Magalhães” ou então os de “John Wood à Nova Zembla, por meio de despesas públicas, no tempo do Rei Carlos II, e Martin Frobisher à Passagem do Noroeste, no tempo da Rainha Isabel¹⁵²”. A despeito do tom crítico acerca da ausência de um conteúdo atrativo ao público, os trechos transcritos acima reiteram a familiaridade de Defoe com alguns dos relatos de viagem dos séculos XVI e XVII. A narrativa da expedição de Frobisher – juntamente com outros grandes nomes da navegação inglesa como Drake e Raleigh – foi publicada em 1589 nas coletâneas de viagens de Richard Hakluyt e Samuel Purchas. A expedição de Narborough, por sua vez, veio a público no mesmo livro em que está contida a aventura de John Wood, *An account of several voyages to the North and South* de 1694, capitães também mencionados pelo autor. Diferentemente de Frobisher e Wood, os relatos de Drake e Narborough registram visitas aos Mares do Sul, região que será de grande interesse para os romances de Defoe, bem como para os navegantes ingleses de seu tempo. Estes detalhes sobre o momento de publicação e regiões visitadas nessas viagens nos demonstram a diversidade de obras deste gênero com as quais o romancista teve contato e, simultaneamente, indicam-nos alguns critérios para reconstituir estas leituras.

A partir destes indícios e dos nomes contidos no trecho de *The Complete English Gentleman* mencionado no início do capítulo anterior, o objetivo das seguintes páginas se constitui em mapear as viagens cujas narrativas foram consultadas por Defoe, indicando alguns aspectos de contexto de publicação das mesmas e identificando as contribuições das obras no que se refere a difusão de um conhecimento sobre as expansão imperial inglesa no Novo Mundo. Levando em consideração as distâncias temporais entre os relatos mencionados pelo romancista e a presença de alguns deles nas coletâneas de Hakluyt e Purchas, um dos desafios será selecionar os conteúdos pertinentes para os presentes propósitos, sempre buscando nas obras aquilo que contribui para elucidar os escritos sobre as viagens

¹⁵¹ DEFOE, *A new Voyage round the World*, p. 1

¹⁵² *Ibidem*, p. 3.

mencionadas pelo autor e as temáticas que mais lhe chamaram a atenção. O gênero dos relatos de viagem inclui uma grande quantidade e diversidade de textos cuja história é marcada por rupturas e regularidades que podem levantar algumas reflexões pertinentes. Antes da exploração das narrativas de viagens à América, será oportuno, portanto, propor algumas reflexões conceituais sobre os chamados relatos de viagem, buscando uma definição, descrevendo brevemente determinadas vertentes e variações históricas e elencando algumas reflexões sobre sua análise.

1. Definições possíveis e aspectos históricos acerca dos relatos de viagem

Desde a chegada dos europeus à América em fins do século XV e com as sucessivas expedições de exploração e conquista destes novos territórios no século XVI, os relatos de viagem se multiplicaram e sua recepção na cultura letrada do Ocidente se fez perceber de forma inédita em diversas áreas do saber¹⁵³. Disto, entretanto, não se deduz que estes textos não tiveram importância e repercussão nos períodos anteriores à época da expansão marítima. Ainda que difusos em outras formas textuais da Cultura Ocidental, alguns de seus aspectos remontam autores da Grécia Antiga como Homero em seus poemas épicos ou, em uma vertente mais próxima de um conteúdo factual, Heródoto em suas *Histórias*. No mundo medieval, as peregrinações, as missões de expansão da fé cristã, o comércio e a busca por conhecimento acerca dos povos pagãos da Ásia e da África estiveram entre os principais fatores de motivação das viagens então realizadas¹⁵⁴. Nas décadas que sucederam a chegada de Colombo às Índias Ocidentais, os textos de viajantes medievais foram as bases para as primeiras projeções e compreensões daquilo que se encontrou no Novo Mundo. Os territórios, paisagens, plantas, animais, povos, costumes e religiões ali encontrados foram, em um primeiro momento, associados a tudo que se sabia ou se imaginava acerca dos reinos asiáticos e africanos. Na confluência entre, de um lado, experiências e referências já acumuladas sobre

¹⁵³ Para aspectos gerais sobre a escrita e difusão de relatos de viagem após a chegada dos europeus à América ver: SHERMAN, William H. Stirrings and searchings (1500-1720). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*, pp. 17-36; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. 1. Das notícias do Novo Mundo. In: *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*, pp. 13-59; Para ver mais sobre relatos de viagem escritos por autores residentes ou nascidos na América: BENDIXEN, Alfred; HAMERA, Judith (ed.). *The Cambridge Companion to American Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

¹⁵⁴ GIUCCI, Guillermo. 1. Condenação e Redenção; 2. Maravilhas do Oriente. In: GIUCCI, *Viajantes do Maravilhoso*, pp. 23-98. Para ver mais sobre viagens em períodos anteriores à chegada dos europeus à América: CASSON, Lionel. *Travel in the Ancient World*. London: George Allen and Unwin, 1974; MARTELS, Zweder von. *Travel fact and travel fiction: studies on fiction, literary tradition, scholarly discovery, and observation in travel writing*. Leiden: E. J. Brill, 1994; FRIEDMAN, John Block; FIGG, Kristen Mossler (ed.). *Trade, Travel and Exploration in the Middle Ages: An Encyclopedia*. New York: Routledge, 2000; HALL, D. J. *English Medieval Pilgrimage*. London: Routledge and Kegan Paul, 1965; WHALEN, Brett Edward. *Pilgrimage in the Middle Ages: A Reader*. Toronto: University of Toronto Press, 2011.

outras localidades e, de outro, do esforço de construção de um conhecimento sobre aquelas realidades desconhecidas aos poucos os viajantes perceberam as especificidades deste continente, desvincilhando-o das tradições que não serviam para explicá-lo. Como veremos adiante, os séculos XVI e XVII não alteraram apenas a história das viagens, mas também a dinâmica de edição e publicação dos textos que as narravam.

Para uma definição que seja abrangente o suficiente de forma que contemple a diversidade de obras que usualmente são designadas por termos como “relatos de viagem”, pode-se compreender que esta forma textual inclui todos os textos cuja estrutura e conteúdo são marcados pela narrativa da locomoção dos personagens envolvidos ou que sejam resultado indireto deste movimento. Isto não significa, necessariamente, que todo relato deste gênero contenha a narrativa dos eventos de uma viagem ou de tudo aquilo que aconteceu aos viajantes que protagonizaram o feito. O relato de um viajante pode se apresentar por meio de notas, descrições ou reflexões sobre aquilo que foi visto e presenciado, mesmo quando sua preocupação central não seja o trajeto ou os eventos no decorrer da viagem. Esta ampla aceção da expressão é, sobretudo, útil para estudos que contemplam relatos de viagem em diferentes épocas e que tem o intuito de pensar a alteração desta forma textual no decorrer dos séculos, tal como Percy Adams em seu clássico e ainda pertinente *Travel literature and the evolution of the novel* (1983)¹⁵⁵. Na obra – que marcou um novo interesse pelos relatos de viagem nos meios intelectuais –, Adams, deliberadamente, não propõe uma definição objetiva e sintética do que consiste um relato de viagem, sugerindo que o leitor a compreenda no decorrer de sua argumentação. Entretanto, é possível perceber que o autor partilha desta definição abrangente tendo em vista a multiplicidade de textos com que lida e a forma como os classifica e utiliza em comparações com o romance. Mais adiante demarcaremos algumas especificidades dos relatos de viagem na Época Moderna e abordaremos a relação deste gênero como a difusão de um conhecimento sobre a América neste período.

O caráter diverso das obras que compõem este conjunto de textos não impede que algumas questões de ordem geral sejam formuladas com base em elementos que se repetem ou que são comuns em muitas destas narrativas. Em *The Witness and the Other World* (1983), Mary Campbell reflete sobre alguns dos elementos literários que interessam de forma geral para a análise de relatos de viagem e que levantam questionamentos importantes para a compreensão do gênero. Segundo a autora, o relato do viajante recorrentemente busca "a tradução da experiência em narrativa e descrição, do estranho em visível, da observação

¹⁵⁵ ADAMS, Percy G. “Preface”. In: *Travel Literature and the Evolution of the novel*, pp. ix-xi.

em construção verbal do fato"¹⁵⁶. Lidando com o desconhecido, ou com a atualização e melhoramento do que se sabia acerca de realidades já conhecidas, o viajante parte de seu vocabulário e de suas referências culturais para pensar objetos que nem sempre são contemplados em sua linguagem. A despeito deste desafio, um dos aspectos que em diferentes épocas se repete nestes textos – tal como no romance – é o empenho em se afirmar a verdade da narrativa. Sendo ficcional ou factual, empírico ou fantástico, o relato do viajante reivindica seu estatuto como um testemunho sobre o que se presenciou, se colocando como uma acurada representação do real¹⁵⁷. Estes padrões, contudo, sempre devem ser pensados em uma temporalidade, pois tanto o viajante como a realidade observada por ele se alteram durante os séculos e demandam uma demarcação histórica. Ademais, os fatores que condicionaram a relação entre os viajantes europeus e os contextos representados em seus textos variaram não só de acordo com as conjunturas políticas e econômicas da colonização, mas também em consonância com as transformações da moralidade, da ciência, da escrita, da leitura e de outros fatores culturais que estão em constante transformação e que orientaram as possibilidades de compreensão daquilo que é distinto e desconhecido¹⁵⁸.

2. O Novo Mundo nos relatos de viajantes

Para compreender as especificidades da produção e recepção dos relatos de viagem na Época Moderna, sobretudo quando nos referimos a textos de viajantes que visitaram a América neste período, é pertinente levar em consideração algumas das transformações culturais que permearam estes processos. Primeiramente, é importante perceber como a chegada dos europeus às Índias Ocidentais e a paulatina absorção destas novas realidades pela cultura ocidental marcaram uma ruptura decisiva na concepção de mundo medieval que ainda orientava a forma como os filósofos e cartógrafos representavam o globo terrestre e lhe atribuíam significado. Como argumentou Edmundo O’Gorman em *A invenção da América* (1958), as viagens de fins do século XIV e início do XV – como as de Colombo, Caboto, Vesúcio ou Alvares Cabral – bem como as consequentes alterações nas formas de representar o planeta – tais quais aquelas presentes nas obras de Pedro Mártir de Angleria ou

¹⁵⁶ CAMPBELL, Mary B. *The witness and the other world: exotic european travel writing, 400 - 1600*. Ithaca: Cornell University Press, 1988, p. 6; Campbell também realizou um importante balanço de várias discussões teóricas importantes para análise de relatos de viagem: “Travel writing and its theory”. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*, pp. 261-278.

¹⁵⁷ CAMPBELL, *The witness and the other world*, p. 2.

¹⁵⁸ *Ibidem*, *The witness and the other world*, p. 3.

Martin Waldseemüller¹⁵⁹ – resultaram não só em transformações no conhecimento geográfico, mas também modificaram a maneira pela qual o europeu compreendia sua existência na vida terrena. Se no período medieval, o *mundo* estava restrito aos três continentes até então conhecidos e era entendido como a porção de terra cedida por Deus a seus filhos, ou seja, a morada dos homens, a chegada dos europeus à América colocou a necessidade de revisão destas noções. A existência do Novo Mundo, de seus nativos e sua integração aos territórios considerados habitáveis ampliou a morada do homem que, por sua vez, paulatinamente passou a contemplar qualquer porção de terra passível de ser conquistada ou ocupada¹⁶⁰. Ainda que o estranhamento diante destas novas regiões e populações mantenha semelhanças com as representações do Oriente construídas nos séculos anteriores, a relação com este continente desconhecido está inserida em um contexto completamente inédito. Por um lado, o evento coloca diante da Europa um vasto território a ser conhecido e explorado. Por outro, inaugura as disputas e negociações imperiais que caracterizaram a reconfiguração das rivalidades já existentes entre as Coroas europeias¹⁶¹.

Este momento de inflexão da concepção de mundo europeia nos leva à segunda diferenciação a ser feita entre as viagens que antecederam os primeiros contatos com o continente americano e aquelas que os sucederam. Quando pouco se conhecia sobre estes territórios, as representações da América se valiam do conhecimento já produzido sobre as regiões e povos do mundo não cristão na tentativa de se explicar a existência de uma região tão incompatível com as certezas dos pensadores medievais¹⁶². Naqueles momentos em que este conhecimento se mostrava insuficiente, os viajantes recorriam às tradições bíblicas, lendas medievais, mitos da Antiguidade, crenças das culturas ameríndias ou qualquer outra sorte de literatura que pudesse fornecer explicações compatíveis com as estranhas realidades presenciadas pelos viajantes ou relatadas pelos nativos. O deslumbramento, o maravilhoso, a monstrosidade e o amedrontamento já existentes nos textos sobre o Oriente se entrecruzavam com a busca pelo Paraíso Terrestre, pelo El Dorado, pela Ilha das Amazonas e tantas outras idealizações fantásticas projetadas no Novo Mundo¹⁶³. Se em um primeiro

¹⁵⁹ O’GORMAM, Edmundo. “O Processo de Invenção da América” In: *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido de seu devir*. São Paulo: Editora da UNESP, 1986, pp. 101-183.

¹⁶⁰ *Ibidem*, 184-186.

¹⁶¹ ELLIOTT, *The Old World and the New*, pp. 79-81

¹⁶² CAMPBELL, *The witness and the other world*, pp. 217-219.

¹⁶³ As representações paradisíacas da América já foram tratadas por vários autores: BAUDET, Henri. *Paradise on earth: Some thoughts on european images of non-european man*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1965; GREENBLATT, Stephen. *Marvelous Possessions: the wonder of the New World*. Oxford: Oxford University Press, 1992; MAGASICH-AIROLA, Jorge. BEER, Jean Marc de. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

momento, as investidas das Coroas nestas terras – sobretudo as explorações feitas por espanhóis que adentraram o interior do continente mais rapidamente – foram guiadas, em grande medida, por estas referências míticas e fantásticas, posteriormente, com a sucessão de viagens, principalmente no decorrer do XVII, as representações das terras americanas aos poucos buscaram uma orientação mais empírica e pragmática para o entendimento daquelas realidades¹⁶⁴. Guillermo Giucci, em *Viajantes do Maravilhoso* (1992), defende a ideia de que após os sucessivos fracassos dos europeus na busca de paraísos terrestres e cidades de ouro, o maravilhoso e o fantástico, ainda que de forma fluida, continuaram compondo os cenários da América, contudo, as narrativas passaram a se centrar na descrição minuciosa das potencialidades naturais e territoriais destas regiões, bem como das características culturais de seus povos¹⁶⁵. Este aspecto tem importância especial para nossa argumentação na medida em que é possível perceber nos romances e relatos de viagem analisados percepções acerca do Novo Mundo que são marcadas por aspectos que remetem à noção de maravilhoso trabalhada por Giucci naqueles elementos que ser compõem a riqueza natural e as vantagens econômicas dos espaços representados.

Por fim, faz-se necessário marcar a especificidade da escrita e publicação de relatos de viagem na Época Moderna em comparação com os períodos anteriores. A intensificação da expansão marítima nos séculos XV e XVI levou à multiplicação das viagens e ao aumento da demanda pelos seus registros que, por sua vez, saciavam o interesse de estadistas, integrantes do clero, homens de letras, navegantes e comerciantes dentre outros grupos que se encontravam curiosos para conhecer as terras situadas do outro lado do Atlântico. De acordo com Fernando Cristóvão, o surgimento e desenvolvimento da imprensa e a conseqüente valorização e difusão da cultura escrita também foram fatores distintivos que contribuíram para a nova importância ganha pelos relatos de viagem no período de colonização da América¹⁶⁶. Editores e compiladores de narrativas de viagens cumpriram papel central neste processo e já demonstravam uma postura inovadora no decorrer do primeiro século que sucedeu as viagens de Colombo. As coletâneas do período não só se esforçavam em reunir textos que tratassem das viagens feitas ao Novo Mundo, como já expressavam em suas diferentes edições um trabalho editorial de modificação e seleção do conteúdo com o intuito

¹⁶⁴ GIUCCI, *Viajantes do Maravilhoso*, pp. 192-193. Em uma de suas obras mais famosas, Sérgio Buarque de Holanda resalta algumas especificidades dos portugueses argumentando que a busca por estas regiões lendárias e de abundante riqueza não foram tão decisivas nas primeiras décadas da colonização do Brasil quando comparada ao caso da América Espanhola: *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

¹⁶⁵ GIUCCI, *Viajantes do Maravilhoso*, pp. 228-233.

¹⁶⁶ CRISTÓVÃO, Fernando (org.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina e CLEPUL pp. 24-25.

de acompanhar os avanços no conhecimento adquirido em novas expedições¹⁶⁷. Obras como *Decades de Orbe Novo* (1511-1530) de Pedro Mártir de Angleria, *Delle Navigazioni et Viaggi* (1550-59) de Giovanni Battista Ramusio e o *Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos* (1563) de António Galvão registram a liderança Ibérica tanto nas viagens à África e à Índia, quanto nos empreendimentos marítimos na América¹⁶⁸.

Poucos anos após a chegada de Colombo às Índias Ocidentais, a Coroa Inglesa começou se empenhar em expedições com o intuito de explorar as regiões mais a norte do novo continente. As primeiras viagens não resultaram imediatamente em ocupação ou colonização destes espaços, mas foram importantes para marcar conquistas territoriais dos ingleses em um período em que os ibéricos já se adiantavam no mapeamento e descrição destas novas possessões. Entre 1497 e 1509, diversos viajantes como Giovanni Caboto e seu filho, Sebastian Caboto, realizaram as primeiras navegações à América promovidas pela Inglaterra com o objetivo de encontrar uma rota mais curta do que as convencionais para se chegar à Ásia¹⁶⁹. Embora os registros das expedições de Giovanni Caboto apenas tenham ganhado difusão em língua inglesa em fins do século XVI, os feitos de seu filho são recorrentemente mencionados na obra do italiano Pedro Mártir de Angleria, que foi traduzida pelo inglês Richard Eden em 1555. A adaptação foi denominada *Decades of the New World* e, juntamente com outras traduções de Eden, está entre as primeiras obras em língua inglesa a tratarem da América. Em seu prefácio, o tradutor repreende seus conterrâneos por não se arrisarem na expansão do cristianismo em terras americanas, lamentando que muitos ingleses não tenham a suposta generosidade e o empenho necessários para se investir em boas causas sem a garantia de fama e prestígio¹⁷⁰. Se as motivações e justificativas religiosas se encontram em jogo, Eden não deixa de ressaltar que a “Inglaterra em poucos anos se enfraquece e empobrece” enquanto “a Espanha enriquece”, verdade que, segundo ele, se constata e se intensifica “pela grande riqueza que anualmente se traz das Índias” pelos espanhóis que incluem a enorme quantidade de ouro oriunda do Peru, da Ilha de Hispaniola e de várias ilhas do Mares do Sul (*South Sea*), bem como os preciosos minérios adquiridos no Rio da Prata¹⁷¹.

¹⁶⁷ CRISTÓVÃO, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*., 2002, pp. 26-27.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 26.

¹⁶⁹ LIMA, Lilian Martins de. O mundo americano na produção escrita inglesa: séculos XVI, XVII e XVIII. *História*, Campus de Franca, v. 31, n. 1, Junho, 2012, p. 186. Sobre as viagens dos Caboto's em busca da passagem para Ásia a noroeste: WILLIAMSON, James A. *The Cabot Voyages and Bristol Discovery under Henry VII*. London: Hakluyt Society, 1962.

¹⁷⁰ EDEN, Richard. *The first three English books on America (1511?-1555)*. Edited by Edward Arber. Birmingham: Turnbull & Spears, 1885, p. 59.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 54. Atualmente a Ilha de Hispaniola contempla o Haiti e a República Dominicana. A porção de águas que na época se chamava “Mar do Sul” hoje corresponde às águas que banham costa oeste da América do Sul. A expressão era ocasionalmente utilizada para se referir ao Oceano Pacífico de forma mais ampla.

Estas primeiras aparições da América na cultura escrita inglesa já contêm dois elementos que serão retomados e reconstruídos nos séculos seguintes e que nos interessam de certa maneira: a narrativa das conquistas já realizadas – expressas neste momento nas viagens de Sebastian Caboto e de seu pai – são acompanhadas de descrições de territórios dominados pelos espanhóis, principalmente no caso de áreas que também chamam a atenção da Inglaterra e que se estabelecem como espaços de tensão entre as duas Coroas. Esta ênfase não significa que outras regiões serão excluídas dos relatos de viagem ou que simplesmente não interessam aos ingleses, contudo, no Novo Mundo a disputa com os espanhóis se dará de forma mais intensa e recorrente pelo menos até o século XIX. Ao fim do século XV e no decorrer do seiscentos, importantes editores ingleses como Richard Hakluyt e Samuel Purchas seguirão o exemplo de precursores como Eden, relatando a inserção da Coroa Inglesa na disputa colonial e narrando os feitos marítimos de seus conterrâneos¹⁷².

Esta singularidade das sociedades que presenciaram o surgimento e estabelecimento da imprensa atribuiu maior autonomia e sofisticação ao conjunto de textos que aqui denominamos relatos de viagem. Neste sentido, levando em consideração a multiplicação destas obras, a atuação editorial pautada nas demandas do público, na correção de imprecisões e no avanço do conhecimento aceito como plausível pelos homens da época, Fernando Cristóvão defende a existência de um subgênero denominado “Literatura de Viagens”:

que se mantém vivo do século XV ao XIX, cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só a viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências, artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã¹⁷³.

O autor identifica o declínio da “Literatura de Viagens” a partir do momento em que seus conteúdos e temáticas passaram a estar diluídos em outros gêneros que tem estatutos científicos e literários bastante distintos e que melhor atendem as demandas segmentadas do público do século XIX¹⁷⁴.

¹⁷² CRISTÓVÃO, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, pp. 26-27.

¹⁷³ *Ibidem*, pp. 35.

¹⁷⁴ *Ibidem*, pp. 28-29.

3. Os viajantes ingleses e os avanços imperiais

Diante da amplitude de obras que se adequam às reflexões mais gerais aqui elencadas, é importante delimitar aquelas que contêm os elementos que despertaram o interesse de Daniel Defoe. Alguns indícios contribuem para esta demarcação, sendo ele: seu gosto pelas questões comerciais e políticas da Inglaterra e de suas colônias, interesse este perceptível pela recorrência destas temáticas em seu periódico, o *Review*, e nas diversas obras de sua autoria que tangenciam o assunto; a recorrência de cenários não europeus em seus romances, sobretudo a Virgínia, o Caribe e a América do Sul, bem como regiões de outros continentes visitadas por alguns de seus protagonistas em viagens de circunavegação; os nomes dos *projectors* citados por ele em *An Essay upon Projects* (1697); e, por fim, a menção feita, em *The Complete English Gentleman* (1726)¹⁷⁵, àqueles viajantes cujas obras, segundo o autor, deveriam ser lidas como importantes referências para o jovem que tivesse interesse em se arriscar no mundo do comércio ou da navegação. Definir exatamente quais e quantos foram os relatos lidos por Defoe seria impossível, a menos que o próprio autor fizesse a listagem destes textos. Contudo, sabe-se que o autor se interessou por viagens de expansão e conquista realizadas entre os fins do século XV e início do XVI por espanhóis como Cristóvão Colombo ou Hernán Cortés. Interessou-se também por viagens com propósitos semelhantes protagonizadas por ingleses empreendidas em fins do século XVI, como as de Walter Raleigh ou Francis Drake. Ademais, nutria especial interesse por viagens de circunavegação cujos relatos descrevem regiões de possível expansão dos domínios ingleses como aquelas realizadas na virada do século XVII para o XVIII, por John Poyntz, John Narborough, William Dampier ou Woodes Rogers.

Dentre estas obras, as narrativas de, Narborough, Dampier e de Rogers despertavam em Defoe um apreço particular, pois tratavam de temáticas imperiais muito pertinentes a ele e vários dos de seu tempo. Diferentemente dos demais nomes mencionados acima, os três eram contemporâneos de Defoe e viveram em um período em que as possessões inglesas já se faziam presentes em diversos pontos da Ásia e da África, mas, sobretudo em vastos territórios da América do Norte e do Caribe. Nas últimas décadas do seiscentos, estas colônias passam a ser denominadas entre os historiadores da época pela expressão “Império Inglês”, noção forjada no período e que atribuía maior coerência e importância aos crescentes domínios coloniais americanos¹⁷⁶. Como veremos adiante, a construção empírica e conceitual deste Império esteve intrinsecamente ligada às viagens e aos seus relatos. Ademais, a projeção da

¹⁷⁵ Ver a página inicial do primeiro capítulo.

¹⁷⁶ ARAVAMUDAN, 3. Defoe, commerce and empire, pp. 48-49.

expansão territorial por meio da conquista de novos territórios também foi fundamentada nas representações difundidas pelos textos de viajantes. Portanto, além de ponderar a contribuição dos viajantes ingleses mencionados nos textos do romancista no que se refere à difusão de um conhecimento sobre as regiões que visitaram, é oportuno pensar de que maneira se configuravam os domínios imperiais da Inglaterra entre fins do século XVII e início do XVIII. Com o intuito de compreender a pertinência destas representações sobre a América, apontaremos algumas das apropriações destes relatos feitas por autores contemporâneos ao romancista tentando identificar a credibilidade e importância atribuída por estes homens àqueles textos.

Durante o reinado de Isabel I (1558-1603), os incentivos aos empreendimentos coloniais se intensificaram e o poder marítimo inglês passou a ser uma das principais causas a serem defendidas pela rainha. Até fins do século XVI, os investimentos ingleses na América não resultaram em uma ocupação efetiva dos espaços encontrados, conseguindo mais êxito, portanto, no mapeamento de regiões desconhecidas cuja posse seria reivindicada pela Coroa¹⁷⁷. Esta postura mais incisiva acerca da corrida pela colonização na segunda metade daquele século foi acompanhada pelo esforço de autores e editores ingleses que se dispuseram a difundir as novidades sobre a América. Dentre estes esforços, um dos de maior destaque e perenidade, sem dúvidas se deu pela participação de Richard Hakluyt (1553-1616) já nos últimos anos do quinhentos¹⁷⁸. Utilizando, de um lado, um profundo conhecimento sobre uma enorme quantidade de documentos que tratam da história dos Ingleses e de suas navegações e, de outro, informações conseguidas com vários de seus conhecidos ligados ao comércio e a colonização em diversas partes do mundo, Hakluyt – que nunca viajou à América – publicou textos e coletâneas que tiveram peso decisivo para consolidar um gosto pelos relatos de viagem entre seus contemporâneos¹⁷⁹.

Após ter trabalhado como editor e tradutor na França, ocasião em que já lhe permitiu uma familiaridade com textos de viajantes, o editor lança, já na Inglaterra, *Divers voyages, touching the Discovery of America* (1582), obra em que o autor compila narrativas de viagens realizadas ao Novo Mundo com o intuito de demonstrar os feitos dos ingleses na busca por territórios do outro lado do Atlântico¹⁸⁰. Sete anos mais tarde, Hakluyt publica a primeira

¹⁷⁷ LIMA, O mundo americano na produção escrita inglesa, pp. 185-187.

¹⁷⁸ MANCALL, Peter C. *Hakluyt's promise: an Elizabethan's obsession for an English America*. New Haven & London Yale University Press, 2007; PARKS, George Bruner. *Richard Hakluyt and the English voyages*. London: Frank Cass Publishers, 1965.

¹⁷⁹ HAKLUYT, *Principal navigations of the English nation*.

¹⁸⁰ HAKLUYT, Richard (ed.). *Divers voyages, touching the discovery of America and Islands Adjacent*. London: Hakluyt Society, 1850.

versão de sua obra mais famosa, *The Principal navigations, voyages and discoveries of the English nation* (1589), que ganhou versões revisadas e ampliadas em 1598 e 1600¹⁸¹. Os três volumes da edição mais completa da obra compilam centenas de relatos de viajantes ingleses que visitaram as mais variadas regiões conhecidas pelos europeus, dedicando uma parte muito significativa de suas páginas às viagens realizadas à América¹⁸².

A famosa coletânea, além de ter reiterado a necessidade de se incentivar as iniciativas coloniais inglesas e a importância de se enfrentar os espanhóis no Novo Mundo, contempla outros elementos que nos são interessantes. De forma mais ampla, a obra traz relatos relacionados ao avanço dos domínios ingleses, narrativas estas que demonstram o papel cumprido por estes textos na construção de um conhecimento geral sobre a história da colonização cuja importância se perpetuou nos séculos seguintes. Neste sentido, vale ressaltar que as primeiras tentativas de colonização da Virgínia – região que teve destaque nos enredos de Defoe –, bem como outros avanços notáveis do poder marítimo inglês descritos na obra. Ademais, *The Principal navigations* é pertinente, mais especificamente, por trazer narrativas de viagens que contam com a participação ou o protagonismo de figuras como Francis Drake e Walter Raleigh, sujeitos que, como vimos, são importantes referências para Defoe. Comentaremos alguns exemplos selecionados destes relatos presentes na coletânea de Hakluyt reiterando temáticas que se aproximam com elementos presentes nos textos de Defoe como a expansão territorial inglesa na América, o contato com os nativos e a busca por metais preciosos neste continente.

O primeiro destes dois, Sir Francis Drake (1540-1596), foi um dos homens de confiança da Rainha Isabel I e – assim como o capitão John Hawkins, que fez parte de sua frota em várias ocasiões – foi navegante de extrema importância nos conflitos navais entre ingleses e espanhóis do período. Na primeira metade da década de 1570, o corsário se arriscou em saques muito lucrativos a cidades e navios espanhóis no Caribe, conseguindo grandes quantias em ouro e prata oriundos das colônias ibéricas na América¹⁸³. Entretanto, sua viagem de circunavegação realizada entre os anos de 1577 e 1580, foi o feito que cristalizou a sua imagem de herói dos mares entre os ingleses¹⁸⁴. Após deixar o porto de Plymouth, Drake passou pelo noroeste da África, fez paradas na costa leste da América do Sul, atravessou o

¹⁸¹ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. 1. Das notícias do Novo Mundo. In: *A construção do Brasil na Literatura de viagens*, pp. 38-40.

¹⁸² A edição consultada foi reorganizada por E. e G. Goldsmid em fins do século XIX, e reproduz em 16 volumes os mesmos textos contidos na edição ampliada de 1600. Nesta versão, as viagens realizadas à América estão dispostas nos volumes XII a XVI: HAKLUYT, Richard. *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation*. Edinburgh: E. & G. Goldsmid, 1890, 16 v.

¹⁸³ HAKLUYT, *The Principal Navigations*, Vol XV, pp. 190-192;204-226.

¹⁸⁴ FRANÇA, *A construção do Brasil na Literatura de Viagens*, pp. 39.

Estreito de Magalhães e visitou várias regiões do litoral das partes sul e norte do continente americano. Chegando a costa oeste norte-americana, o capitão estabeleceu contatos com os nativos daquelas terras, declarou a posse do território para a Coroa Inglesa e continuou sua viagem seguindo para o Pacífico. Sendo o primeiro de seu reino a completar a façanha da circunavegação, Drake foi condecorado com o título de cavaleiro pela rainha e participou de conflitos e expedições de corso até a sua morte em 1595¹⁸⁵.

A maior parte de suas conquistas no mar, assim como a viagem em que adoeceu e faleceu, encontram-se narradas na coletânea de Hakluyt e algumas delas voltam a aparecer na obra de Samuel Purchas em 1625. No ano seguinte, Philip Nichols publica *Francis Drake Revived* (1626) e dois anos mais tarde vem a público *The world encompassed by Francis Drake* (1628), obra organizada pelo seu sobrinho em parceria com Francis Fletcher, clérigo que acompanhou parte da viagem de circunavegação do famoso capitão¹⁸⁶. Na busca pela reconstituição da trajetória do corsário, todas estas obras combinam relatos cuja autoria é atribuída a ele mesmo, bem como textos de outros indivíduos que presenciaram seus feitos ou participaram de suas viagens. Entretanto, biógrafos e críticos especializados apontam que mesmo no caso daqueles textos cuja autoria é omitida ou associada ao capitão, a sua participação na elaboração destes registros provavelmente se deu muito mais pela orientação e revisão do que pela redação dos mesmos¹⁸⁷.

Por conta da ausência de uma indicação mais explícita sobre a obra lida ou consultada por Defoe – já que o autor apenas menciona Drake – o que se pode concluir é que o ficcionista teve contato com relatos sobre as suas viagens que podem se encontrar em qualquer uma destas obras. O fato de também ter conhecimento sobre os feitos de Sir Walter Raleigh, cujas viagens também se encontram descritas nas coletâneas de Hakluyt e Purchas, contribui para a possibilidade de o autor ter consultado um ou ambos os autores, mas não exclui a hipótese de que o autor tenha lido alguma das obras mais tardias sobre a vida de Drake como o livro de Nichols ou a obra organizada por seu sobrinho e Fletcher. Para além de algumas diferenças acerca da ênfase ou omissão de alguns detalhes da vida do navegante, as obras partilham de linhas gerais semelhantes.

¹⁸⁵ DRAKE, The famous voyage of Sir Francis Drake, pp. 413-444.

¹⁸⁶ Os capítulos de John H. Parry e David B. Quinn na coletânea de comemoração do aniversário de quatrocentos anos da viagem de circunavegação de Drake trazem reflexões pertinentes sobre as possibilidades de interpretação acerca da autoria e edição dos relatos das viagens do capitão. In: THROWER, Norman J. W (ed.). *Sir Francis Drake and the Famous Voyage, 1577-1580: Essays commemorating the quadricentennial of Drake's circumnavigation of the Earth*. Los Angeles: University of California Press, 1984, pp. 1-11, 33-48.

¹⁸⁷ NICHOLS, Philip. *Francis Drake Revived* (1626). Echo: Echo Library, 2009; DRAKE, Francis; FLETCHER, Francis. *The world encompassed by Sir Francis Drake* (1628). London: Nicholas Bourne, 1652.

Embora Drake tenha chegado à costa oeste da América do Norte em 1579, denominando o território *New Albion* e reivindicando-o para a Inglaterra – região que atualmente integra a Califórnia –, a conquista do capitão não resultou na em uma efetiva e duradoura ocupação inglesa no Novo Mundo. As primeiras tentativas de se estabelecer um assentamento inglês na América – também relatadas na obra de Hakluyt – se deram poucos anos após a viagem de circunavegação do famoso corsário. No decorrer do período elisabetano, a busca pela Passagem do Noroeste inaugurada por Caboto voltou a motivar viagens como as de Martin Frobisher, Humphrey Gilbert, Henry Hudson, William Baffin, Thomas James e Luke Foxe¹⁸⁸. A despeito destas tentativas não terem obtido sucesso, estas explorações ampliaram o conhecimento acerca dos arredores de Terra Nova possibilitando, por exemplo, os primeiros contatos com as regiões das Baías de Hudson e Baffin.

Dentre estes exploradores, vale ressaltar Humphrey Gilbert (1539-1583), pois antes de sua morte, o navegante também esteve envolvido com o planejamento e financiamento de viagens que intentavam fundar uma colônia nas proximidades da Baía de Chesapeake na América do Norte. O projeto também foi orientado e organizado por seu meio irmão, Walter Raleigh, mas, assim como a frota de Gilbert, ele e seu grupo não obtiveram sucesso. Raleigh tinha a permissão da Rainha para colonizar qualquer terra que encontrasse e pudesse resultar em algum proveito para os ingleses, mas nunca visitou América do Norte, já que delegou aos viajantes e demais tripulantes as coordenadas para a fundação da colônia¹⁸⁹. Desta maneira, entre 1584 e 1590 uma série de expedições tentou, sem sucesso, estabelecer um foco de colonização permanente na região que genericamente passou a ser chamada de Virgínia¹⁹⁰. O primeiro grupo se instalou na porção de terra que mais tarde se tornaria a Carolina do Norte e por conta de conflitos com os nativos migraram para a Ilha de Roanoke bem próxima do litoral da região. A permanência dos atritos entre ingleses e nativos¹⁹¹ e a falta de suprimentos levou Grenville, um dos líderes do grupo, à Inglaterra em 1585 para busca de homens e comida. Por conta de uma série de imprevistos na Europa, o viajante levou mais tempo que o esperado para voltar e grande parte dos colonos precisou retornar com Francis Drake que, em 1586, ao voltar de uma viagem ao Caribe visitou a região¹⁹². O restante dos colonos não foi

¹⁸⁸ LEMERCIER-GODDARD, Sophie; REGARD, Frédéric. Introduction: The Northwest Passage and the Imperial Project: History, Ideology, Myth In: REGARD, Frédéric (ed.). *The Quest for the Northwest Passage: knowledge, nation and empire, 1576-1806*. London: Pichering & Chatto, 2013, p. 2.

¹⁸⁹ LIMA, O mundo americano na escrita inglesa, p. 186.

¹⁹⁰ HAKLUYT, *The Principal navigations of English nation*, Vol. III, pp. 276-388.

¹⁹¹ Para ver mais sobre as constantes tensões, conflitos e negociações entre ingleses e nativos na região da Virgínia no decorrer do período colonial, ver: GLEACH, Frederic W. *Powhatan's World and Colonial Virginia: A Conflict of Cultures* Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

¹⁹² LLOYD, Trevor. *Empire: The History of the British Empire*. London: Hambledon and London, 2001, pp. 3-5.

encontrado por Grenville quando o capitão aportou na Ilha de Roanoke. Um segundo grupo, enviado por Raleigh e liderado por seu amigo, o artista John White, voltou a se estabelecer a região em 1587, primeiramente se instalando na Baía de Chesapeake e mais tarde voltando a Ilha de Roanoke que se encontrava deserta. As dificuldades na Ilha se mantiveram levando White a retornar no mesmo ano à Inglaterra para conseguir suprimentos¹⁹³. O líder do grupo, também por contratempos na Europa, só conseguiu retornar em 1590 encontrando, novamente, Roanoke inabitada¹⁹⁴. A aventura frustrada ficou conhecida como a “Colônia Perdida” e foi um passo decisivo na investida da colonização da Virgínia¹⁹⁵. A maior parte dos acontecimentos relativos às viagens e esforços de ocupação da região ganharam fama por meio da obra de Hakluyt, porém, em 1588, antes mesmo do lançamento da primeira edição de *Principal Navigations*, o matemático e astrônomo Thomas Harriot, um dos colonos que retornaram à Inglaterra com Francis Drake, publicou *A Brief and True Report of the New Found Land of Virginia*. Para os ingleses do período, a narrativa está entre as mais importantes do gênero por conter as primeiras descrições detalhadas acerca da forma de vida dos nativos chamados algonquinos, aspectos sobre a língua ali falada, hábitos alimentares, práticas religiosas, além de trazer impressões sobre a flora, fauna e minerais que poderiam resultar em benefícios econômicos para seus conterrâneos¹⁹⁶.

Se o aristocrata e cavaleiro, Walter Raleigh (1554-1618)¹⁹⁷, já havia se envolvido com estas experiências de colonização da Virgínia nas questões referentes ao planejamento e financiamento, alguns anos mais tarde ele pôde realizar explorações no norte da América do Sul onde, segundo o capitão, encontrar-se-ia o grande Império de Guiana, fundado e habitado por nativos em um território rico em ouro. Em sua primeira viagem à região, após conseguir informações por relatos de espanhóis¹⁹⁸, Raleigh explorou os arredores do rio Orinoco¹⁹⁹ e manteve contato com alguns dos nativos dali que, por sua vez, lhe informaram sobre a existência do referido Império em que se localizava a cidade dourada de Manoa. Apesar de

¹⁹³ HAKLUYT, *The Principal navigations of the English nation*, Vol. III, pp. 358-374.

¹⁹⁴ MILLER, Lee. *Roanoke: Solving the Mystery of the Lost Colony*. New York: Arcade Publishing, 2000, pp. 18-27; David Quinn também apresenta uma perspectiva sobre os acontecimentos sobre esta experiência colonial: QUINN, David Beers. *Set Fair for Roanoke: Voyages and Colonies, 1584-1606*. New York & London: Chapel Hill, 1985.

¹⁹⁵ ELLIOTT, John. *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America, 1492-1830*. New Haven: Yale University Press, 2006, p. 6-7.

¹⁹⁶ HARRIOT, Thomas. *A Brief and True Report of the New Found Land of Virginia* (1588). Edited by Paul Royster. Lincoln University of Nebraska-Lincoln, 2007, pp. ii-iii.

¹⁹⁷ TREVELYAN, Raleigh. *Sir Walter Raleigh: Being a True and Vivid Account of the Life and Times of The Explorer, Soldier, Scholar, Poet, and Courtier: The Controversial Hero of Elizabethian Age*. New York: H. Holt, 2004.

¹⁹⁸ GOSSE, Edmund. IV. Guiana. In: *Raleigh*. Edited by Andrew Lang. London: Longmans, Green, And Co., 1886, pp. 65-87.

¹⁹⁹ A região explorada na época por Raleigh, atualmente faz parte da Venezuela.

não tê-la encontrado, o viajante afirmou ter coletado pequenas quantidades de ouro, segundo ele, conseguidas na região e que foram levadas à rainha em seu retorno à Inglaterra. O relato desta primeira expedição ganhou fama por meio do livro publicado por Raleigh em 1595 sob o título de *The discoverie of the large, rich, and bewtiful empyre of Guiana*²⁰⁰. Referindo-se à rainha, o autor faz menção à abundância de ouro da qual teve notícia por meio dos nativos dos arredores do referido Império, habitantes estes que, conforme o relato de Raleigh, já eram de confiança dos ingleses:

A região tem mais quantidade de Ouro [...] que as melhores partes das Índias ou Peru: todos os reis de suas fronteiras já se tornaram servos de vossa Majestade e parecem desejar nada mais que a vossa proteção e o retorno dos ingleses. Há ali um novo território e certeza de riquezas e glória além das viagens para as Índias Ocidentais²⁰¹.

Uma nova frota retornou a região, sem a presença de Raleigh, mas sob a liderança de Lawrence Kemys que colheu informações sobre o litoral da região e acerca das tribos que lá encontrou²⁰². As narrativas desta nova busca por Manoa e da primeira expedição liderada por Raleigh também foram publicadas na versão ampliada de *Principal navigations* de Hakluyt.

Os relatos das viagens protagonizadas por Francis Drake, bem como os das expedições lideradas ou organizadas por Raleigh ao Novo Mundo trazem alguns aspectos interessantes como prováveis referências de Defoe. Primeiramente, é perceptível que as narrativas sobre a circunavegação de Drake e aquelas sobre as viagens de Raleigh à região do Orinoco ressaltam, dentre outros aspectos, as relações supostamente pacíficas entre ingleses e nativos, visão esta que é contrastada com os contatos entre espanhóis e ameríndios sempre representados como tensos e violentos. Esta oposição, como tentaremos argumentar, parece indicar um estratégia de legitimação da expansão dos domínios coloniais ingleses e é de grande importância nos enredos de *Robinson Crusoe* e *A new voyage round the world*. Contudo, se levarmos em consideração os conflitos travados entre os integrantes das primeiras experiências de colonização da Virgínia e os nativos da região é possível problematizar esta percepção, contribuindo para a ideia de que as representações do continente americano nos romances de Defoe ocorrem de forma seletiva e com intuítos expansionistas. Outro aspecto digno de nota é a forma pela qual as realidades representadas nestes relatos – sobretudo naqueles sobre as viagens de Raleigh – continuam permeadas por uma visão maravilhosa na

²⁰⁰ RALEIGH, *The Discovery of the Large, Rich, and Beautiful Empire of Guiana*.

²⁰¹ No original: “The countrey hath more quantity of Gold [...] then the best partes of the Indies, or Peru: All the most of the kings of the borders are already become her Maiesties vassals : and seeme to desire no thing more then her Maiesties protection and the returne of the English nation. It hath another grounde and assurance of riches and glory, then the voiages of the west Indies”. Tradução nossa: *Ibidem*, p. xv.

²⁰² KEYMIS, *A Relation of the second Voyage to Guiana*.

qual as riquezas naturais parecem ser enfatizadas de forma incisiva e, por vezes, fantasiosa. Seja na construção das paisagens ou numa ênfase da abundância de metais preciosos, este olhar maravilhoso acerca da América também indica semelhanças entre os romances de Defoe e os relatos de viagem mencionados por ele.

A coletânea de Hakluyt, portanto, pode ser compreendida como uma das publicações mais amplas e completas sobre os empreendimentos marítimos ingleses realizados até fins do século XVI. Todavia, entre o ano de 1600 – ano da publicação da versão ampliada de *Principal Navigations* – e 1625, importantes conquistas inglesas no ultramar se concretizaram e seus registros estiveram presentes no repertório dos relatos de viagens. Boa parte destes avanços coloniais se encontram descritos nas obras do clérigo anglicano, Samuel Purchas (1577?-1626), assíduo leitor e editor de relatos de viagem. Durante a década de 1610, ele publicou seus primeiros livros tratando de amplas reflexões sobre a diversidade da obra divina e das crenças e religiões até então conhecidas pelos europeus, textos em que o autor já demonstrava certa familiaridade com narrativas de viajantes²⁰³. Contudo, pouco antes de sua morte, no ano de 1625 se deu a publicação de *Hakluythus poshumus, or, Purchas Pilgrimes*, sua obra de maior prestígio na época e de grande peso para posteridade que, assim como indica o título, pode ser considerada uma forma de continuidade à obra de Hakluyt²⁰⁴.

O conteúdo encontrado nos quatro volumes da coletânea de Purchas, se comparado ao da obra que lhe inspirou, traz uma abordagem mais ampla e tem a pretensão de fazer uma história do mundo por meio das viagens, contemplando iniciativas de uma infinidade de nações e povos em diferentes períodos e regiões. A despeito dessa amplitude, a quinta seção da compilação, integrante do quarto volume, tem seu foco voltado para os empreendimentos marítimos ingleses nas diversas regiões do globo e dedica atenção especial à América. Neste sentido, além de ter coletado relatos sobre as viagens de Drake, Raleigh e tantos outros aventureiros que também se encontravam na obra de Hakluyt, Purchas se preocupou em atualizar seus leitores sobre as iniciativas coloniais que se desenvolveram na América entre 1600 e 1625.

A criação da *Virginia Company* em 1606, já sob o reinado de Jaime I, constituiu uma maior cooperação entre Coroa e iniciativa privada nos avanços da colonização²⁰⁵. Se as tentativas de ocupação organizadas por Gilbert e Raleigh na Ilha de Roanoke – possíveis

²⁰³ PENNINGTON, Loren E. *The Purchas Handbook: studies of the life times and writings of Samuel Purchas, 1577-1625*. With bibliographies of his books and of works about him. London Hakluyt Society, 1997.

²⁰⁴ PURCHAS, Samuel (ed.). *Hakluythus poshumus, or, Purchas Pilgrimes*. Contayning a history of the world, in sea voyages, & lande-travells. London: H. Fetherson, 1625, 4 v.

²⁰⁵ BRIGGS, *História social de Inglaterra*, pp. 167-169.

graças as patentes reais que autorizavam tais iniciativas – não lograram êxito por falta de suprimentos e por conta dos constantes conflitos com os nativos, os novos grupos que desembarcaram no Novo Mundo se viram mais preparados para enfrentar este tipo de adversidade. Um grupo liderado pelo capitão John Smith foi enviado no ano de 1607 e às margens do rio James – que desagua nas proximidades da Baía de Chesapeake – fundou Jamestown, o primeiro assentamento de caráter permanente na América do Norte²⁰⁶. Ainda que nos primeiros anos os colonos tenham passado pelos mesmos problemas enfrentados em Roanoke por seus antecessores, com a ajuda de novas expedições Jamestown conseguiu estabilidade²⁰⁷. Nas décadas de 1610-20 o cultivo do tabaco se desenvolveu, em um primeiro momento por meio da utilização de servos de contrato da Inglaterra, mão-de-obra que, gradualmente, sobretudo após a década de 1660, passou a coexistir com o trabalho de escravos africanos²⁰⁸.

A fundação e o desenvolvimento de Jamestown significaram um marco no processo de expansão dos domínios coloniais e alguns dos envolvidos se apressaram em tornar públicas suas impressões acerca destes acontecimentos. O capitão John Smith, em várias de suas obras, mencionou o processo de estabelecimento de Jamestown do qual participou de forma decisiva e em 1608, mais especificamente, publicou *A true relation of such occurrences and accident of noate as hath hapned in Virginia*, uma das primeiras perspectivas sobre a experiência que ainda se encontrava em estágio inicial²⁰⁹. O relato – recorrentemente mencionado e citado por Samuel Purchas – traz os principais feitos presenciados ou protagonizados pelo capitão dedicando parte significativa de suas páginas aos contatos realizados com os índios da tribo Powhatan²¹⁰.

Nas páginas finais do quarto volume de sua coletânea, logo após a parte dedicada aos relatos de viagens à América, Purchas se dirige ao rei, Jaime I, sucessor de Isabel, clamando para que invista nos empreendimentos de ocupação e colonização na Virginia, tal como fez a falecida rainha. Purchas menciona uma sessão da Assembleia Geral da referida colônia

²⁰⁶ LEVINE, Philippa. *The British Empire: Sunset to Sunrise*. London: Pearson Longman, 2007, pp. 31-32.

²⁰⁷ BRADLEY, Peter T. *British maritime enterprise in the New World: from the late fifteenth to the mid-eighteenth century*. Lampeter Edwin Mellen Press Ltd., 1999, pp. 262-266.

²⁰⁸ Para questões sobre trabalho e demografia na Virginia colonial: HATFIELD, April Lee. "Mariners and Colonists"; "Intercolonial Migration" e "Chesapeake slavery in Atlantic context" In: *Atlantic Virginia: Intercolonial Relations in the Seventeenth Century*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004, pp. 60-109, 137-168; CRAVEN, Wesley Frank. *White, Red and Black: The Seventeenth-Century Virginian*. Charlottesville: University Press of Virginia, Charlottesville, 1971.

²⁰⁹ SMITH, John. *A true relation of Virginia*. Edited by Charles Deane. Boston: Wiggin and Lunt, 1866. Esta edição não adere ao longo e descritivo título original de forma integral, mas o reproduz nas páginas iniciais do livro.

²¹⁰ LEVINE, *The British Empire*, pp. 32.

listando algumas das questões que foram registradas para que o então governador da região, Sir Francis Wiat, pudesse repassar à Coroa certas informações, sendo elas:

Primeiramente, quais lugares são melhores e mais apropriados para serem fortificados ou conservados contra os Índios ou outros inimigos. Em segundo lugar, a respeito da presente localização da colônia em relação aos Selvagens. Em terceiro lugar, tratando das expectativas que realmente se concebe acerca da *Plantation*, e em quarto lugar os meios para tais fins²¹¹.

Novamente, as representações acerca das experiências coloniais inglesas na América fornecem elementos pertinentes para problematizar as ênfases e seleções feitas por Defoe na construção de seus romances. O trecho da coletânea de Purchas registra uma percepção acerca dos contatos entre ingleses e nativos que é marcado pelo conflito e distanciamento, visão que difere bastante daquela representada na relação entre os protagonistas dos romances e os índios americanos. Diferentemente do que se encontra na ficção de Defoe, o excerto de Purchas concebe o estabelecimento de um cultivo na América partindo de uma separação entre territórios dos colonizadores e dos nativos.

O conteúdo aqui mapeado entre os textos que, de acordo com os indícios identificados em sua obra, constituem as possíveis leituras realizadas por Defoe, pouco falam sobre a colonização no Caribe. Obras publicadas por John Smith no decorrer da década de 1620 e por Richard Ligon em 1655 trazem algumas características das primeiras iniciativas coloniais em ilhas como St. Christopher em 1623, Barbados em 1625 e Nevis em 1628²¹². Os textos de viajantes sobre o Caribe durante a primeira metade do século XVII são bem mais fragmentados e pontuais se comparados àqueles que tratam de viagens à América do Norte, principalmente pelo fato da colonização destas ilhas não ter sido contemplada nas obras de sistematização sobre as narrativas de viagem como a coletânea de Purchas.

Partindo dos viajantes mencionados por Defoe em seus textos, mesmo contemplando as diversas narrativas compiladas nas coletâneas com as quais o autor teve contato, não é possível identificar uma referência que permita paralelos nítidos entre os cenários americanos de *Robinson Crusoe* e as descrições contidas nos relatos de viagem. Os textos elencados até aqui tratam de tópicos como a riqueza natural e a relação com o nativo, temáticas que são decisivas para as obras de ficção do autor e que, em certa medida, podem ter servido de

²¹¹ No original: ““First, what places in the Countrey were best and most proper to be fortified or maintayned both against Indians or other Enemies. Secondly, concertning the present state of the Colonie in reference to the Savages. Thirdly, touching the hopes really to be conceived of the Plantation, and fourthly touching the Meanes thereunto”. Tradução nossa: PURCHAS, *Hakluythus poshumus*, vol 4, 1972-1973.

²¹² SHITH, John. *The true travels, adventures, and observations of Captain John Smith, into Europe, Asia, Africa, and America*. London: Awncsham and John Churchill, 1704; LIGON, Richard. *A true and Exact History of the Island of Barbados*. Cambridge: Hackett Publishing, 2011.

referências para uma percepção mais geral sobre a América e o mundo colonial construído pelos Impérios Europeus neste continente. Entretanto, alguns historiadores indicam que a ilha de Crusoe apresenta grandes semelhanças com certas descrições publicadas pelo capitão John Poyntz sobre a ilha de Tobago em fins do século XVII.

A narrativa de viagem de Poyntz é intitulada *The Present Prospect of the famous and fertile island of Tobago* e foi publicada em 1683 como resultado das impressões que foram colhidas nas onze vezes em que o capitão e comerciante visitou a ilha.²¹³ Como afirma o historiador Alexander Berkis, no período em que Poyntz escreveu seu texto, o território era um domínio colonial do Ducado báltico-germânico da Curlândia, um dos menores estados europeus que já estabeleceram colônias na América²¹⁴. O Duque da Curlândia cedeu à companhia comercial de Poyntz lotes de terra a serem vendidos entre os britânicos para promover a colonização e comércio na ilha²¹⁵. Arie Boomert, em *Amerindian-European Encounters on and around Tobago* (2002), afirma que entre as últimas décadas do século XVII e meados do século seguinte, a ilha se encontrava em um momento de instabilidade marcado pela inoperância do governo e constantes conflitos externos que colocavam a possibilidade de invasão por parte de outros Impérios, o que incluía o Britânico. Este contexto, somado às semelhanças entre os cenários naturais do romance e da Tobago seiscentista, segundo o autor, contribuem para sustentar a ideia de que Defoe se inspirou na ilha caribenha para construir seu romance²¹⁶. Diferentemente da Tobago do século XVII, a ilha onde se ambienta a maior parte do enredo de *Robinson Crusoe* se encontrava completamente deserta quando o protagonista ali naufragou. Portanto, os aspectos que permitem pensar nas possíveis apropriações do relato de John Poyntz feitas pelo romancista são decorrentes das diversas semelhanças do cenário, sobretudo dos recursos naturais representados nas duas obras.

4. Os usos dos relatos de viagem entre os contemporâneos de Defoe

As recepções e apropriações dos relatos de viagem no decorrer do século XVII foram diversas e podem ser percebidas nos mais variados gêneros, sejam eles ficcionais ou não. O crítico literário Andrew Hadfield, em *Literature, travel, and colonial writing in the English*

²¹³ POYNTZ, *The Present Prospect of the famous and fertils Island of Tobago*.

²¹⁴ BERKIS, Alexander Valdonis. *The history of the Duchy of Courland (1561-1795)*. Maryland: P. M. Harrod Company, 1969, pp. 175-183.

²¹⁵ POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, pp. 46-47.

²¹⁶ BOOMERT, Arie. Amerindian-European Encounters on and around Tobago (1498-1810). *Antropologica*, v. 97, n. 98, pp. 71-207, 2002, pp. 146-148. Para ver mais sobre a colonização de Tobago: SOOMAN, Imbi, et al. From the Port of Ventpils to Great Courland Bay: The Couronian Colony on Tobago in Past and Present In: *Journal of Baltic Studies*, v. 44, n. 4, p. 503-526, 2013;

Renaissance (1998), ao estabelecer comparações entre as narrativas de viajantes e outros textos quinhentistas e seiscentistas, argumenta sobre a existência de discussões e repertórios compartilhados que permitem estabelecer diálogos nítidos entre estes gêneros. Alguns anos após as primeiras viagens à América já era possível perceber algumas aproximações como, por exemplo, em *Utopia* (1516) de Thomas More²¹⁷, obra de ficção filosófica que tem como um dos cenários uma ilha no Novo Mundo, território que recebe o mesmo nome da obra e que se inspira nas viagens de descoberta e exploração realizadas nas décadas anteriores à sua publicação²¹⁸. No século seguinte, após as primeiras tentativas de ocupação da América pelos ingleses, *The Tempest* (1611), peça de Shakespeare, traz no enredo e na linguagem várias semelhanças com o relato da viagem de William Strachey que, anos mais tarde, também foi publicado na coletânea de Purchas²¹⁹. Vale ainda ressaltar que à época de Defoe, viagens à América continuavam sendo feitas por ingleses, ainda que estes nomes não fossem mencionados por ele, mas que contribuía para a circulação de um conhecimento mais atualizado sobre as colônias da Coroa. Dentre as de maior destaque na época do romancista, é possível citar *A voyage to the islands Madera, Barbados, Nieves, St. Christopher and Jamaica* (1707) relatando o trajeto de Hans Sloane e *A new voyage to Carolina* (1709), realizada por John Lawson à nova colônia que foi fundada ao sul da Virgínia²²⁰.

Nas obras de história de fins do século XVII e início do XVIII as narrativas de viajantes são as principais fontes utilizadas para se relatar o avanço das iniciativas coloniais inglesas no Novo Mundo e também contribuem com descrições importantes sobre os nativos, as paisagens, riquezas naturais e animais encontrados nas terras americanas. Em 1685, Nathaniel Crouch, sob o pseudônimo de Richard Burton²²¹, publicou *The English Empire in America*, primeira obra de história que se referiu aos domínios coloniais ingleses como um Império e que se dedicou a analisá-los de forma conjunta²²². No capítulo inicial, Crouch narra a chegada dos europeus à América fornecendo uma síntese sobre as viagens de Cristóvão

²¹⁷ MORE, Thomas. *Utopia*. Edited by George Logan and Robert Adams. New York: Cambridge University Press, 2002.

²¹⁸ HADFIELD, Andrew. *Literature, travel, and colonial writing in the English Renaissance, 1545 - 1625*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

²¹⁹ Apesar de ter publicado seu relato apenas em 1625 na obra de Purchas, Strachey era amigo próximo à Shakespeare e acredita-se que seu texto tenha sido mostrado ao dramaturgo antes mesmo da publicação: SHAKESPEARE, William. *A new variorum edition of Shakespeare, Vol. 9: The Tempest*. Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1892, pp. 312-315.

²²⁰ SLOANE, Hans. *A voyage to the islands Madera, Barbados, Nieves, St. Christopher and Jamaica*. London: B. M., 1707; LAWSON, John. *A new voyage to Carolina* (1709). Edited by Hugh Talmage Lefler. Chapel Hill, 1984.

²²¹ MAYER, Robert. *Nathaniel Crouch, Bookseller and Historian: Popular Historiography and Cultural Power in Late Seventeenth-Century England*. Maryland. In: *Eighteenth-Century Studies*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994. Vol. 27, No. 3, pp. 391-419.

²²² KOEBNER, Richard. *Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, p. 81.

Colombo e, no segundo capítulo, intitulado “The Voyages and Discoveries of Several Englishmen into America”, segue elaborando um histórico sobre aquelas que, segundo ele, são as principais conquistas marítimas dos ingleses no Novo Mundo. A lista se inicia com Sebastian Caboto por sua descoberta da Terra Nova, e inclui viagens de busca pela Passagem do Noroeste como as de Frobisher, Smith, Weymouth, Hudson, Baffin, Pet e Jackman. O autor também menciona as aventuras de circunavegação de Drake e de Thomas Cavendish e, por fim, fecha seu capítulo narrando as buscas pelo El Dorado na Guiana protagonizadas por Walter Raleigh²²³. Além de tentar reconstituir a inserção da Inglaterra na disputa colonial americana de forma mais ampla, Crouch, quando propôs uma breve síntese de cada uma das viagens que mencionou, também recorreu a várias informações descritivas contidas nas narrativas, referindo-se às paisagens, flora, fauna e nativos do continente americano.

Duas décadas mais tarde, Robert Beverley, em *The History and Present State of Virginia* (1705) – uma obra menos abrangente que a de Crouch, porém mais detalhada e aprofundada sobre as características da região que propõe analisar – também fez um recorrente uso dos relatos de viagem para compor seu livro. O historiador se propôs a narrar os principais eventos sobre a colonização desde as primeiras tentativas de ocupação – mencionando Grenville, White e Smith – até os seus dias, contemplando as mudanças no governo local e descrevendo os ameríndios e as potencialidades naturais da região²²⁴. Em seu prefácio, expõe seu posicionamento cético diante de algumas narrativas de viagem e assinala seu uso seletivo das mesmas afirmando que “as viagens francesas são mais comumente infames em seus relatos”, enquanto que os relatos ingleses “se contentam em ser menos ornamentais, embora sejam mais sinceras”²²⁵. Após fazer largo uso dos relatos de Grenville, Smith e Harriot em seus capítulos sobre as últimas décadas do XVI e início do XVII, o autor volta a mencioná-los em vários trechos, tal como faz com a coletânea de Purchas, com o intuito de fundamentar as descrições que fornece sobre os ameríndios e potencialidades econômicas da região.

Outro historiador contemporâneo de Defoe que se propôs a escrever uma história sobre os domínios ingleses na América foi John Oldmixon, autor dos dois volumes de *The British Empire in America*, publicados no ano de 1708²²⁶. O título denota um novo momento

²²³ BURTON, Richard. Chap. II. The Voyages and Discoveries of Several Englishmen into America In: *The English Empire in America* (1685). London: A. Bettesworth & J. Batley, 1728, pp. 37-59.

²²⁴ BEVERLEY, Robert. *The History and Present State of Virginia*, in Four Parts. London: P. Parker, 1705, pp. vii-x.

²²⁵ Ibidem, p. vi.

²²⁶ ROGERS, Pat. An Early Colonial historian: John Oldmixon and "The British Empire in America". In: *Journal of American Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 7, No. 2, ago. 1973, pp. 113-123.

da política entre os ingleses, passando a usar o adjetivo “Britânico” já que o processo de União entre as Coroas da Inglaterra e da Escócia havia se consolidado no ano anterior à publicação da obra. Seguindo uma estratégia já utilizada por Crouch e outros historiadores, Oldmixon dividiu sua obra reservando cada capítulo para a história de uma das regiões da América do Norte e do Caribe, partindo das conquistas e ocupações até o início do século XVIII e dando conta das principais transformações no governo e na colonização²²⁷. No prefácio e no decorrer das sessões de seu texto, o historiador também fez referências diretas aos viajantes indicando as contribuições de seus relatos. Oldmixon, fazendo menção a Hakluyt, afirma ter feito largo uso daquilo que encontrou na coletânea do autor, ainda que o conteúdo tenha sido atualizado e aprimorado por outras fontes de indivíduos que estiveram no Novo Mundo²²⁸. O autor ainda declara que John “Smith, sobre a Virginia e Nova-Inglaterra fornece um relato desta parte do continente que é melhor do que qualquer autor antigo”²²⁹. Enfatizando, em sua introdução, o peso econômico já ocupado pelo cultivo e comércio de açúcar de Barbados e Jamaica, bem como a importância do tabaco produzido na Virginia, Oldmixon incentiva a ocupação e expansão dos domínios coloniais divergindo daqueles que acreditam que as “pessoas são a riqueza da nação e que levar seu povo para longe é empobrecê-la”²³⁰.

Desta maneira, a descrição dos domínios britânicos fornecida por Oldmixon, demonstra, a um só tempo, a configuração do Império na primeira década do setecentos e a sua potencialidade de crescimento territorial e desenvolvimento econômico. Os volumes de Oldmixon se dividem, portanto, em 23 capítulos referentes ao mesmo número de colônias. O primeiro trata dos territórios da parte continental do Império na América do Norte, sendo elas: Terra Nova, Nova Escócia, Nova Inglaterra, Nova York, Nova Jersey, Pensylvania, Maryland, Virginia, Carolina e Baía de Hudson. O segundo volume trata dos pontos de colonização nas ilhas do Caribe, sendo elas: Barbados, Santa Lúcia, São Vicente, Dominica, Antígua, Montserrat, Nevis, São Cristóvão, Barbuda, Anguilla, Jamaica, Bahamas e Bermudas.

As obras destes historiadores de fins do XVII e início do XVIII demonstram algumas características sobre a forma como os contemporâneos de Defoe construíram as representações sobre o mundo colonial inglês que nos interessam em três principais sentidos. Primeiramente, a utilização dos relatos de viagem do século XVI e XVII feita, ainda que de forma seletiva, por estes historiadores, explicita a credibilidade atribuída pelos

²²⁷ OLDMIXON, John. *The British Empire in America*. London J. Nicholson, B. Tooke, 1708, 2v.

²²⁸ Ibidem, p. xiv.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Ibidem, p. xix.

contemporâneos a estes textos no que tange a história colonial inglesa. Além de serem as principais ou, em alguns casos, as únicas fontes sobre os primeiros avanços coloniais, sua preocupação em descrever os territórios com o intuito de incentivar a expansão dos domínios da Coroa leva estes autores a enfatizar determinados aspectos sobre as potencialidades econômicas e territoriais das realidades analisadas ressaltando tópicos como a riqueza natural, a relação com os nativos e as possibilidades de expansão territorial e demográfica. Em segundo lugar, a perspectiva abrangente que caracteriza o surgimento dos conceitos de Império Inglês e, mais tarde, de Império Britânico denota uma representação sobre as possessões inglesas que caracteriza uma importância mais significativa em meio às rivalidades coloniais e manifesta uma potencialidade de expansão. Por fim, a terceira reflexão possível a partir dos trabalhos destes letrados, é que este potencial de ampliação e intensificação da presença inglesa no Novo Mundo, segundo as impressões destes autores, ainda requeria estímulo.

De acordo com o historiador Jack Greene, no início do século XVIII, a noção de que a produção e o comércio possibilitados pela colonização do Novo Mundo eram fontes fundamentais para a prosperidade britânica já era uma convicção corrente entre letrados de diferentes posicionamentos políticos²³¹. Os textos de Defoe parecem indicar que o autor também partilhava e contribuía com a difusão desta crença. Sendo o autor muito interessado pelos assuntos políticos e econômicos de seu reino, ele recorrentemente afirmava a importância da América nas rotas comerciais mundiais. Inserindo os domínios coloniais americanos em um quadro mais amplo de relações econômicas, Defoe afirma, em uma das edições de seu periódico, que “o mundo não poderia pensar em um comércio tão crescente quanto o que tem sido estabelecido em nossas colônias da América” e menciona uma série de mercadorias como tabaco, açúcar, corante, peles de animais, cacau e peixes, itens que, segundo suas afirmações, são de grande valor principalmente quando comercializados em troca dos produtos fabricados na Inglaterra²³². Contudo, diferentemente dos historiadores mencionados anteriormente, o autor não só ressaltou a importância econômica e política do Novo Mundo no período, como também se engajou de forma objetiva no incentivo da expansão imperial, ressaltando, como veremos adiante, as possibilidades de ampliação dos horizontes territoriais do Império Britânico. Deste modo, levando em consideração o que foi

²³¹ GREENE, Jack P. Empire and Identity from the Glorious Revolution to the American Revolution. In: MARSHALL, *The Oxford History of the British Empire*, pp. 215-218.

²³² DEFOE, Daniel. Mr. Review plumps for free trade. Vol. III, 3th, jan. 1705. In: *The Best of Defoe's Review*, p. 123. Sobre o comércio entre a América e a Inglaterra: PRICE, Jacob M. 4. The Imperial Economy, 1700-1776. In: MARSHALL, *The Oxford History of the British Empire*, pp. 78-99.

exposto até o momento, parece-nos plausível afirmar que o conteúdo acessível a Defoe e seus contemporâneos por meio da leitura de relatos de viagem, a um só tempo, cumpriu o papel de difundir um conhecimento sobre o passado dos empreendimentos expansionistas ingleses na América e vislumbrar as possibilidades de ampliação dos domínios coloniais no referido continente. Se as colônias norte-americanas e caribenhas já eram compreendidas como localidades fundamentais para a riqueza da Grã-Bretanha, a América do Sul parece ter sido um dos principais alvos de atenção entre os viajantes e autores que defendiam a expansão colonial e comercial dos domínios britânicos no início do século XVIII.

5. As viagens aos Mares do Sul e a projeção do Império

Uma das regiões de possível expansão dos domínios britânicos que mais chamou a atenção de Defoe e dos homens de seu tempo, certamente, foram os chamados Mares do Sul. Apesar de ter sido alvo de interesse de autores como Richard Eden no prefácio de seu *Decades of the New World* (1555), e de ter sido visitada diversas vezes durante o século XVI pelos ingleses, a região se mantinha sob o controle dos espanhóis. Peter Bradley, em *British maritime enterprise in the New World* (1999), afirma que, após um longo período marcado por um número reduzido de viagens inglesas aos Mares do Sul, as últimas décadas do século XVII e as primeiras do XVIII caracterizam uma intensificação das expedições de piratas e corsários nas costas ocidentais sul-americanas²³³. Em um primeiro momento, o interesse destes navegantes residia na busca por regiões onde pudessem realizar pilhagens e transações comerciais que ampliassem as possibilidades de enriquecimento na América. Como veremos mais adiante, este interesse se somou à conjuntura da Guerra de Sucessão Espanhola, conflito que acirrou as rivalidades imperiais no Novo Mundo e intensificou a competição pelo comércio e por territórios nos litorais dos Mares do Sul.

Em 1669, John Narborough – que aparece rapidamente nas primeiras páginas de *A new Voyage round the world* de Defoe – liderou uma expedição aos Mares do Sul com o intuito de coletar informações sobre a geografia, recursos naturais e nativos presentes na região²³⁴. Após uma série de imprevistos no sul da costa da Argentina, a frota de Narborough passou pelo Estreito de Magalhães realizando explorações nas terras que o circundam e alcançou a região da Patagônia no Chile, visitando e reconhecendo diversas ilhas naquela costa²³⁵. Apesar de a expedição ter se concluído em 1671, o relato da viagem veio a público

²³³ BRADLEY, *British maritime enterprise in the New World*, pp. 431-434.

²³⁴ *Ibidem*, pp. 434-441.

²³⁵ NARBOROUGH, *An Account of Several Late Voyages to the South and North*, p. xii.

apenas em 1694, sob o título de *An Account of Several Late Voyages & Discoveries to the South and North*, juntamente com a narrativa de outras explorações no Ártico lideradas por John Wood²³⁶. As descrições resultantes das viagens de Narborough trazem detalhadas informações sobre as paisagens e condições de navegação das regiões percorridas e, juntamente com outras expedições aos Mares do Sul publicadas no período, constituiu-se como importante referência para Defoe.

Na época do romancista, o corsário William Dampier (1651-1715) esteve entre os mais famosos navegantes, tornando-se conhecido por meio dos relatos publicados por ele e por outros viajantes²³⁷. Entre 1679 e 1683, o corsário esteve na Baía de Campeche no México, antes de iniciar sua primeira viagem de circunavegação. Naquele ano Dampier visitou a Virginia e de lá se dirigiu à América do Sul passando pela costa leste das possessões ibéricas, atravessando o Cabo Horn e alcançando os Mares do Sul, onde realizou vários saques às colônias espanholas. Dali, o capitão cruzou o Pacífico, alcançou as colônias holandesas na Ásia, explorou regiões da Austrália e terminou por retornar à Inglaterra pelo Cabo da Boa Esperança, finalizando sua expedição ano de 1691²³⁸. Entre 1699 e 1715, ano de sua morte, Dampier voltou a explorar as regiões da Austrália que no período eram conhecidas como Nova Holanda e ainda participou de mais duas viagens de circunavegação. Suas expedições se encontram narradas em obras como *A new Voyage round the world* (1697), *Voyages and Descriptions* (1699) e *A Voyage to New Holland* (1703), todas escritas pelo próprio capitão²³⁹.

Os relatos de Dampier conciliavam informações descritivas sobre uma infinidade de regiões visitadas e uma narrativa sobre os eventos mais notórios de suas viagens, elementos que facilitaram a rápida e grande repercussão dos mesmos entre os ingleses e europeus²⁴⁰. Dampier na dedicatória de seu primeiro livro, *A new Voyage round the world*, dirige-se a Charles Montagu, Presidente da Royal Society, esforçando-se em demonstrar a contribuição de sua obra para o avanço do conhecimento. Segundo ele, “como o cenário delas [das viagens] não é somente remoto, mas também em sua maior parte pouco frequentado, portanto, deve haver algumas coisas novas até mesmo para você; e algumas, possivelmente, não

²³⁶ NARBOROUGH, *An Account of Several Late Voyages to the South and North*, p. xiii.

²³⁷ BONNER, William Hallam. *Captain William Dampier, buccaneer-author. Some account of a modest buccaneer and of English travel literature in the early eighteenth century*. California: Stanford University Press, 1934.

²³⁸ Estes percursos se encontram sintetizados no trecho inicial da narrativa do corsário: DAMPIER, *A new Voyage round the world*, pp. i-vi.

²³⁹ DAMPIER, *A new Voyage round the world*; DAMPIER, William. *Voyages and Descriptions: in three parts* [...]. London: James Knapton, 1699; _____. *A voyage to New Holland*. London: James Knapton, 1703.

²⁴⁰ FRANÇA, *A construção do Brasil*, pp. 42.

totalmente inúteis para o público”²⁴¹. O capitão, que também tinha grande conhecimento acerca de narrativas de outros viajantes, intenta se diferenciar daqueles que, porventura, já tiveram a oportunidade de visitar e descrever os lugares percorridos por ele:

Na descrição de lugares, seus produtos, etc., esforcei-me em dar a satisfação que pude para meus compatriotas; ainda que a descrição de muitas coisas possivelmente tenha sido mais bem relatada por outros; escolhendo ser o mais específico que possa ser necessário, com respeito ao leitor inteligente, ao invés de omitir o que eu pensei ser de instrução para pessoas não menos sensíveis e curiosas, contudo, não tão estudadas ou experientes. Por esta razão, a minha principal preocupação foi ser tão particular quanto fosse coerente com a minha brevidade desejada em explicitar tais objetos como os encontrei²⁴².

A quarta viagem de circunavegação realizada por um inglês foi liderada por outro famoso corsário do período, o capitão Woodes Rogers (1679-1732) e também contou com a participação de Dampier²⁴³. A frota do navegante – que mais tarde seria governante das Bahamas e figura importante no combate aos piratas caribenhos – cursou uma rota muito semelhante a da viagem relatada em *A new Voyage round the world*²⁴⁴. O trajeto, que se iniciou em Bristol em 1708 e terminou três anos mais tarde, foi narrado no livro *A Cruising Voyage Round the World*, e ganhou imensa popularidade entre os leitores ingleses do período²⁴⁵. Além de contar com a participação de Dampier, que já era conhecido entre o público da época, o sucesso da obra foi impulsionado por relatar o resgate de Alexander Selkirk, náufrago que permaneceu por quatro anos isolado em uma ilha deserta situada nos Mares do Sul, nas proximidades da costa oeste das possessões espanholas sul-americanas²⁴⁶. Ainda nessa região, a frota tentou atacar a cidade de Guayaquil e mais a norte tomou posse de embarcações de espanhóis na costa do México²⁴⁷. Se em Dampier as descrições sobre os Mares do Sul já ocupavam lugar significativo em meio a narrativa da circunavegação, no texto de Rogers a região tem importância fundamental e é alvo da reflexão de sua introdução. Falando aos mercadores que tornaram sua viagem possível, Rogers assegura:

Eu não tenho dúvidas, de que será para sua permanente honra que tal viagem tenha sido realizada partindo de Bristol, sob vossas despesas; uma vez que

²⁴¹ DAMPIER, *A new Voyage round the world*, p. xi.

²⁴² Ibidem, p. xiii.

²⁴³ MANWARING, George Ernest. *Woodes Rogers: privateer and governor*. Edited by A. Deans Peggs. Nassau: Deans Peggs Research Fund, 1957.

²⁴⁴ Ibidem, pp. 125-131. Sobre a vida do capitão e sua trajetória como corsário, autor e estadista: LITTLE, Bryan D. G. *Crusoe's captain: being the life of Woodes Rogers, seaman, trader, colonial governor*. Sobre a repercussão de seu livro e sua relação com a obra de Defoe: ADAMS, Percy. Introduction. In: ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World*. New York: Dover, 1970. London: Oldhams Press, 1960.

²⁴⁵ ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*.

²⁴⁶ Ibidem, pp. 125-130.

²⁴⁷ Ibidem, pp. xii-xiii.

tenha dado uma evidência suficiente do que pode ser feito naquelas regiões e uma vez que a sabedoria da nação agora concorda em estabelecer um comércio nos Mares do Sul, que, com a graça de Deus, poderá trazer riquezas vastas para a Grã-Bretanha²⁴⁸.

Portanto, os Mares do Sul para alguns dos mais famosos corsários da época de Defoe, constituíram-se como regiões de projeção do Império, territórios que potencialmente trariam benefícios políticos e econômicos para os britânicos. A costa ocidental da América do Sul e as terras chilenas e peruanas pareciam atrair Defoe e os viajantes lidos por ele em três aspectos mais notáveis. Primeiramente, a ocupação destas regiões daria aos britânicos acesso a terrenos férteis para cultivo e planícies adequadas para criação de gado²⁴⁹. Em segundo lugar, colocaria a possibilidade de exploração de metais preciosos na região dos Andes e da Patagônia já que a atividade mineradora era um setor fundamental na economia colonial hispano-americana e também poderia beneficiar à Grã-Bretanha²⁵⁰. Por fim, permitiria a participação direta dos britânicos no comércio dos Mares do Sul, já que as cidades portuárias destes territórios eram pontos estratégicos nas rotas de mercadorias que ligavam as Índias Orientais, à América e à Europa²⁵¹.

²⁴⁸ No original: “I make no doubt, it will be to your lasting Honour, that such a Voyage was undertaken from Bristol at your Expençe; since it has given the Publick a sufficient Evidence of what may be done in those Parts, and since the Wisdom of the Nation has now agreed to establish a Trade to the South-Seas, which, with the Blessing of god, may bring vast Riches to Great Britain”. Tradução nossa: ROGERS, *A Cruising Voyage*, p. v.

²⁴⁹ MÖRNER, Magnus. A economia e a sociedade rural da América do Sul Espanhola no período colonial. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina colonial*, volume II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, pp. 187-218.

²⁵⁰ ASSADOURIAN, Carlos Sempat. 5. La economía minera: expresion del mundo de las mercancías. In: *El sistema de la economía colonial: mercado interno, regiones y espacio económico*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1982, pp. 135-221.

²⁵¹ BRADLEY, *The lure of Peru*, pp. 88-89.

III – O NOVO MUNDO E A EXPANSÃO IMPERIAL NA FICÇÃO DE DEFOE

Se o Império e a América já apareciam ocasionalmente nas páginas do *Review* (1704-1713), os ensaios de Defoe dedicados aos assuntos pertinentes à *South Sea Company* representam um momento em que o autor propõe de forma sistemática e objetiva uma expansão comercial e territorial dos domínios britânicos naquele continente. Em um primeiro momento os Mares do Sul compõem a região de maior interesse, mas ao final da década de 1710 a porção do litoral norte da América do Sul banhada pelo Mar do Caribe, bem como algumas das ilhas que compõem as Índias Ocidentais ganharam espaço nestes debates e também, como veremos, nos enredos dos romances de Daniel Defoe. Primeiramente, portanto, trataremos dos ensaios publicados pelo autor entre 1711 e 1719 dedicados às questões pertinentes à *South Sea Company* e que nos interessam na medida em que explicitam alguns dos indícios acerca das leituras que o autor realizou, bem como manifestam suas propostas de expansão do Império Britânico na América. Seguiremos nossa análise abordando os três romances de Defoe em que a questão da expansão imperial se apresenta como plano de fundo, obras que serão comparadas com os relatos de viagens lidos pelo autor para que seja possível identificar as possíveis apropriações das narrativas de viajantes realizadas pelo romancista. Intentaremos compreender também o sentido que estas representações do Novo Mundo ganharam nos romances levando em consideração os elementos que contribuem para a defesa de uma expansão imperial no continente americano.

Em 1719, o mesmo ano da publicação de *An historical account of the voyages and adventures of Sir Walter Raleigh*, o escritor traz a público sua primeira obra de ficção que seria considerada um romance nos moldes daquilo que o gênero se tornou no decorrer do século XVIII. A esta altura de sua trajetória, Defoe já havia conseguido certa projeção nos espaços públicos por meio de seu periódico e pelo caráter polêmico de vários de seus escritos, mas foi com *Robinson Crusoe* (1719) que o autor se consagrou mundialmente como nome de destaque da história literária inglesa. No mesmo ano em que o romance foi publicado, a história do aventureiro Crusoe ganhou uma continuação, *The farther adventures of Robinson Crusoe*, que já havia sido anunciada no fim do primeiro romance. Abordando estas obras iniciais da produção ficcional de Defoe, será possível estabelecer diálogos com o relato de viagem do capitão John Poyntz, bem como com as narrativas das viagens realizadas por Walter Raleigh

Entre 1719 e 1724, o romancista continua sua produção de obras ficcionais e não ficcionais, publicando ao fim deste período o último romance de sua autoria, *A new voyage round the world*. O enredo simula uma viagem de circunavegação, tal como aquelas narradas

e protagonizadas por vários dos viajantes que se encontram no rol de suas principais referências. No decorrer da narrativa, Defoe fornece uma série de descrições sobre os espaços percorridos e as potencialidades territoriais e econômicas dos mesmos, aspectos que serão decisivos para comparações que pretendemos propor entre esta obra de ficção e os relatos de viagem de Francis Drake (1595), John Narborough (1683), William Dampier (1697) e Woodes Rogers (1713).

1. A South Sea Company e os projetos de expansão colonial na América

Em 1711, no contexto da Guerra de Sucessão Espanhola – que já somava dez anos de duração²⁵² – devido à crescente dívida pública resultante das despesas militares, o governo inglês precisou pensar em estratégias para estancar tais débitos sem que o andamento dos conflitos fosse prejudicado²⁵³. Naquele ano, Robert Harley – que havia se tornado Tesoureiro-mor da Grã-Bretanha, um dos mais altos cargos administrativos no período – propôs ao Parlamento a criação de uma companhia comercial que estabeleceria uma parceria entre iniciativa privada e Coroa com o intuito de se diminuir o débito nacional e, ao mesmo tempo, promover investidas contra os franceses e espanhóis no Novo Mundo²⁵⁴. Defoe ainda prestava serviços à Harley na redação do *Review* e, antes mesmo de ter contato com o relato da viagem de Woodes Rogers (1712), que trazia discussões sobre o comércio nos Mares do Sul, já se encontrava envolvido nos complexos debates referentes à *South Sea Company*²⁵⁵.

No mesmo ano em que a proposta foi submetida por Harley e aprovada pelo Parlamento, Defoe, notando a recepção controversa entre alguns parlamentares e comerciantes, viu-se incumbido de explicar aos seus conterrâneos os propósitos e o funcionamento da companhia para que nenhuma dúvida restasse acerca dos possíveis benefícios resultantes de tal estratégia²⁵⁶. Em *A true account of the design and advantages of the South Sea Trade* (1711), o autor tenta explicitar de forma objetiva o esquema proposto pelo governo que, não podendo pagar o total da dívida interna que acumulou, comprometeu-se no pagamento dos juros, sob uma taxa anual de 6%, proposta esta que, segundo ele, em longo prazo, mostrar-se-ia mais vantajosa para os credores do que a cobertura dos valores

²⁵² BLACK, Jeremy. *European Warfare in a Global Context, 1660-1815*. New York: Routledge, pp. 72-76.

²⁵³ BREWER, John. *The Sinews of Power: War, money, and the English state, 1688-1783*. London: Unwin Hyman, 2005, pp. 93-102.

²⁵⁴ DEFOE, Daniel. *A True Account of the Design, And Advantages of The South-Sea Trade [...]*. London: J. Morphew, 1711.

²⁵⁵ ROGERS, A *Cruising Voyage Round the World*, pp. vii-xxi.

²⁵⁶ CARSWELL, John. *The South Sea Bubble*. Stanford: Stanford University Press, 1961, pp. 41-45.

totais do débito original²⁵⁷. Ademais, o Parlamento elaborou um projeto fundamentado pelas proposições de Harley “para incorporar os proprietários dos referidos débitos na manutenção de um comércio nos Mares do Sul; pelo qual resultará mais uma vantagem” aos ditos credores²⁵⁸.

As negociações entre espanhóis e franceses realizadas no decorrer da Guerra e seus respectivos desdobramentos na América permitiram que a França estabelecesse pontos de ocupação em possessões espanholas, sobretudo na costa do Chile, para desenvolver atividades comerciais nestas regiões²⁵⁹. Este comércio, segundo Defoe, gerava muita riqueza para os franceses e cobria as despesas do conflito que tanto endividava a Grã-Bretanha, reino que liderava o bloco da Grande Aliança contra as investidas francesas. A solução promovida pela *South Sea Company* seria, simultaneamente, recompensar os credores pelo atraso das dívidas públicas com o pagamento dos juros e possibilitar o desenvolvimento de um lucrativo comércio no Novo Mundo, cobrindo as despesas e recursos materiais necessários para ocupação destes territórios também tentando facilitar a retirada dos franceses da região²⁶⁰. Os integrantes do esquema da companhia, portanto, teriam o monopólio destes empreendimentos britânicos na América do Sul e, por meio dele, poderiam desenvolver iniciativas comerciais e coloniais que seriam benéficas para seus próprios negócios e para os rumos da Grã-Bretanha na Guerra de Sucessão Espanhola²⁶¹.

Ainda naquele ano, veio a público *An essay on the South Sea Trade* (1711), no qual Defoe aprofundava algumas questões sobre as propostas da referida companhia e tentava resolver alguns mal entendidos sobre seus objetivos²⁶². Várias objeções foram feitas ao projeto da *South Sea Company*, como a acusação de que o esquema seria apenas uma forma do governo se esquivar dos atrasos das dívidas públicas ou de que a proposta de se inserir os credores no referido comércio não era plausível, pois eles não se encontravam preparados para tais empreendimentos²⁶³. Respondendo a estas sentenças, Defoe reitera que o governo não poderia prever a dimensão dos problemas financeiros resultantes dos conflitos enfrentados pelos britânicos e argumenta que, diante de circunstâncias tão adversas, o

²⁵⁷ DEFOE, *A True Account of the Design, And Advantages of The South-Sea Trade*, p. 4.

²⁵⁸ *Ibidem*, p. 5.

²⁵⁹ SATSUMA, Shinsuke. *Britain and Colonial Maritime War in the Early Eighteenth Century: Silver, Seapower and the Atlantic*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2013, p. 163-164.

²⁶⁰ DEFOE, *A True Account of the Design, And Advantages of The South-Sea Trade*, pp. 9-10.

²⁶¹ EGERTON, Douglas, R, et alii. *Slave Trade and Slavery in the Americas, 1580-1780*. In: *The Atlantic World: A history (1400-1888)*. Wheeling: Harlan Davidson, 2007, pp. 195-196.

²⁶² DEFOE, Daniel. *An essay on the South-Sea Trade*, [...]. By the Author or the Review. London: J. Baker, 1712, pp. 5-7.

²⁶³ *Ibidem*, p. 24.

Parlamento não poderia fazer nem mais, nem menos do que foi proposto²⁶⁴. Inserindo o referido projeto na dinâmica imperial de forma mais ampla e enfatizando suas potencialidades políticas e econômicas, Defoe objetivamente sugere que seus conterrâneos devem:

tomar posse de uma parte da América para estabelecer uma colônia inglesa e erguer um comércio oriundo da Inglaterra, como supracitado, contra o qual [...] nenhum homem irá levantar objeção, mas todos unanimemente concordarão que nós desejamos vê-lo em execução como um alicerce no qual deve ser construído um imenso comércio, uma nova e muito desejada abertura para nossos manufatureiros da Grã-Bretanha; uma nova e muito desejada abertura para as provisões e rebanhos, o produto de nossas colônias na América do Norte; e um incrível crescimento de nossa navegação, poder e população²⁶⁵.

O conflito envolvendo a crise sucessória na Espanha e os anseios de expansão da França se perpetuou até 1714²⁶⁶, mas a Grã-Bretanha já se encontrava fora das batalhas desde o ano anterior quando foi assinado o Tratado de Utrecht. Dentre tantas outras questões diplomáticas – várias delas discutidas por Defoe em seus ensaios²⁶⁷ –, o documento garantia aos britânicos o *Asiento*, ou seja, o direito de comercializar escravos com as colônias espanholas. Esta prerrogativa pertenceu aos franceses no decorrer da Guerra e foi transferida para os integrantes da *South Sea Company* após o referido acordo²⁶⁸. O comércio de escravos foi uma das atividades mais profícuas da Companhia nos anos que se sucederam, ainda que as propostas de se estabelecer pontos de colonização e comércio na América do Sul não tenham desaparecido²⁶⁹.

Alguns argumentos da historiadora Olga Pantaleão contribuem para ideia de que os anos finais da Guerra de Sucessão Espanhola, na esteira dos desdobramentos diplomáticos do

²⁶⁴ DEFOE, *An essay on the South-Sea Trade*, pp. 27-36.

²⁶⁵ No original: “taking Possession of some Part of America, to establish an English colony, and erect a Trade thither from England, as foresaid, against which [...] no Man will raise One Objection, but all unanimously agree, that we wish to see it put in Execution, as a Foundation, upon which may be Built an immense Trade, a New, and very much Wanted Vent, for our Manufactures of Britain; a New, and as much wanted Vent for the Provisions, and Cattle, the Produce of our Colonies on the North of America; and a wonderful Encrease of our Navigation, Strenght, and People”. Tradução nossa. DEFOE, *An essay on the South-Sea Trade*, p. 45.

²⁶⁶ PANTALEÃO, Olga. *A penetração comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713-1783*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1946, , pp. 29-31.

²⁶⁷ No ano em que o Tratado foi firmado, Defoe publicou vários textos sobre as relações político-econômicas entre as Coroas francesa e britânica. Dentre eles, cabe destacar: *An essay on the treaty of commerce with France*. London: J. Baker, 1713; e *Some further observations on the treaty of navigation and commerce between Great-Britain and France*. London: J. Baker, 1713.

²⁶⁸ SATSUMA, *Britain and Colonial Maritime War*, p. 184. O tratado repercutiu de diversas maneiras nas dinâmicas e rivalidades imperiais na América: GRADY, Timothy Paul. *Anglo-Spanish in Colonial South-East America, 1650-1725*. London: Routledge, 2015, pp. 124-129; MIR, Lúcio B. *Ladrones de guante blanco: la corrupción porteña en tempos de la South Sea Company (1713-1752)*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008; pp. 15-19.

²⁶⁹ CARSWELL, *The South Sea Bubble*, pp. 63-67; Para ver mais sobre o comércio de escravos realizado pela *South Sea Company*: PAUL, Helen J. *The South Sea Company's slaving activities*. Southampton: University of Southampton Press, 2009.

Tratado de Utrecht (1713), caracterizaram rupturas importantes no que tange as intervenções econômicas inglesas nos domínios coloniais espanhóis, sobretudo por meio do *Asiento*²⁷⁰. De acordo com nossa perspectiva, os ensaios e romances de Defoe parecem demonstrar como estes aspectos sobre as disputas territoriais e comerciais condicionaram as representações construídas pelos ingleses acerca do Novo Mundo.

As propostas de expansão comercial e imperial na América do Sul ligadas ao projetos da *South Sea Company* continuaram sendo alvo de interesse por parte de letrados do período, como o dramaturgo William Bond ou o secretário do Tesouro britânico, Charles Stanhope²⁷¹. Os debates relativos aos acordos firmados nas etapas finais da Guerra parecem ter cessado na segunda metade da década de 1710, mas Defoe voltou a dialogar com a Companhia tratando de outras questões. Em 1719, o autor publicou *An historical account of the voyages and adventures of Sir Walter Raleigh*, “humildemente proposto à *South Sea Company*”²⁷², no qual elaborou uma síntese das contribuições para as conquistas britânicas no ultramar realizadas pelo navegante mencionado no título. O texto se inicia com uma crítica a outra publicação daquele mesmo ano, *Memoirs of Sir Walter Raleigh*, de Lewis Theobald²⁷³, também dedicada ao viajante, mas que, segundo Defoe, não faz justiça aos memoráveis feitos do famoso cavaleiro. Seu relato segue tratando das primeiras tentativas de colonização da América do Norte organizadas por Raleigh e seu meio-irmão, Richard Grenville, afirmando que a veracidade destes feitos pode ser confirmada na “história de viagens do Sr. Harkluyt”, considerado “um autor de crédito incontestado”²⁷⁴. O trecho merece destaque por confirmar o contato de Defoe com a famosa coletânea de relatos de viagem do período elisabetano, obra que também narra os feitos de nomes como Francis Drake, outra importante figura da navegação inglesa mencionada por Defoe.

O foco de Defoe em seu relato, contudo, são as viagens à suposta região do Império da Guiana no norte da América do Sul, aventuras também protagonizadas por Sir Walter Raleigh e que são alvo da maior parte de sua reflexão no restante daquela publicação. Sempre tecendo longos elogios ao navegante e atribuindo-lhe as melhores das intenções, o autor narra os preparativos para a viagem em busca do rico Império no qual Raleigh intentava fundar uma colônia britânica. Traz ainda longas transcrições de trechos da carta patente cedida pela rainha

²⁷⁰ PANTALEÃO, A *penetração comercial da Inglaterra*, pp. 32-68.

²⁷¹ LANSDOWN, Richard (ed.). *Strangers in the South Seas*. The Idea of Pacific in Western Thought: An Anthology. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006, p. 51.

²⁷² DEFOE, Daniel. *An historical account of the voyages and adventures of Sir Walter Raleigh* [...]. London: W. Boreham, 1719, p. 2.

²⁷³ THEOBALD, Lewis. *Memoirs of Sir Walter Raleigh*. London: W. Mears, 1719.

²⁷⁴ DEFOE, *An Historical Account of Sir Walter Raleigh*, pp. 12-13.

autorizando os empreendimentos e excertos do relato da viagem que, como já mencionado, foi publicado tanto na coletânea de Hakluyt como no livro publicado pelo cavaleiro em 1595. Retomando os anseios do protagonista destas aventuras, Defoe advoga a favor da fundação de uma colônia na região, descrita por ele como:

mais rica em ouro e prata que México e Peru; repleta de habitantes como a própria Grã-Bretanha; entre os quais um infinito consumo de nossos manufaturados de lã deve ser esperado, e um retorno dos mais desejáveis rendimentos de riquezas imediatas, pelo qual um novo ramo de comércio será realizado no mundo, de maneira que nossos mercadores não precisarão mais disputar um com o outro, ou conflitar sobre a posse do comércio [...] e isso me leva naturalmente a colocar este relato diante da *South Sea Company* agora; diante de uma sociedade de homens qualificados para se encarregarem de tal empreendimento, que seria demais para qualquer outro grupo de mercadores no mundo²⁷⁵.

Assim como no caso dos Mares do Sul, a descrição da região do Império da Guiana fornecida por Defoe visa incentivar o avanço dos domínios britânicos em tais territórios, ressaltando seus benefícios naturais e econômicos e reafirmando a necessidade da Companhia se empenhar na conquista destes espaços. Ademais, em vários momentos o relato enfatiza o caráter sociável e pacífico dos nativos com os quais Raleigh afirma ter tido contato, aspecto que, como veremos, tem grande importância nas representações do Novo Mundo contidas nos romances de Defoe.

Estes ensaios publicados na década de 1710 explicitam algumas informações importantes sobre a participação de Defoe nas discussões sobre a América e o Império Britânico. O ensaio dedicado aos feitos de Raleigh traz indicativos sobre os relatos de viagem com os quais o autor teve contato, pois, além de mencionar as viagens realizadas pelo explorador, também cita a coletânea de Hakluyt. Este ensaio, ao lado daqueles redigidos logo após a aprovação do projeto de criação da *South Sea Company*, demonstram o empenho de Defoe no incentivo à expansão da colonização inglesa na América em determinadas regiões e – como veremos adiante – já contemplam algumas das temáticas relevantes para as obras ficcionais do autor que serão publicadas nos anos seguintes.

²⁷⁵ No original “richer in Gold and Silver than Mexico and Peru; full of Inhabitants like Great-Britain it self; among whom an infinite Consumption of our Woollen Manufactures might have been expected, and a Return of that most desirable of all Return of that most desirable of all Returns ready Money, by which such a new Branch of Commerce would have been made in the World that our Merchants would have no more need to Quarrel with one another, or contend about the Property of Trade [...] and this leads me most naturally to lay this now before the *South-Sea Company*, as before a Society of Men qualified to engage in such Undertaking, and which would be too much for any other Body of Merchants in the World”. Tradução nossa: DEFOE, *An Historical Account of Sir Walter Raleigh*, p. 41.

2. *Robinson Crusoe*: a colonização de uma ilha deserta no Caribe

Por conta da grande diversidade de cenários, contextos e personagens presentes nos dois romances protagonizados por Robinson Crusoe, os elementos que compõem as representações da ilha no Novo Mundo e os significados passíveis de serem reconstituídos se encontram difusos e vão se construindo paulatinamente no decorrer da narrativa. Acompanhando o narrador, o leitor gradualmente toma conhecimento sobre os espaços nos quais a trama se desenrola e o texto em primeira pessoa alterna entre o relato dos principais eventos e reflexões introspectivas recorrentemente marcadas por aspectos religiosos. Tendo em vista esta complexidade espacial dos dois primeiros romances de Defoe, será necessário esclarecer alguns detalhes do enredo que servirão para preparar o terreno para nossas reflexões.

As aventuras de Crusoe se iniciaram quando o jovem inglês decidiu deixar sua família em York e se arriscar na navegação e no comércio. Antes mesmo de chegar à América o protagonista passou por uma série de apuros e adversidades cujos resultados se alternam entre seus fracassos e êxitos²⁷⁶. No primeiro volume, Crusoe, em suas diversas viagens, percorreu as costas africanas, estabeleceu-se no Brasil como proprietário de uma lavoura e, com o objetivo de conseguir escravos para servirem de mão-de-obra em suas terras, tentou retornar à África. Nesta ocasião, por conta de uma tempestade, o aventureiro se desgarrou de sua frota e acabou por naufragar em uma ilha onde permaneceu isolado por vinte e oito anos.

A embarcação do protagonista permaneceu nas proximidades da costa da ilha permitindo que ele resgatasse uma grande quantidade de suprimentos e ferramentas para sua sobrevivência. Na maior parte de sua estadia na ilha, ele se valeu apenas destes itens e daquilo que conseguiu extrair e construir a partir dos recursos naturais ali encontrados. Por volta de quinze anos após o naufrágio, o protagonista começou a notar indícios de presença de outros humanos no recinto e, mais tarde, confirmaria que periodicamente um grupo de índios visitava o local para realizar rituais de canibalismo. Em uma destas situações, Crusoe resgatou um índio prisioneiro dos canibais e lhe deu o nome de Sexta-feira que passou então a ser sua principal companhia na ilha, sendo-lhe um fiel servo e aprendiz. Em uma nova visita dos índios para a realização de mais um ritual, Crusoe e seu companheiro resgataram um espanhol e outro índio já idoso que, por acaso, era o pai de Sexta-Feira. Estes dois permaneceram por

²⁷⁶ DEFOE, Daniel. *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe, Of York, Mariner* [...]. London: W. Taylor, 1719. Para ver mais sobre enredo, crítica e contexto de publicação de *Robinson Crusoe*: RICHETTI, *Life of Daniel Defoe*, pp. 174-212; BACSCHEIDER, *Daniel Defoe*, pp. 412-436; PRADO, Maria Lígia Coelho. Diálogos entre o Velho e o Novo mundo: Robinson Crusoe e Sexta-feira. *História Revista*, Goiânia: UFG, v. 15, n. 1, p. 133-157, jan./jun. 2010.

certo tempo na Ilha e, utilizando as embarcações deixadas na praia pelos índios, navegaram à terra dos canibais para resgatar os demais espanhóis que também estavam aprisionados.

No último ano de sua permanência na Ilha do Desespero – nome dado por ele ao território –, Crusoe e Sexta-Feira presenciaram a chegada de um navio inglês no qual parte da tripulação havia organizado um motim contra do capitão. Negociando secretamente com o capitão, Crusoe organizou um ataque contra os líderes do motim com a condição de ser levado à Inglaterra, logo após o fim dos conflitos. Desta maneira, deixando na ilha, ele e Sexta-Feira conseguiram ir à Europa onde o protagonista descobriu que os rendimentos de sua lavoura no Brasil, mantidos pelo seu amigo comerciante durante todos aqueles anos haviam o deixado rico.

Na Inglaterra, dentre os poucos conhecidos que reencontrou, Crusoe teve contato com seus dois sobrinhos e um deles também se tornou um navegante. Com sessenta e um anos de idade, Crusoe, na companhia de Sexta-Feira, seu sobrinho e uma frota muito bem preparada e equipada, decidiu realizar uma viagem comercial às Índias Orientais. Esta jornada se encontra narrada em *The farther adventures of Robinson Crusoe* e se inicia com uma parada na ilha onde a maior parte dos eventos da primeira parte da história se ambientou²⁷⁷. O aventureiro reviu o espanhol que havia sido salvo em um dos rituais de canibalismo e que passou a ser considerado o Governador pelos demais residentes – tal como Crusoe era chamado antes de partir para a Inglaterra. O espanhol havia retornado de sua viagem à ilha vizinha e resgatado seus conterrâneos que também passaram a ser habitantes do território. Dialogando com Crusoe, o Governador narrou os principais acontecimentos e imprevistos que ocorreram no período em que o inglês estivera em sua terra, eventos estes que incluíam tensões entre os habitantes e novos conflitos contra os índios do território vizinho. Após ter se inteirado sobre a situação da ilha, Crusoe segue com sua viagem para as Índias Orientais.

Estes detalhes sobre o enredo serão úteis para que se tenha noção dos contextos e personagens que interessam para o andamento da análise bem como para sistematizar algumas nuances temporais e espaciais da narrativa. A despeito dos importantes trechos sobre eventos ocorridos na Europa, na África e na Ásia, o cenário predominante nos dois romances é a ilha deserta no Caribe. Levando em consideração apenas os acontecimentos ocorridos neste espaço, é possível dividir a narrativa em três períodos: o primeiro abarca os dezessete anos em

²⁷⁷ DEFOE, Daniel. *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* London: W. Taylor, 1719. Sobre a obra e seu contexto de publicação: Para ver mais sobre enredo, crítica e contexto de publicação de *Robinson Crusoe*: RICHETTI, *Life of Daniel Defoe*, pp. 213-224; MARKLEY, Robert. "I have now done with my island, and all manner of discourse about it": Crusoe's Farther Adventures and the Unwritten History of the Novel. In: BACKSCHEIDER, INGRASSIA, *A companion to the eighteenth-century English novel and culture*, pp. 25-47.

que Crusoe permanece sem contato com outros seres humanos e que se inicia com o naufrágio; o segundo tem seu início na primeira vez em que o protagonista presencia uma visita dos índios à ilha, abrangendo também o resgate de Sexta-Feira, de seu pai e do espanhol bem como a chegada do navio inglês ao território; o último se desdobra na ausência do protagonista somando oito anos a partir do momento em que ele deixa a ilha, e é narrado pelo Governador espanhol no diálogo que estabeleceu com o herói quando o mesmo retornou ao local.

2.1. Cenários e riquezas naturais: apropriações do relato do capitão John Poyntz

Como já mencionado, o conhecimento de Robinson Crusoe acerca da ilha e dos demais cenários da obra vão se reconstituindo gradualmente nos dois romances conforme o narrador avança em seu relato. Esta característica remete a forma de estruturação das descrições de diversos relatos de viagem, sobretudo aqueles têm como foco as potencialidades naturais das regiões que descrevem. Conforme o protagonista explora a ilha por terra e seus arredores pelo mar, a localização, os elementos da paisagem e as riquezas naturais encontradas no local revelam interessantes semelhanças com as descrições de John Poyntz acerca da ilha de Tobago.

Após ter deixado sua lavoura de tabaco nas terras brasileiras e ter sido atingido por uma tempestade, Crusoe e sua frota foram levados para as proximidades da Costa da Guiana, segundo o narrador, nas águas que banham a região que se situa a norte do Brasil onde se encontra a foz do rio Orinoco. Os expedicionários suspeitavam estar nas proximidades das ilhas do Caribe e que deveriam buscar chegar a Barbados, território então colonizado por britânicos e no qual conseguiriam ajuda para reparar suas embarcações e captar provisões para continuar sua rota à África em busca de escravos²⁷⁸.

Pouco depois do naufrágio, ainda no início do período de seu total isolamento, Crusoe não tinha certeza sobre onde se encontrava ou sequer se tais terras formavam uma ilha ou parte de um continente. Quando conseguiu subir em uma alta colina, percebeu que se encontrava “em uma ilha, rodeado por todos os lados pelo mar, sem nenhuma terra à vista”²⁷⁹. Pouco mais de um ano havia se passado e, depois de fazer novas explorações na ilha e partindo de seus cálculos e reflexões, ele passou a sustentar a crença de que tal território pertencia à América e se localizava nas proximidades dos domínios espanhóis²⁸⁰. Apenas

²⁷⁸ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 47-48.

²⁷⁹ *Ibidem*, pp. 60-61.

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 127.

vinte e cinco anos mais tarde, já acompanhado de Sexta-Feira, Crusoe confirmou suas conjecturas em uma conversa com o índio. Indagando uma série de questões ao nativo americano, Crusoe obteve algumas informações sobre os povos que residiam nas ilhas daquela região, bem como nas regiões do litoral norte da América do Sul próximas dali e então pôde ter certeza de que a ilha onde se encontravam pertencia às Pequenas Antilhas nas Índias Ocidentais²⁸¹. Por fim, já em suas “novas aventuras”, retornando à ilha depois de alguns anos, Crusoe e a frota de seu sobrinho exploraram diversas ilhotas até conseguirem encontrar a que procuravam e neste trajeto concluíram que a terra onde o herói se viu isolado por tanto tempo se localiza nas proximidades de Trinidad, não muito longe da foz do rio Orinoco²⁸².

A localização da ilha de Crusoe certamente não é um indício suficientemente forte para estabelecer a comparação entre o conteúdo do romance e o do relato de viagem do capitão John Poyntz, contudo, é certamente o ponto de partida necessário para este processo. Se a semelhança no posicionamento geográfico nos permite pensar em um paralelo com a ilha de Tobago, as similaridades entre diversos recursos naturais que compuseram o ambiente das aventuras de Crusoe e as descrições de Poyntz contribuem ainda mais para as relações que pretendemos delinear adiante. O relato do capitão sobre Tobago traz uma elogiosa introdução que, de certa maneira, sintetiza os itens que serão descritos em seu texto e que já apontam algumas semelhanças com a ambientação do romance de Defoe. Segundo Poyntz, a ilha:

pela Providência de Deus repousa nos braços da segurança; cujo solo é tão rico, mesmo sem nenhuma arte de cultivação, que alguns têm a caracterizado como o Paraíso das Índias, vestida em uma bela constituição de solo; [...] o que evidentemente prova com argumento convincente o prodigioso crescimento de suas maciças e pesadas árvores de madeira [...] e também a abundância natural e produção de provisões, a delicadeza das frutas, a virtude soberana das raízes, ervas, flores, e drogas medicinais; além da generosidade da natureza na variedade de animais e as bênçãos dos céus na multiplicação dos peixes e aves, que abundam em água doce e salgada. [...] E a Ilha é tão repleta de materiais para construção, que permitirão que você, se trouxer mãos habilidosas e bons artesãos, em pouco tempo e com pouco gasto, construa casas, vilas e fortificações²⁸³.

²⁸¹ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 255.

²⁸² DEFOE, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, p. 35.

²⁸³ No original: “and by the Providence of God sleeps in the Arms of Security: Whose Soil is so rich without Art of Cultivation, that some have fancied her the Paradise of the Indies, dress up in a beauteous Complexion of Soil; [...] which evidently proves by convincing Argument, the prodigious growth of her massy and ponderous Timber-Trees [...] as also of the Natural Plenty and Produce of Provision, the Delicacy of Fruits, and the Sovereign Vertue or Roots, Herbs, Flowers, and Medicinal Drugs; besides Nature Bounty in Variety of Beasts, and Heavens Benediction in the multiplication of Fish and Fowl, that abound both in fresh and in salt Water; [...] And the Island is so replenish’d with materials for Building, that provided you bring dextrous Hands and good Artificers, you may in a little Time, and with small Charge, build both Houses and Towns, or Fortifications”. Tradução nossa: POYNTZ, John. *The Present Prospect of The Famos and Fertile Island of Tobago*[...]. London: John Wood, 1695, p. 3.

A obra traz detalhadas informações sobre os produtos que ele encontrou em Tobago e se divide em seções específicas que inventariam os grãos, frutas, raízes, ervas, temperos, madeiras, animais, peixes, aves e matérias-primas daquelas terras. As plantas, árvores e frutas encontradas e utilizadas por Crusoe na Ilha do Desespero apresentam abundantes semelhanças com as descrições de Poyntz. Depois de já ter estabelecido sua morada em determinada região da ilha, ainda no período de completa solidão, o naufrago decidiu realizar sucessivas explorações por terra em outras regiões, onde encontrou um curso de água e fez importantes descobertas sobre a diversidade natural daqueles locais:

Na margem deste ribeiro eu encontrei agradáveis savanas, ou pradarias; planas, macias e cobertas com grama; e em suas partes ascendentes nas proximidades dos terrenos mais elevados, onde a água, como se pode supor, nunca inundou, eu encontrei uma grande quantidade de tabaco verde, e crescendo com talos grandes e muito fortes; havia diversas outras plantas que eu não tinha noção ou conhecimento sobre, e provavelmente deveriam ter suas próprias virtudes as quais eu não pude descobrir. [...] Eu encontrei melões pelo chão em grande abundância, e uvas sobre as árvores; as vinhas realmente haviam se espalhado pelas árvores, e os cachos de uvas estavam em seu auge, muito maduros e ricos²⁸⁴.

Em suas andanças, Crusoe ainda viu “várias canas-de-açúcar” e uma “abundância de árvores de cacau”, mas que precisariam ser devidamente cuidadas para que pudessem produzir em grande escala, tal como ocorria em diversas colônias do continente americano. Ademais o inglês encontrou laranjas, limões e cidras, muito saborosas e que, assim como os melões e as uvas, foram-lhes de muita serventia e agrado²⁸⁵.

Na seção que dedica às frutas, o capitão Poyntz elenca uma lista de variadas árvores frutíferas que naturalmente crescem em Tobago identificando algumas de suas especificidades. Para maior compreensão de seus conterrâneos, o autor estabelece comparações entre estas frutas e aquelas encontradas na Europa, indicando alguns dos usos das mesmas entre os habitantes da ilha. Nesta listagem é possível encontrar comentários sobre melões, uvas, laranjas, limões e cidras, ou seja, todas as frutas encontradas por Crusoe na ilha deserta²⁸⁶. Mais adiante em seu relato, no trecho reservado aos *staples*, em português, “produtos de base” ou “matérias-primas”, Poyntz enuncia o cacau, o tabaco e a cana de

²⁸⁴ No original: “On the Bank of this Brook I found many pleasant *Savana*’s, or Meadows; plain, smooth, and cover’d whits Grass; and on the rising Parts of the Water, as it might be supposed, never overflow’d, I found a great deal of Tobacco, green, and growing to a great and very strong Stalk; there were divers other Plants which I had no Notion of, or Understanding about, and might perhaps have Vertues of their own, which I could not find out. [...] I found Mellons upon the Ground in great Abundance, and Grapes upon the Trees; the Vines had spread indeed over the Trees, and the Clusters of Grapes were just now in their Prime, very ripe and rich”. Tradução nossa: DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 115-116.

²⁸⁵ Ibidem, p. 117.

²⁸⁶ POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, pp. 8-10.

açúcar, produtos que também são encontrados naturalmente em Tobago – assim como na ilha de Crusoe –, mas que ao mesmo tempo são cultivados em escalas maiores pelos habitantes nas lavouras²⁸⁷.

Antes de voltar para sua terra natal, em duas ocasiões Crusoe construiu embarcações para tentar navegar nos arredores da ilha. Na primeira vez, ainda como único habitante da ilha, ele utilizou madeira de cedro para construir uma canoa com o intuito de explorar os litorais que o rodeavam, tentando encontrar terras vizinhas²⁸⁸. Na segunda ocasião, o inglês e Sexta-Feira, construíram uma pequena embarcação para tentarem alcançar a região onde a tribo do índio vivia. Durante a preparação para esta jornada – que foi adiada por conta de uma nova visita de nativos à ilha – os dois encontram uma madeira ideal para a construção de um barco do tamanho necessário, mas Crusoe não sabia ao certo de que árvore se tratava. Contudo, para a construção do mastro e da vela, o inglês recorreu novamente ao cedro, árvore que, segundo ele, “existia em grande abundância na ilha”²⁸⁹. O relato de Poyntz também dedica parte de suas descrições a uma série de madeiras naturais da ilha de Tobago visitada por ele e este trecho se inicia tratando do “cedro [...] porque é uma árvore de eminência, (e estatura), que naturalmente cresce na Ilha de Tobago, e que oferece madeira excelente”. Ainda nas palavras do viajante, com este tipo de madeira os habitantes de Tobago “comumente constroem suas casas e embarcações; exceto aquilo que é transportado para Barbados e outras partes”²⁹⁰. Na escrita de Defoe e de Poyntz as frutas e vegetais entram em cena como um inventário de utilidades, recursos descritos não somente naquilo que tem de belo, mas nas funções que cumprem quando são aproveitadas cotidianamente pela intervenção humana. Estes aspectos somados à grande coincidência de itens encontrados na ilha de Crusoe e na Tobago descrita pelo capitão Poyntz contribuem para sustentar a ideia de que o romancista se apropriou de elementos presentes no texto do viajante para compor as representações dos cenários fictícios de sua obra.

As seções dedicadas às plantas, frutos e *staples* na obra de Poyntz figuram ao lado de minuciosos comentários sobre os animais de Tobago, trechos que também permitem estabelecer diversas aproximações com o cenário que rodeia Crusoe no romance. Durante o tempo em que esteve ilhado, o protagonista, com uma arma de fogo e pólvora retirados dos destroços de seu navio, caminhava entre os prados e matas para conseguir alimento caçando. Relembrando os primeiros meses de sua estadia na ilha, quando ainda conseguia manter

²⁸⁷ POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, pp. 33-34.

²⁸⁸ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 161-163.

²⁸⁹ *Ibidem*, pp. 267-270.

²⁹⁰ POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, p. 29.

anotações diárias por meio do papel e da tinta que também salvou de sua embarcação destruída, Crusoe conta uma de suas experiências de caça:

16 de junho: Passando pelo litoral, eu encontrei um grande cágado ou tartaruga; esta foi a primeira que vi, o que parecia ser apenas minha falta de sorte, e não um defeito do local, ou escassez; pois se tivesse ocorrido de eu estar do outro lado da ilha, eu teria centenas delas todos os dias, tal como eu descobri mais tarde [...].

17 de junho: eu o passei cozinhando a tartaruga; encontrei nela sessenta ovos; e sua carne para mim, naquele momento, foi a mais saborosa e deliciosa que eu já havia provado na minha vida²⁹¹.

As tartarugas e seus ovos continuaram sendo uma das principais formas de alimentação de Crusoe, juntamente com uma série de outros animais da ilha. O herói afirma ainda ter conseguido em suas buscas pombos, gansos e uma infinidade de outras aves marinhas que, segundo ele, tinham carnes de ótimo sabor. Crusoe também encontrou uma grande quantidade de papagaios na ilha, dentre os quais capturou um que lhe serviu de estimação e que aprendeu a falar algumas palavras ensinadas pelo dono²⁹². A Tobago descrita pelo capitão Poyntz, em meio a uma grande diversidade de animais nativos, também apresenta ao leitor estes mesmo seres vivos que estão sempre acompanhados de comentários sobre suas utilidades. Na seção de “Peixes”, ao lado de outros animais marinhos, o autor menciona tartarugas marinhas com carne e ovos que servem muito bem como alimento²⁹³. Pombos, gansos e outras aves, incluindo as marinhas, são listadas e grande parte delas também tem carne de boa qualidade para alimentação²⁹⁴. Ademais, há uma grande sorte de papagaios e vários deles, tal como o de Crusoe, têm a capacidade de aprender muitas palavras²⁹⁵.

Além destes animais silvestres presentes tanto em Tobago quanto na ilha deserta de Crusoe, Poyntz relata que é possível encontrar espaços adequados para “acomodar cavalos, vacas, [...] cabras, veados, porcos, cabras, coelhos, etc.” nesta região que, em suas palavras, “representa a todos a graça da natureza por meio da generosidade divina²⁹⁶”. O capitão não deixa claro se as cabras que se encontram em Tobago são espécies naturais da ilha, ou se foram levadas por colonizadores, contudo a menção a prática de se arrebanhar estes animais

²⁹¹ No original: “June 16. Going down the Sea-side, I found a large Tortoise or Turtle; this was the first I had seen, which it seems was only my Misfortune, not any Defect of the Place, or Scarcity; for had I happen'd to be on the other Side of the Island, I might have had Hundreds of them every Day, as I found afterwards [...]”.
June 17. I spent in cooking the Turtle; I found in her threescore Eggs; and her Flesh was to me at that Time the most savoury and pleasant that ever I tasted in my Life.” Tradução nossa: DEFOE, *The Life and Strange, Surprising Adventures of Robinson Crusoe*, p. 100.

²⁹² Ibidem, p. 128-129.

²⁹³ POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, p. 18.

²⁹⁴ Ibidem, p. 25-29.

²⁹⁵ Ibidem, p. 25-29.

²⁹⁶ Ibidem, p. 14.

nos interessa tendo em vista que no romance de Defoe esta é uma atividade de importância decisiva na sobrevivência e no conforto de Crusoe em seu isolamento. O aventureiro descobriu em suas explorações a presença de cabras, fato que o deixou muito feliz, pois com sua arma ele pôde caçá-las para seu próprio consumo e poupar suas provisões²⁹⁷. Depois de muito esforço, ele tentou agrupá-las com seu cachorro, sem muito êxito, porém conseguiu aprimorar algumas técnicas de caça para o abatimento das mesmas. Mais tarde, percebendo que sua pólvora poderia acabar, o inglês se empenhou em estabelecer uma espécie de cerca viva em uma porção de terra com vegetação adequada e suficiente para a alimentação das cabras, local onde poderia arrebanhar estes animais para seu próprio uso. Conforme nos narra o protagonista, depois de “aproximadamente um ano e meio” ele tinha “um rebanho de doze cabras [e] cabritos” e após mais dois anos “ele tinha trinta e quatro” além daquelas que ele abateu para seu consumo²⁹⁸. Este árduo trabalho rendeu a Crusoe um “armazém vivo de carne, leite, manteiga e queijo”, já que depois de certo período, o aventureiro também pôde ordenhar as cabras e produzir outros itens²⁹⁹.

Em *Green Imperialism* (2003), Richard Grove defende a ideia de que relatos de viagem como os de Poyntz e outros autores seiscentistas engajados no incentivo da colonização da América tendiam a enfatizar as riquezas naturais, sobretudo a fauna e a flora, de forma detalhada e incisiva e, por vezes fantasiosa, o que resultava na construção de cenários paradisíacos mais atrativos para os possíveis conquistadores e colonizadores³⁰⁰. As minuciosas descrições das paisagens, tanto no relato do capitão quanto na obra de Defoe, provavelmente seguem esta tendência de incentivo à expansão territorial e maior ocupação dos domínios coloniais americanos. Por outro lado, se levarmos em consideração estudos sobre a história de Tobago, como o de Eric Williams, é possível perceber que as lavouras presentes na ilha nos séculos XVII e XVIII de fato contribuíram com a produção e o comércio caribenho de tabaco, cana-de-açúcar e cacau³⁰¹, itens presentes tanto na narrativa de Poyntz quanto em *Robinson Crusoe*.

Tendo em vista o exposto até aqui, é possível perceber diversas correspondências entre o cenário natural da ilha deserta de Crusoe e as descrições de Tobago fornecidas por Poyntz. Com raríssimas exceções, os animais e plantas presentes na ilha inabitada do romance de

²⁹⁷ DEFOE, *The Life and Strange, Surprising Adventures of Robinson Crusoe*, p. 71.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 174.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 181.

³⁰⁰ GROVE, Richard. *Green Imperialism: Colonial Expansion, Tropical Island Edens and the Origins of Environmentalism, 1600-1860*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, pp. 227-228; Richard Nash apresenta argumentos semelhantes em *Wild Enlightenment: The Borders of Human Identity in the Eighteenth Century*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003, pp. 81-82.

³⁰¹ WILLIAMS, Eric. *History of the Peoples of Trinidad and Tobago*. Londres: Andre Deutsch, 1962, pp. 51-64.

Defoe se assemelham àqueles apresentados pelo capitão em seu relato sobre as terras de Tobago. Em ambos os casos a natureza é representada de forma a reiterar as vantagens passíveis de serem encontradas pelo colonizador europeu. Portanto, a localização da ilha de Crusoe, as plantas, os animais e outros elementos da paisagem natural contribuem de forma notável para a plausibilidade da hipótese de que Defoe não só leu o relato de John Poyntz como fez largo uso de seus conteúdos, apropriando-se de muitos de seus aspectos para a construção da representação do cenário natural que rodeava o protagonista. Ademais, é possível perceber que tanto na narrativa do viajante como no romance, os recursos encontrados na ilha são descritos de forma pragmática, visando determinar os possíveis usos alimentícios e comerciais destes itens, ou mesmo a sua utilidade para conforto, prazer e prosperidade do colonizador.

2.2. Os nativos e a colonização: apropriações dos relatos de Walter Raleigh

Nos dois primeiros romances de Defoe, a construção destes cenários é acompanhada por algumas reflexões sobre a legitimidade da expansão imperial britânica. Neste esforço de se atribuir um significado positivo à colonização, uma das questões que tem grande espaço nestas duas obras é a da relação entre os europeus e os nativos americanos. Na primeira obra de ficção de Defoe, como já foi dito, as terras em que Crusoe esteve isolado na América eram inabitadas e apenas eram cenários de visitas periódicas dos nativos das ilhas vizinhas. Em sua descrição sobre Tobago, Poyntz também relata visitas de nativos, mais especificamente, os de Trinidad que, segundo suas palavras, traziam produtos para comerciar com os europeus que ali moravam e também compravam mercadorias dos habitantes da ilha levando-as para os espanhóis³⁰². Esta informação é importante, pois já indica uma semelhança entre a relação mantida entre os nativos das ilhas vizinhas com Tobago e aquilo que acontecia na ilha deserta de Crusoe. Contudo, como tentaremos defender adiante, os relatos das viagens realizadas por Walter Raleigh à América nos permitem traçar paralelos mais aprofundados. Ademais, será oportuno explorar nos enredos de Defoe a forma como a representação do nativo se constrói com o intuito de se atribuir legitimidade à colonização da América.

As reflexões de Crusoe sobre os nativos caribenhos, contudo, iniciam-se antes mesmo de seus primeiros contatos com eles. Depois de já ter se estabelecido na ilha e explorado boa parte do território, Crusoe conjecturou sobre o que poderia acontecer a ele naquele local completamente isolado. Relembrando sua sensação, o inglês afirma que naquela altura de sua

³⁰² POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, pp. 49-50.

vida ele já tinha ouvido “que os povos das costas do Caribe são canibais, ou comedores de homens; e soube que pela latitude que [...] não poderia estar muito longe destes litorais”; e supondo que não fossem canibais, ainda poderiam matá-lo, “assim como vários europeus que caíram em suas mãos”³⁰³. O pensamento do inglês indica que ele partilhava da ideia acerca destes nativos, com certa difusão entre homens do Velho Mundo, de que estes povos eram extremamente agressivos e resistentes a relações com europeus. Anos mais tarde, quando o protagonista já tinha se esquecido destes temores, ele encontra uma pegada no chão de uma das praias da ilha, fato que novamente o deixa desesperado³⁰⁴. Esta impressão radicalmente negativa acerca dos nativos caribenhos, que nega de antemão a possibilidade de relações pacíficas entre europeus e índios daquela região, aos poucos se altera no decorrer do romance. Conforme Crusoe conhece um pouco mais sobre a vida dos nativos americanos, sua percepção se modifica e ganha algumas nuances importantes que também permitem, como veremos, algumas comparações com relatos de viagem.

Certo tempo depois do ocorrido em que Crusoe encontrou a pegada na praia, o aventureiro, observando de longe, viu canoas deixando uma das costas da ilha e se apressou para conferir quem eram os visitantes, ocasião em que ele confirmou aquilo que já temia. Todos os índios já haviam deixado o local em suas embarcações, mas Crusoe, com grande espanto vê os vestígios do ritual de canibalismo que ali que incluem pedaços de cadáveres humanos e indícios de uma fogueira acendida na areia³⁰⁵. O inglês se viu indeciso sobre como julgar tais práticas e passou a se indagar se deveria atacá-los com sua arma na próxima vez em que voltassem a uma das praias, ou se seria mais adequado se esconder para preservar sua vida deixando que fossem julgados por Deus da maneira que fosse mais justa. A próxima oportunidade surgiu já nos últimos anos de sua estadia na ilha, quando os nativos retornaram e ele decidiu intervir, atirando contra vários deles e resgatando um de seus prisioneiros³⁰⁶. Após acolhê-lo e alimentá-lo, ele descobriu que o refém, que estava prestes a ser morto na realização do ritual, era também um nativo de uma das ilhas da região. Crusoe dá ao índio o nome de Sexta-Feira – dia da semana em que o salvou da tribo de canibais – e este passa a ser sua companhia nos últimos anos em que permanece na ilha.

A relação de proximidade entre Sexta-Feira e o naufrago expressa, de diversas maneiras, algumas reflexões importantes sobre os nativos da América e sua relação com os colonizadores europeus. Crusoe, aos poucos ensinou o nativo a falar inglês o que possibilitou

³⁰³ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 146-147.

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 181.

³⁰⁵ *Ibidem*, pp. 194-195.

³⁰⁶ *Ibidem*, pp. 238-242.

que longas conversas fossem realizadas entre os dois. Desta maneira, o protagonista pôde conhecer melhor a forma de vida e as crenças dos nativos daquelas ilhas do Caribe. A partir das indagações do protagonista, o nativo contou que sua tribo também praticava o canibalismo em rituais, mas explicou que seu povo apenas aprisionava índios de grupos rivais que por acaso foram derrotados em uma guerra³⁰⁷. Ainda em diálogos com o nativo, Crusoe pergunta sobre os nomes dos povos aos quais Sexta-Feira pertence que, por sua vez, afirma serem os *Caribs*. Esta representação do nativo americano nos dois romances protagonizados por Crusoe, tal como tentaremos defender, assemelha-se com as descrições dos viajantes da época que dentre outras etnias trataram dos Caraíbas ou, no inglês, *Caribs*, grupo de nativos do qual derivou o nome do Mar do Caribe. Em *Colonial Encounters* (1986), Peter Hulme, identifica a existência de um padrão entre os escritos de historiadores e viajantes do período da colonização que, assim como no romance de Defoe e em outras obras de literatura do período colonial, também classificam os nativos das ilhas caribenhas e da porção norte da América do Sul a partir de dois principais conjuntos. Os primeiros eram chamados Aruaques (*Arawaks*) e compõem um grupo de tribos tidas pelos europeus como pacíficas e de fácil sociabilidade. Os Caraíbas (*Caribs*), por sua vez, são povos canibais que se locomovem entre as ilhas por meio de canoas e são taxados como mais agressivos e resistentes aos contatos europeus³⁰⁸. Como o próprio Hulme aponta, apesar destas terminologias ainda serem utilizadas em meios acadêmicos para definirem certos grupos de nativos americanos, a caracterização de cada uma das categorias na época em que foram formuladas tinha um sentido genérico e prático para os colonizadores, significado que estava intrinsecamente ligado às relações imperiais com estes povos³⁰⁹.

Na construção da representação dos nativos, além do já mencionado capitão Poyntz, as fontes mais prováveis de Defoe em *Robinson Crusoe* são as narrativas das viagens realizadas por Sir Walter Raleigh à região onde se encontraria o lendário Império da Guiana, nas redondezas do rio Orinoco, terrenos que foram alcançados pelo viajante após sua passagem por Trinidad³¹⁰. Raleigh conseguiu informações com Don Antonio de Berreo, governador espanhol de Trinidad que, por sua vez, ao ser aprisionado pelos viajantes orientou a trajetória dos ingleses fornecendo o conhecimento que tinha sobre os índios da ilha administrada por ele, bem como sobre os habitantes do continente. Partindo disto, o viajante manteve contato

³⁰⁷ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 252-254.

³⁰⁸ HULME, Peter. *Colonial Encounters: Europe and the native Caribbean, 1492-1797*. London: Methuen, 1986, pp. 48-49.

³⁰⁹ *Ibidem*, pp. 49-50.

³¹⁰ RALEIGH, *The Discovery of Guiana*, p. 1-2.

com um dos caciques de Trinidad que também lhe contou o que sabia sobre os nativos dali e da região do Império buscado pelos expedicionários. O cacique os acompanhou guiando o início da viagem nas terras continentais e o grupo de aventureiros percorreu as margens do rio Orinoco e de outras dezenas de pequenos cursos de água do território onde encontraram tribos de pelo menos trinta diferentes “nações”³¹¹. Sobre Trinidad e seus nativos, o viajante relata:

Esta ilha é chamada pelos povos dali de Cairi, e nela existem diversas nações: aqueles nos arredores de Parico são chamados Iaio, aqueles em Punta Carao são os *Aruaques*, e entre Carao e Curiapan são chamados Salvaio, entre Carao e Punta Galera são os Nepoios, e aqueles nos arredores da cidade espanhola se nomeiam Carinepagotos: sobre o restante das nações, e sobre outros rios e portos eu deixo de falar aqui, por ser impertinente para meu propósito, e pretendo descrevê-los tal como eles se situam no enredo³¹².

Tratando já do continente, mais adiante na narrativa de sua trajetória, Raleigh também afirma que “no lado Sul da principal foz do Orinoco, estão os Aruaques; e além dali correm na terra entre o Orinoco e o Amazonas 14 rios [...] habitados pelos Aruaques e Canibais³¹³”. Desta maneira, segundo o relato do viajante inglês, tanto nas Antilhas Menores – região onde se encontram Trinidad, Tobago e outras ilhas caribenhas – quanto nos arredores do rio Orinoco, predominam as nações dos Aruaques e dos Caraíbas. Estes últimos aparecem na narrativa da primeira viagem de Raleigh sob duas designações que, nas próprias palavras do autor, são os “*Caribs or Cannibals*”³¹⁴ – em português, “Caraíbas ou Canibais” – termos que eram sinônimos na época³¹⁵. No relato da segunda viagem protagonizada por Raleigh, escrito por Laurence Keymis, há uma lista sistematizada das nações indígenas encontradas na região acompanhadas dos rios que banham as terras onde residem, informações estas que reiteram a predominância dos Aruaques e dos Caraíbas nos territórios percorridos pelos expedicionários ingleses³¹⁶.

Como já mencionado, na conversa entre Crusoe e Sexta-Feira, o índio relatou sobre os povos aos quais sua tribo e a de seus inimigos pertenciam, referindo-se a eles pelo nome de

³¹¹ RALEIGH, *The Discovery of Guiana*, pp. 44.

³¹² No original: “This iland is called by the people therof Cairi, and in it are diuers nations: those about Parico are called Iaio; those at Punta Carao are of the *Arwacas*, and betweene Game and Curiapan they are called Salvaio; betweene Carao and Punta Galera are the Nepoios, and those about the Spanish Citie tearme themselues Carine pagotos. Of the rest of the nations, and of other portes and riuers I leaue to speake heere, beeing impertinent to my purpose, and meane to describe them as they are situate in the particular plot”. Tradução e grifo nossos: *Ibidem*, p. 4.

³¹³ *Ibidem*, p. 104.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 35.

³¹⁵ ROUSE, Irving. *The Tainos: Rise & Decline of the People who Greeted Columbus*. New Haven: Yale University Press, 1992, pp. 22-23.

³¹⁶ KEYMIS, Laurence. A relation of a second voyage to Guiana. In: HAKLUYT, Richard. *The Principal navigations, voyages, traffiques and discoveries of the English nation*. Vol XV, America, part. IV. Circumnavigation. Edinburgh E. & G. Goldsmid, 1889, pp. 90-95.

Caribs e confirmou que estes nativos praticavam o canibalismo, informações estas que também contribuem para traçar alguns paralelos interessantes entre os romances e os relatos das viagens de Raleigh. As narrativas das viagens do cavaleiro inglês contêm diversos exemplos sobre os costumes dos canibais, como o caso de certa tribo na qual, quando algum ancião ou líder falece, os índios “costumam amassar os ossos de seus mestres em um pó e suas esposas e amigos bebem todo ele em seus vários tipos de bebidas³¹⁷”. Em outro povoamento os nativos capturam seus inimigos “amarrando-os, e comendo-os vivos aos poucos”³¹⁸, porém, o fazem apenas com prisioneiros de conflitos, tal como a tribo de Sexta-Feira e aquela de seus inimigos. Quando Crusoe, já na companhia de Sexta-Feira, presencia uma nova visita dos nativos à ilha deserta, eles perceberam de longe “que eles estavam todos em torno de seu fogo, comendo a carne de um de seus prisioneiros³¹⁹”. O antropólogo Arie Boomert em *Amerindian-European encounters on and around Tobago* (2002) afirma que o conhecimento acerca de algumas das características culturais dos caríbas e aruaques já tinha certa difusão na Europa no século XVI, inclusive por meio de relatos de viagens como os de Raleigh³²⁰. Segundo o autor, as tribos pertencentes a estes povos – que de fato se encontravam em diferentes regiões das Antilhas e das margens do rio Orinoco –, ao terem contato com europeus, apresentavam comportamentos que variavam entre trocas comerciais pacíficas – tal como no relato de Poyntz – e, ainda que com menor frequência, conflitos seguidos de rituais de canibalismo – tal como em alguns exemplos relatados por Raleigh e Keymis³²¹.

Levando em consideração estas semelhanças entre as representações dos nativos canibais dos romances de Defoe e àqueles presentes nas descrições dos relatos de viagem de Raleigh, a hipótese de que o romancista se apropriou de elementos destes textos para compor suas obras de ficção parece plausível, sobretudo se pensarmos que o supracitado viajante inglês já era uma referência importante para Defoe no período em que ele publicou os ensaios dedicados à *South Sea Company*. Contudo, é importante tentar compreender qual o sentido atribuído a estas representações dos nativos para que seja possível perceber em que medida elas contribuem para um esforço de se legitimar a colonização do Novo Mundo pelos britânicos. Portanto, tentaremos sustentar a ideia de que as representações dos nativos americanos nas obras de ficção de Defoe reiteram a importância e a necessidade da

³¹⁷ RALEIGH, *The Discovery of Guiana*, pp. 52-53.

³¹⁸ KEYMIS, *A relation of a second voyage to Guiana*, pp. 90-93.

³¹⁹ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 276.

³²⁰ BOOMERT, *Amerindian-European Encounters on and around Tobago*, pp. 75-76.

³²¹ *Ibidem*, pp. 77-81.

cristianização destes índios, bem como demonstram críticas à colonização realizada pelos espanhóis.

No primeiro romance, quando Crusoe fez perguntas sobre as crenças da tribo de Sexta-Feira, o nativo disse ao inglês que seu povo acreditava que o mundo havia sido criado por um ser chamado *Benamuckee* e que os anciãos da tribo eram os únicos detentores dos ensinamentos desta divindade. Partindo de seu ponto de vista cristão protestante, lembrando esta conversa, Crusoe afirma que naquele momento percebeu que o costume de se manter uma religião secreta com o intuito de manter a veneração pelos sacerdotes por parte do povo não acontecia apenas entre os católicos, mas em muitas religiões do mundo inclusive dentre os nativos, considerados por ele “brutos e bárbaros selvagens³²²”. Neste momento, Crusoe se esforçou em narrar para o nativo a sua perspectiva sobre a criação do mundo e do destino dos homens que, segundo ele, seria a única e verdadeira, explicando da melhor maneira que pôde a noção de onipotência do Deus cristão e o papel de salvador e redentor de Jesus Cristo na religião dos europeus. Depois de certa relutância, o nativo não só compreendeu os ensinamentos de Crusoe como se converteu e prometeu nunca mais voltar a participar de rituais de canibalismo ou idolatrar outros deuses³²³. Na perspectiva do romance, a cristianização não só salvou a alma do nativo o livrando de seus costumes idólatras, como também o civilizou, inserindo-o em uma forma de vida mais produtiva em que as potencialidades e habilidades humanas puderam ser exploradas de forma mais qualitativa. Lembrando os ensinamentos que dera ao nativo e a felicidade de poder contar com um servo tão fiel e prestativo, Crusoe relata:

Eu estava grandiosamente encantado com ele, e realizei meu trabalho para ensiná-lo tudo que fosse apropriado para fazê-lo útil, habilidoso e prestativo; mas especialmente para fazê-lo falar, e me compreender quando eu falava, e ele foi o mais apto estudante que já existiu, e particularmente estava tão feliz, tão constantemente laborioso, e tão satisfeito quando ele conseguia me compreender ou fazer-me compreendê-lo que era muito prazeroso a mim conversar com ele³²⁴.

A conversão e educação de Sexta-Feira são associadas a um progresso moral do nativo e explicitam uma forma de representar o índio que pressupõe e reafirma a necessidade da intervenção do europeu para o aprimoramento das capacidades e costumes destes povos. Nas

³²² DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 255-256.

³²³ *Ibidem*, p. 257.

³²⁴ No original: “I was greatly delighted with him, and made it my Business to teach him every Thing, that was proper to make him useful, handy, and helpful; but especially to make him speak, and understand me when I spake, and he was the aptest Schollar that ever was, and particularly was so merry, so constantly diligent, and so pleased, when he cou’d but understand me, or make me understand him, that it was very pleasant to me to talk to him”. Tradução nossa: *Ibidem*, p. 249.

novas aventuras de Crusoe, quando o protagonista retorna à ilha, o Governador Espanhol lhe conta que, enquanto o aventureiro se manteve ausente, os ingleses que ali permaneceram navegaram a uma das ilhas vizinhas e conseguiram três dos prisioneiros de uma tribo ali residente para serem seus servos. Os índios foram bons trabalhadores, mas, segundo aquilo relatado pelo Espanhol a Crusoe, seus mestres “não tomaram as ações necessárias com eles” tal como ele o fez com Sexta-Feira, e que eles não “os instruíram nos princípios racionais da vida, muito menos na religião, civilizando-os” da maneira supostamente adequada. Desta forma, segundo Crusoe, eles falharam como mestres, pois “eles nunca os teriam para assisti-los e lutar por eles” como ele tinha a Sexta-Feira³²⁵.

Se por um lado esta posição de superioridade por parte dos ingleses diante dos nativos – seja representada por Crusoe e Sexta-Feira ou pelos demais ingleses e seus respectivos servos – reafirma o papel civilizador do europeu na América, por outro estes contatos entre cristãos e nativos reformulam a ideia prévia tida pelo protagonista acerca dos índios do Novo Mundo que lhes pareciam radicalmente agressivos e resistentes a quaisquer contatos com europeus. A percepção de Crusoe acerca de sua convivência com Sexta-Feira e demais nativos que passaram a habitar a ilha resultou em uma compreensão diferente, segundo a qual é possível e necessário estabelecer relações próximas com os nativos para que estes se tornem indivíduos mais produtivos e reformem seus costumes passando a guiarem suas condutas por princípios cristãos e racionais oriundos do Velho Mundo. Na representação dos índios americanos contida nos romances de Defoe, a salvação das almas destes nativos, portanto, relaciona-se diretamente com uma questão pragmática da colonização da América que, para se efetuar da forma esperada pelos europeus, deve levar em consideração a orientação do trabalho e da conduta dos habitantes destes territórios. Impressões semelhantes sobre os índios americanos já estavam presentes em *An historical account of the voyages and Adventures of Sir Walter Raleigh* (1719), texto no qual, baseado nas descrições sobre os nativos encontrados por Raleigh em suas expedições, Defoe afirma que “são povos tão sensíveis, sociáveis [...] prontos de todas as formas para serem aprimorados e instruídos” de maneira que isto “parece ser um alto chamado para Grã-Bretanha” tentar ocupar tais regiões e civilizar tais povos³²⁶. A partir destes elementos, parece plausível a ideia de que além de se apropriar das percepções de Raleigh acerca dos nativos americanos, Defoe em seus dois primeiros romances construiu representações sobre os ameríndios que se esforçam em

³²⁵ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 65

³²⁶ DEFOE, *An Historical Account of Sir Walter Raleigh*, p. 44.

legitimar a colonização da América argumentando a favor da conversão e civilização dos nativos.

A maneira pela qual as relações entre ingleses e nativos são representadas nos romances e nos ensaios de Defoe não só reafirma a presumida importância da conversão e civilização do indígena, mas também retrata este processo como uma alternativa à colonização espanhola, vista como cruel e irracional. Neste sentido, o domínio dos espanhóis sobre os nativos americanos recorrentemente aparece nos romances de Defoe como excessivamente violento e pouco produtivo. Nos dois volumes protagonizados por Crusoe, o romancista insere tais juízos nos diálogos de seus personagens de diversas maneiras, emitindo tais impressões sobre a colonização espanhola por meio de reflexões do próprio narrador ou em falas de Sexta-Feira. Depois de avistar pela primeira vez a visita dos nativos à ilha e encontrar os restos do ritual de canibalismo realizado na praia, Crusoe se vê numa longa reflexão sobre como lidar com estes nativos no caso de uma nova aparição dos mesmos. Após ter considerado a possibilidade de atacá-los, o protagonista concluiu que deveria fazê-lo apenas para se defender se caso os nativos lhe agredissem ou então para resgatar o prisioneiro do ritual. Segundo sua opinião, se atacasse os nativos gratuitamente:

iria justificar a conduta dos espanhóis em todas suas barbaridades praticadas na América, onde eles exterminaram milhões destas pessoas [...] e que a expulsão delas de suas terras é relatada com extremo aborrecimento e abominação, até mesmo pelos próprios espanhóis; e por todas as nações cristãs da Europa como uma mera matança, um sangrento e desnaturado exemplo de crueldade injustificável³²⁷.

Embora este pensamento não tenha impedido que Crusoe investisse contra os indígenas para resgatar Sexta-Feira, o juízo emitido pelo narrador neste momento explicita uma crítica à colonização espanhola que pressupõe uma conduta mais adequada por parte de seus conterrâneos que, de certa maneira, demonstra-se na relação pacífica que ele estabelece com seu companheiro nativo. Narrando uma das conversas com o índio, Crusoe relata que Sexta-Feira lhe contou que “depois do poente da lua, o que deve ser a oeste de sua aldeia, residiam homens brancos barbados”, tal como o protagonista e “que eles mataram muitos homens” o que fez com que o inglês deduzisse que seu amigo estava se referindo “aos espanhóis cujas crueldades na América se espalharam por todas as regiões³²⁸”. Estas

³²⁷ No original: “would justify the Conduct of the *Spaniards* in all their Barbarities practis’d in *America*, and where they destroy’d Millions of these People [...] and that the rooting them out of the Country, is spoken of with the utmost Abhorrence and Detestation, by even the *Spaniards* themselves, at this Time; and by all other Christian Nations of *Europe*, as a meer Butchery, a bloody and unnatural Piece of Cruelty, unjustifiable”. Tradução nossa: DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 203.

³²⁸ *Ibidem*, p. 255.

impressões proferidas por Sexta-Feira funcionam como uma suposta confirmação da ideia prévia tida pelo narrador sobre os espanhóis, concepções que com frequência são reafirmadas no decorrer dos romances de Defoe.

A tentativa de se atribuir uma legitimidade à colonização britânica em detrimento da espanhola explicitando as relações conflituosas e violentas entre nativos e espanhóis também se encontra nos relatos de viagem de Walter Raleigh. A violência exercida pelos espanhóis aos nativos certamente é uma temática que extrapolou os relatos de viagem lidos por Defoe e que, tal como retomaremos adiante, frequentemente foi alvo de críticas por parte de autores de outros impérios europeus. Contudo, levando em consideração a importância de Raleigh como referência para o romancista, é plausível inferir que os relatos das viagens deste explorador tenham sido uma das fontes que contribuíram para difundir a ideia de que as relações violentas entre os colonizadores hispânicos e os índios americanos eram recorrentes e que deveriam ser denunciadas. Com o intuito de estabelecer contatos amistosos com os nativos da ilha caribenha de Trinidad, bem como com aqueles da região banhada pelo rio Orinoco na América do Sul, Raleigh se utiliza das tensões já existentes entre os espanhóis e nativos nestas regiões afirmando sempre que ele e sua frota são inimigos declarados da coroa espanhola. Em Trinidad, por meio de um intérprete europeu das línguas nativas, o viajante dialoga com alguns dos líderes das tribos locais cujos integrantes, segundo ele, “eram inimigos dos espanhóis” a quem o viajante explicou que “era o servo de uma Rainha [...] a grande cacique do norte, uma virgem, e que tinha mais caciques abaixo dela do que árvores naquela ilha; que era uma inimiga dos castelhanos por conta de sua tirania e opressão”. Ademais, o viajante afirma aos nativos que a Rainha Isabel libertou vários povos oprimidos pelos espanhóis e igualmente o enviou para também libertá-los, defendendo aquelas regiões de mais invasões por parte de seus rivais³²⁹. No decorrer das explorações das margens do rio Orinoco os expedicionários que acompanhavam o viajante mantiveram contato com os caríbas, classificados por Raleigh como “os inveterados inimigos dos espanhóis”, com o quais, segundo o autor, os ingleses conseguiram manter relações pacíficas³³⁰.

A crítica à colonização espanhola nos romances de Defoe parece ser fruto da continuidade ou retomada de um sentimento anti-hispânico difundido na Europa principalmente no século XVI e que ficou conhecido na historiografia pela expressão “lenda

³²⁹ RALEIGH, *The Discovery of the Large, Rich, and Beautiful Empire of Guiana*, pp. 8-9.

³³⁰ *Ibidem*, p. 215.

negra”³³¹. Segundo o estudo de William Maltby, *La leyenda negra en la Inglaterra* (1982), em meio aos ingleses, a crítica aos espanhóis e à maneira supostamente violenta e improdutiva pela qual governavam suas colônias americanas ganhou maior visibilidade entre autores quinhentistas engajados em questões imperiais, tal como Raleigh e Drake, que contribuíram para a difusão de percepções pejorativas acerca daqueles colonizadores³³². Apesar de alguns historiadores argumentarem a favor de uma origem mais antiga³³³, este pensamento anti-hispânico e crítico à colonização teve seu primeiro momento de grande expressividade entre autores espanhóis, mas passou a ser recorrente entre textos oriundos de impérios rivais, tal como a Inglaterra³³⁴. Portanto, levando em consideração o conteúdo dos relatos de viagem que serviram como referências para Defoe, parece-nos provável que a maneira pela qual os espanhóis são representados nos romances analisados indicam uma repercussão deste pensamento pejorativo acerca dos empreendimentos coloniais na América Espanhola. A chamada lenda negra não é aqui retomada com o intuito de negar as relações conflituosas entre espanhóis e nativos, mas é pertinente na medida em que contribui para a compreensão de alguns condicionantes no processo de construção das representações do espanhol na ficção de Defoe.

O contraste entre a colonização espanhola e inglesa presente nestes romances também nos permite realizar outra reflexão pertinente. Primeiramente, levando em consideração a menção que Defoe fez às expedições organizadas por Raleigh à região da Virgínia³³⁵, é importante reiterar que estas experiências coloniais também resultaram em conflitos entre ingleses e nativos³³⁶. Apesar de fazer referência a estes empreendimentos, Defoe não discorre sobre as tensões entre colonizadores e índios que também corroboraram para o fracasso destas tentativas de conquista, o que indica uma apropriação seletiva do conteúdo encontrado nos relatos de viajantes com os quais o autor teve contato. Uma segunda questão se relaciona com

³³¹ O autor responsável por popularizar a expressão foi Julián Juderías Y Loyot por meio da obra: *La leyenda negra y la verdad histórica: contribución al estudio del concepto de España en Europa, de las causas de este concepto y la tolerancia política y religiosa en los países civilizados*. Madrid: Tip. de la Revista de Archivos, 1914.

³³² MALTBY, William S. *La leyenda negra en la Inglaterra: desarrollo del sentimiento antihispánico, 1558-1660*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1982, pp. 89-91.

³³³ Sobre possíveis origens da lenda negra anteriores à colonização da América: ARNOLDSSON, Sverker. *La Leyenda Negra: Estudios sobre sus Orígenes*. Gotemburgo: Göteborgs Universitets Årsskrift, 1960.

³³⁴ FRIEDE, Juan. *Bartolomé de Las Casas: Precursor del Anticolonialismo. Su lucha e su derrota*. México: Siglo XXI, 1974; CARBIA, Rómulo D; MARTINEZ, Miguel Molina. Capítulo IV – Difusión y paulatino acrecentamiento de la leyenda *Historia de la leyenda negra hispano-americana*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2004, pp. 87-105, SILVERBLATT, Irene. 6. The Black Legend and Global Conspiracies: Spain, the Inquisition and the Emerging Modern World. In: GREER, Margaret R.; MIGNOB, Walter, D.; QUILLIGAN, Maureen (ed.). *Rereading the Black Legend: The discourse of Religious and Racial Difference in the Renaissance Empires*. Chicago: University of Chicago Press, 2007, pp. 99-115.

³³⁵ DEFOE, *An Historical Account of Sir Walter Raleigh*, pp. 12-13.

³³⁶ MILLER, *Roanoke*, pp. 18-27.

a percepção positiva acerca do trabalho servil empregado nas colônias britânicas que, segundo Dennis Todd, em *Defoe's America* (2010), é uma temática importante para o romancista. A questão perpassa a relação entre Crusoe e Sexta-Feira nos dois primeiros romances de Defoe e é retomada em *Colonel Jacque* e *Moll Flanders*. De acordo com a argumentação de Todd, a relação entre servo e proprietário nestes romances é representada por Defoe como uma possibilidade de ascensão social e progresso moral³³⁷. Contudo, na obra de Alisson Games, *Migration and the origins of the English Atlantic World* (2001), é possível perceber o quanto as formas de resistência entre os servos nos domínios coloniais americanos eram comuns – estratégias que incluíam revoltas e fugas –, o que contribui para a problematização destas representações que intentam afirmar o caráter pacífico e legítimo das relações de trabalho nos territórios do Império Inglês³³⁸.

Feitas as comparações entre os primeiros romances de Defoe e as narrativas de Walter Raleigh, é possível perceber algumas semelhanças no modo pelo qual é representada a relação entre europeus e nativos caribenhos. Assim como no relato de Raleigh, as impressões de Crusoe sobre a colonização espanhola são marcadas por nítidas distinções quando comparadas aos contatos entre colonizadores ingleses e índios americanos. Se a conquista dos territórios do Novo Mundo é retratada como legítima na ficção de Defoe por conta de uma presumida necessidade de cristianização e civilização dos indígenas, segundo este ponto de vista, o processo não se realiza da maneira mais adequada no caso do Império Espanhol que, por conta da excessiva agressividade de seus colonos e governantes, subverte o suposto progresso possibilitado pela colonização. Portanto, estas representações das relações coloniais entre nativos e europeus são baseadas não somente no pressuposto da superioridade cristã, mas construídas em um contexto de rivalidades imperiais no qual os ingleses buscam atribuir legitimidade aos empreendimentos de conquista do Novo Mundo contrastando suas condutas com as dos espanhóis. Considerando as semelhanças que nos permitiram estabelecer comparações entre os nativos dos romances de Defoe e aqueles presentes nos relatos de viagem de Raleigh, parece admissível a ideia de que o romancista se apropriou de elementos da narrativa do viajante no momento em que refletiu sobre a relação entre os colonizadores europeus e os indígenas americanos.

³³⁷ TODD, Denis. *Defoe's America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 10-14.

³³⁸ GAMES, Alison. *Migration and the origins of the English Atlantic World*. Massachusetts Harvard University Press, 2001, pp. 82-94

2.3 *Um ideal de colônia*

A paulatina adaptação de Crusoe à ilha e suas sucessivas intervenções na paisagem natural na qual se encontrava caracterizaram transformações que permitem paralelos interessantes com o processo de formação de uma colônia na América. Os benefícios provenientes das riquezas naturais da ilha, a relação com os nativos da região – aspectos já analisados aqui – bem como a gradual ocupação deste território por diferentes grupos no decorrer dos dois romances são elementos que aos poucos aproximam a experiência de Crusoe a questões pertinentes à expansão colonial no Novo Mundo. A trajetória do inglês na ilha se inicia na busca por meras necessidades de sobrevivência, mas se converte em um esforço de transformação desta realidade no intuito de se construir um ambiente de prosperidade e conforto. A partir do trabalho na terra e do processo de povoamento composto por grupos de diferentes origens sociais e étnicas, a experiência na ilha ganha contornos típicos de uma vida colonial e que em certos aspectos também nos permitem algumas comparações com as condições de colonização da ilha de Tobago descritas no relato de viagem do capitão John Poyntz. Neste sentido, estabeleceremos paralelos entre aquilo que se construiu no processo de transformação da ilha de Crusoe e as possibilidades de ocupação de Tobago mencionadas por Poyntz em seu testemunho sobre a ilha.

Quando resgatou os objetos de seu navio, Crusoe trouxe para ilha vários artigos que não pareceram úteis e que foram descartados por ele nas proximidades de sua cabana. Pouco tempo depois, o naufrago percebeu que naquele local cresceram alguns vegetais que ele logo confirmou que se tratavam de cevada. Este ocorrido o deixou muito surpreso e feliz, motivando-o a planejar um cultivo de cevada e arroz – grão que também se encontrava entre as provisões retiradas do navio – com intuito de conseguir produzir alimento em maior quantidade³³⁹. Ainda nos primeiros anos de sua estadia na ilha, depois de algumas tentativas não exitosas, o inglês consegue estabelecer e ampliar lavouras dos dois grãos, protegendo-as com cercas e espantalhos, aprimorando as técnicas de cultivo e ampliando gradualmente a área de plantio³⁴⁰. Um pouco mais tarde, ele cultivava videiras com as sementes que conseguiu das uvas encontradas na ilha e treina as cabras encontradas ali, tal como já foi mencionado. Antes mesmo do resgate de Sexta-Feira, o inglês já tinha estabelecido moradas e focos de produção de recursos vegetais e animais em diferentes pontos da ilha, entre os quais transitava e residia periodicamente de maneira que sua presença e atuação naqueles territórios, ainda que de forma individual e solitária, já se assemelhavam a de uma colônia. Além da cabana – onde

³³⁹ DEFOE, *The Life and Strange, Surprising Adventures of Robinson Crusoe*, p. 20.

³⁴⁰ *Ibidem*, pp. 136-140.

guardava seus pertences e seu estoque de grãos – e do trecho semeado nas proximidades desta residência, Crusoe tinha outra habitação em um trecho mais arborizado da ilha e em uma planície mantinha seu rebanho de cabras e cuidava de suas videiras³⁴¹. Segundo suas próprias palavras, todas estas atividades eram testemunhos de que ele não era indolente ou improdutivo na ilha e que não poupou esforços para mover tudo que fosse necessário para conseguir uma subsistência confortável³⁴².

Parece-nos plausível argumentar que a semelhança entre a trajetória de Crusoe e um processo de colonização reside na interação entre o protagonista e o cenário que o cerca no Caribe, relação esta que gera uma transformação mútua. Os elementos naturais encontrados na ilha em que Crusoe naufragou – que, conforme nossa argumentação, apresentam importantes paralelos com as descrições de Poyntz – ganham sentido em uma reflexão sobre a colonização na medida em que o aventureiro lhe atribui utilidades cotidianas e planeja de forma racional os benefícios a serem alcançados por meio de sua intervenção nestes espaços. A representação dos cenários americanos construídos por Defoe não deixa de ressaltar aquilo que a natureza oferece de forma imediata e gratuita, mas reitera, sobretudo, o potencial retorno que estes espaços podem oferecer caso sejam aprimorados com empenho e planejamento. Por outro lado, as adversidades enfrentadas por Crusoe também transformaram, simultaneamente, sua conduta e sua percepção sobre o mundo. Antes mesmo de resgatar Sexta-Feira, o inglês se encontrou em situações que, segundo suas próprias palavras, serviram como oportunidades para disciplinar sua rotina e mudar sua percepção sobre a existência. Crusoe – que não se importava com questões religiosas antes do naufrágio – começou a ler a Bíblia diariamente e passou a interpretar sua situação de isolamento como um caminho providencial traçado por Deus com o duplo intuito de salvar e converter sua vida³⁴³. Os processos de transformação da ilha e de conversão do protagonista se realizam de forma conjunta e contribuem para a ideia de que o Novo Mundo, tal como é representado nos romances de Defoe, pode ser entendido como um espaço onde os recursos preexistentes só são plenamente aproveitados quando aprimorados pelo trabalho humano. Ainda sob esta perspectiva de bases notavelmente protestantes, o empenho humano na alteração e utilização dos recursos naturais garante, concomitantemente, um retorno moral e material, tendo em vista que a conversão de Crusoe também resulta em uma conduta mais laboriosa e próspera em sua rotina na ilha.

³⁴¹ DEFOE, *The Life and Strange, Surprising Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 179-181.

³⁴² *Ibidem*, p. 180.

³⁴³ *Ibidem*, pp. 108-111.

A relação entre Crusoe e o cenário da ilha reforça a ideia de que as riquezas naturais da América – assim como as capacidades humanas do nativo – são aprimoradas e aproveitadas da maneira mais adequada pelos ingleses. Além de compor a argumentação a favor da colonização do Novo Mundo, este aspecto também remete a uma característica recorrente em relatos de viagem de expansão imperial ou comercial. Comumente, as descrições dos espaços nestes relatos são acompanhadas por uma projeção ou planejamento acerca do possível uso das regiões a serem conquistadas ou recursos a serem adquiridos. O relato de John Poyntz, por exemplo, dedica uma seção específica para propostas sistemáticas de utilização das principais matérias primas da ilha, formulando situações hipotéticas a partir da quantidade de terra cultivada, quantidade de homens empregados na mão de obra – escrava ou servil – e retorno esperado em curto e longo prazo³⁴⁴. Ademais, nos romances de Defoe, este uso intenso e projetado da natureza por parte dos ingleses se contrasta com uma crítica à suposta indolência e má utilização das riquezas da América nos domínios espanhóis, percepção que, como veremos, manifesta-se de forma mais recorrente e explícita em *A new voyage round the world*.

Outro aspecto da trajetória de Crusoe que apresenta similaridades ao processo de formação de uma colônia e que, por sua vez, também permite um paralelo com o relato de Poyntz, é o gradual avanço na ocupação da ilha. Crusoe trabalhou sozinho na maior parte do período em que esteve ilhado, mas nos últimos anos o inglês passou a conviver na companhia de nativos, espanhóis e ingleses que de diferentes maneiras chegaram ao local e passaram a fazer parte do cotidiano do aventureiro antes de sua partida para a Europa. Primeiramente, Crusoe resgatou Sexta-Feira em um dos rituais realizados pelos índios que visitavam a ilha e, em uma segunda ocasião, também em um destes ritos, ele salvou o pai de seu companheiro ameríndio e um espanhol. Neste momento, o protagonista se via como um senhor absoluto daquelas terras, um soberano que merecia obediência por sua bondade e por ter salvado a vida de seus súditos. Em suas palavras:

Minha ilha estava agora povoada, e eu me julgava muito rico em súditos; e esta era uma feliz reflexão que eu frequentemente fazia, de como eu parecia um rei. Primeiramente, todo o território era de minha propriedade; de maneira que eu tinha um inquestionável direito de domínio. Em segundo lugar, meu povo era perfeitamente subordinado: eu era o absoluto senhor e legislador; todos eles deviam suas vidas a mim [...]. Também era notável, que havia somente três súditos, e eles eram de três diferentes religiões. Meu Sexta-Feira era um protestante, seu pai era um pagão e canibal, e o Espanhol

³⁴⁴ POYNTZ, *The Present Prospect of Tobago*, pp. 40-45.

era um papista. Contudo, eu permitia a Liberdade de Consciência inteiramente em meus domínios³⁴⁵.

Dentre os habitantes da ilha, portanto, havia certa diversidade religiosa que, segundo o narrador, era respeitada em nome da liberdade de consciência, princípio importante para as convicções religiosas de Defoe, dada a sua ligação ao protestantismo dissidente. Este caráter diverso dos primeiros contornos da ocupação da ilha se manteve e a ele se somou um gradual aumento na quantidade de habitantes. Como já mencionamos, entre o período em que Crusoe se encontrava na ilha e sua volta após ter retornado à Europa, mais ingleses, espanhóis e nativos aportaram no território e passara a fazer parte da população. A esta altura, a ideia de um “rei” ou “senhor absoluto” atribuída pelo protagonista a si mesmo é substituída pelo termo “Governador”, nome pelo qual os habitantes da ilha passam a chamá-lo antes de sua partida e que é aderido por ele³⁴⁶. Esta composição diversificada em termos religiosos e étnicos se mostrou, em muitos momentos, conflituosa e não foram raras as situações em que as relações cotidianas colocaram os habitantes da ilha em divergência. Contudo, o primeiro espanhol a ter sido resgatado por Defoe – que permaneceu como Governador na ausência de Crusoe – se esforçou para mediar os consensos entre a maior parte dos habitantes, organizando as principais atividades e resolvendo os conflitos da ilha que foi pacificada e se tornou próspera³⁴⁷.

A mudança de situação de Crusoe na ilha, que de “rei soberano”, como ele mesmo se imaginava, passou a ser um “Governador” – reconhecido como tal pelos próprios habitantes e depois substituído pelo Espanhol –, é um aspecto importante para algumas reflexões. A atuação do Governador, sobretudo nos períodos de conflito em que o Espanhol esteve na liderança, mostrou-se relevante nos momentos em que a mediação de um diálogo entre os habitantes foi necessária. Numa destas situações, o Governador precisou consultar os demais residentes para decidir o que fazer com alguns ingleses que estavam maltratando os nativos que haviam sido capturados em uma das ilhas vizinhas. Depois de se estabelecer um consenso entre a maioria dos habitantes, os ingleses em questão foram transferidos para uma região afastada da ilha onde iriam permanecer e sobreviver a partir do fruto do próprio trabalho

³⁴⁵ No original: “My Island was now peopled, and I thought my self very rich in Subjects; and it was a merry Reflection which I frequently made, How like a King I look’d. First of all, the whole Country was my own meer Property; so that I had an undoubted Right of Dominion. 2dly, My People were perfectly subjected: I was absolute Lord and Law-giver; they all owed their Lives to me [...]. It was remarkable too, we had but three Subjects, and they were of three different Religions. My Man *Friday* was a Protestant, his Father was a *Pagan* and a *Cannibal*, and the *Spaniard* was a Papist: However, I allow’d Liberty of Conscience throughout my Dominions”. Tradução nossa: DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 286.

³⁴⁶ Ibidem, p. 318.

³⁴⁷ DEFOE, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, pp. 111-117.

sendo deixados com provisões, ferramentas e demais itens necessários para continuarem a semear a terra³⁴⁸. Estes traços de um governo representativo se somam, como vimos, a uma relativa tolerância religiosa que, na perspectiva dos romances, não nega a hierarquização das diferentes crenças – na medida em que Crusoe continua convicto acerca da superioridade do cristianismo – mas que se reivindica como mais adequada se comparada à conduta dos espanhóis e portugueses em suas colônias, caracterizada como tirana pelo narrador.

O relato de Poyntz traz comentários sobre as condições de ocupação das terras de Tobago que também possibilitam algumas comparações com a ilha de Crusoe. O capitão afirma que “compreendendo o inquestionável direito sobre a ilha de Tobago devidamente pertencente aos Duques da Curlândia, seus herdeiros e sucessores”, ele entrou, portanto, “em acordo com James, o então Duque de Curlândia” para que fossem cedidas extensas quantidades de terras àqueles que se interessassem no ingresso à sua Companhia de comércio e colonização³⁴⁹. Poyntz assegura que ele e sua Companhia seriam liderados por um Governador, um Deputado Governador – cargo típico de alguns domínios coloniais americanos inclusive em algumas das colônias britânicas – e uma Assembleia, sendo estes dois últimos escolhidos pela maioria dos votos dos proprietários residentes na ilha. Ademais, o viajante ressalta que “todos os habitantes deverão gozar de Liberdade de Consciência sem interrupção”, tal como foi acordado com o Duque proprietário da ilha³⁵⁰. Estas premissas destacadas por Poyntz acerca do governo e das liberdades garantidas aos ingleses que possivelmente se associassem a companhia comercial do capitão se assemelham às relações sociais entre os personagens da ilha de Crusoe.

O governo representativo e a tolerância religiosa desde cedo foram ideais de grande peso na trajetória de Defoe como letrado ativo nas discussões políticas setecentistas. A despeito das frequentes mudanças de posicionamento em determinadas discussões, seu pensamento político foi intensamente marcado pelas pautas dos *Whigs* e por assuntos pertinentes aos protestantes dissidentes, referências estas que recorrentemente se relacionam com a defesa da representatividade no governo e de liberdades religiosas mais concretas na Grã-Bretanha³⁵¹. Estas convicções que, a primeira vista, podem parecer circunscritas às questões internas do governo britânico, têm desdobramento importantes em assuntos referentes às colônias americanas. Em seu primeiro livro, *An Essay upon Projects* (1697),

³⁴⁸ DEFOE, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, 69-73.

³⁴⁹ DEFOE, *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, p. 46.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 47.

³⁵¹ NOVAK, 2. Defoe's political and religious journalism. In: RICHETTI, *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*, pp. 28-29.

Defoe já demonstrava ter conhecimento sobre algumas experiências coloniais marcadas por esforços na criação de ambientes tolerantes à diversidade religiosa, como a fundação da Pensilvânia, encabeçada por William Penn, ou o governo de Daniel Cox em Nova Jersey³⁵². Em *The Constitution of South Carolina* (1986), James Underwood tem como um dos focos de análise as relações entre diferentes grupos religiosos na colônia mencionada no título de sua obra. Fazendo referência a diversas discussões sobre a liberdade religiosa em experiências coloniais no Novo Mundo, o autor reitera o destacado papel de Defoe que, na primeira década do século XVIII, assim como outros representantes dos protestantes dissidentes, defendeu a maior tolerância religiosa e a representatividade nas colônias inglesas da América do Norte³⁵³.

Diante do que foi exposto, é possível afirmar que existe uma convergência entre o pensamento de Defoe e as propostas de colonização de Tobago pela companhia comercial de John Poyntz. Disto não é possível inferir que o romancista tenha formado suas opiniões sobre um modelo ideal de colonização a partir da leitura do relato de Poyntz. Entretanto, as semelhanças nestes tópicos – somadas às demais comparações já realizadas até o momento – contribuem para a sustentação da hipótese de que Defoe leu e se interessou pelo conteúdo do relato sobre Tobago, inclusive por conta das condições administrativas e religiosas nas quais se dariam a presença inglesa na ilha³⁵⁴. Tobago não estava entre os territórios contemplados nas propostas de expansão dos domínios britânicos pela *South Sea Company*, mas o relato de Poyntz sobre a ilha parece ter despertado o interesse de Defoe, principalmente por conta das possibilidades de cultivo e comércio a disposição dos ingleses na época em que o capitão publicou sua narrativa. Segundo Carlton Robert Ottley, entre meados do século XVII e no início do XVIII, a ilha passou por sucessivas mudanças de posse, alternando entre períodos de governos presenciais ou ausentes dos Duques da Curlândia e sendo constantemente ameaçada pela possível conquista de ingleses, franceses e holandeses³⁵⁵. Estes aspectos de contexto somados às semelhanças elencadas entre o romance e a obra de Poyntz contribuem para a ideia de que o romancista possa ter se interessado pela ilha como um possível espaço a ser conquistado pela Grã-Bretanha, principalmente como um ponto comercial estratégico por se

³⁵² DEFOE, *An Essay upon Projects*, pp. 28-29.

³⁵³ UNDERWOOD, James L. *The Constitution of South Carolina: Church and state, morality and free expression*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1986, pp. 31-32.

³⁵⁴ WILLIAMS, Eric. Tobago in a state of betweeny. In: *History of the Peoples of Trinidad and Tobago*, pp. 51-55. Para ver mais sobre o período colonial de Tobago e as disputas imperiais nos séculos XVII e XVIII: SOOMAN, Imbi. et al. “From the Port of Ventspils to Great Courland Bay: The Couronian Colony on Tobago in Past and Present” In: *Journal of Baltic Studies*, v. 44, n. 4, p. 503-526, 2013; ANDERSON, Edgard. The Couronians and The West Indies The First Settlements In: *Caribbean Quarterly*, v. 5, n. 4, jun. de 1959, pp. 264-271.

³⁵⁵ OTTLEY, Carlton Robert. Wars between Dutch, French and English for possession. *The story of Tobago: Robinson’s Crusoe Island in the Caribbean*. London: Longman Group, 1973, pp. 16-22.

situar nas proximidades das demais colônias britânicas caribenhas, bem como da região banhada pelo rio Orinoco na América do Sul que, como vimos, era alvo de grande atenção por parte de Defoe antes da publicação de seus dois romances.

3. *A new voyage round the world: a expansão imperial nos Mares do Sul*

No último romance de Defoe, *A new voyage round the world* (1724), diferentemente do que ocorre em suas duas primeiras obras deste gênero literário, as semelhanças com os relatos de viagem aparecem de forma mais clara³⁵⁶. Em *Robinson Crusoe* e em sua continuação, os elementos que indicam proximidades com os relatos de viagem se encontram difusos na construção dos personagens e dos cenários e se manifestam na medida em que a trajetória do protagonista permite. As viagens de Crusoe compõem apenas parte do enredo, já que as duas narrativas se ambientam majoritariamente na ilha caribenha onde esteve por tantos anos. No caso de *A new voyage round the world*, as similaridades permeiam a construção integral da narrativa ficcional que intencionalmente se apresenta como um verdadeiro relato de viagem, assemelhando-se na forma e no conteúdo àqueles textos de viajantes diversas vezes mencionados pelo romancista em seus textos mais antigos. O romance, portanto, retrata continuamente o deslocamento dos personagens por diferentes cenários que são percorridos por mar e terra e minuciosamente descritos, aspectos que obedecem às convenções de escrita já reproduzidas nas obras de referência de Defoe. Outra especificidade que indica a intenção do autor de aproximar sua obra a um relato de viajante reside em algumas menções a autores de textos deste gênero, procedimento que também é muito utilizado em algumas das obras já citadas pelo romancista anteriormente. Os personagens se guiam por mapas e descrições de outros viajantes que, em um passado próximo ao do momento da expedição, percorreram as mesmas regiões que eles. Estas menções a aventureiros que já publicaram os registros e impressões resultantes de suas façanhas também são recorrentes em viajantes citados por Defoe, como é o caso de Woodes Rogers, que não só se guia pelas viagens realizadas por outros navegantes como também complementa suas descrições com numerosas informações retiradas de seus textos de referência.

Levando em consideração estas características mais gerais da obra que permitem paralelos com narrativas de viajantes, analisaremos a seguir alguns indícios que contribuem

³⁵⁶ Sobre alguns aspectos sobre o contexto de publicação de *A New Voyage Round the World*: RICHETTI, *The Life of Defoe*, pp. 222-224; ARAVAMUDAN, Defoe, commerce and empire, pp. 53-56; LANSDOWN, *Strangers in the South Seas*, pp. 48-51; 57-61.

para confirmar a hipótese de que Defoe se apropriou das leituras que realizou acerca dos relatos de viagem fazendo diferentes usos de seus conteúdos para compor os diversos elementos dos cenários americanos de seu romance. A versão original do título, seguindo os padrões da época, traz algumas informações sintéticas sobre o enredo e já indica que o trajeto desta viagem de circunavegação é inusitado³⁵⁷. Até o início do século XVIII, as viagens marítimas ao redor do globo terrestre já realizadas por europeus comumente se iniciavam na Europa, passando pelas costas da América, atravessando o Pacífico para alcançar as Índias Orientais e, por fim, retornando ao ponto de partida pela costa africana. Na obra de Defoe, os navegantes tentam realizar este trajeto mais comum em um primeiro momento, mas quando intentavam alcançar a costa oeste da América do Sul decidem alterar o trajeto por conta da instabilidade dos ventos. Depois de muito debaterem, os aventureiros deliberaram que primeiro passariam pelo Cabo da Boa Esperança na África, para alcançarem as Índias Orientais logo depois e, ao final, percorreriam as costas da América do Sul, região de maior importância para os propósitos comerciais da viagem³⁵⁸. O ineditismo da rota percorrida, contudo, não prejudica as comparações possíveis entre o romance de Defoe e as obras dos viajantes que aqui analisaremos. Tendo como foco os litorais dos Mares do Sul – que compreendem a costa oeste sul-americana – e algumas regiões do interior do continente americano percorridas pelos viajantes do romance – estabeleceremos comparações entre o enredo construído por Defoe e as descrições contidas nos relatos de viagem de Francis Drake, John Narborough, William Dampier e Woodes Rogers. Estes paralelos contribuirão para sustentar a ideia de que o romancista – que nunca visitou as costas da América Espanhola – se apropriou das leituras que fez destes relatos de viagem com o intuito de construir representações verossímeis, semelhantes àquelas encontrados em obras já difundidas entre o público da época. Ademais, tentaremos demonstrar de que maneira as representações da América presentes no último romance de Defoe se relacionam com as possibilidades de expansão colonial e comercial do Império Britânico nestas regiões.

No romance, a viagem é narrada pelo capitão inglês de um dos navios da frota – que prefere não se identificar – e o grupo conta com a participação de uma tripulação composta por britânicos, holandeses e franceses. Dentre estes últimos, encontra-se um capitão chamado Jean Michel Merlotte que, tal como o narrador, é uma figura central na liderança e condução da viagem. Tendo em vista a permissão cedida aos franceses para comerciar em portos de

³⁵⁷ DEFOE, Daniel. *A New Voyage Round the World, by a Course never Sailed before*. Oxford: D. A. Talboys, 1840., p. 4.

³⁵⁸ *Ibidem*, pp. 17-20.

domínio espanhol, graças a participação de Merlotte e seus conterrâneos, o grupo conseguiu contornar as restrições portuárias impostas em determinados territórios coloniais e pôde traçar uma rota que incluía os litorais da América do Sul³⁵⁹. Esta característica, bem como a inédita ideia de se realizar uma viagem de circunavegação de oeste para leste, têm grande importância na representação das potencialidades comerciais dos Mares do Sul no romance. Apesar de percorrer outras regiões do mundo, o narrador deixa explícito que o principal objetivo da viagem é explorar a América do Sul e conseguir comerciar nestes litorais que tanto beneficiam os espanhóis, o que reitera a importância já dada por Defoe a estas regiões nos textos que publicou na década anterior. Os portos destes territórios, sobretudo os do Chile e do Peru, eram importantes pontos de aquisição de mercadorias da Ásia, tal como Defoe já tinha ressaltado em seus ensaios dedicados à *South Sea Company*³⁶⁰. Nas descrições fornecidas pelos viajantes consultados por Defoe, estas mercadorias são encontradas, majoritariamente, em navios espanhóis apreendidos pelos corsários ingleses ou conseguidas em pilhagens de portos e cidades.

Em *A new voyage round the world*, a frota tem permissão para comerciar naqueles portos e esta circulação de produtos é representada nas transações feitas pelos próprios personagens. Desta maneira, Defoe consegue demonstrar a chegada das mercadorias das Índias Orientais explicitando algumas das vantagens comerciais de se ter domínios coloniais nestas regiões. O autor ainda ressalta os benefícios acessíveis por meio da efetiva ocupação destes territórios, enfatizando os recursos naturais ali encontrados, a fertilidade do solo e as possibilidades de aproveitamento das terras que, segundo ele e suas referências, são mal utilizadas pelos espanhóis. Estes elementos permitem que se estabeleçam relações entre o romance e os relatos dos viajantes supracitados e serão analisados em seus pormenores a partir de alguns exemplos. Desta maneira, intenta-se perceber em que medida as semelhanças contribuem para sustentar a hipótese de que Defoe se apropriou do conteúdo das leituras que realizou, fundamentando as descrições presentes no enredo de *A new voyage round the world*. Em alguns casos estas representações são compostas por descrições que se apresentam no romance em trechos genéricos que, por sua vez, podem remeter a comentários gerais fornecidos pelos viajantes acerca de uma grande região ou a um conjunto de descrições de

³⁵⁹ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 5-7.

³⁶⁰ O autor fornece listas de produtos que podem ser encontrado naquelas terras ou adquiridos por meio do comércio ali realizado, principalmente por conta da chegada de grandes quantidades de mercadorias das Índias Orientais nestes portos. Em *A New Voyage round the World*, os personagens não tem contato com todos estes itens, mas é possível identificar alguns exemplos que indicam semelhanças entre estas discussões presentes nos ensaios e elementos do enredo: DEFOE, *A True Account of the Design, And Advantages of The South-Sea Trade*, pp. 19-21; *An essay on the South-Sea Trade*, pp. 42-45.

localidades mais específicas que juntas compõem visão geral sobre um território maior. Em outros momentos, territórios mais importantes e localizados aparecem representados nos romances com mais detalhes e também permitem paralelos com os textos de viajantes. De qualquer maneira, é importante reiterar que todos aqueles territórios dos Mares do Sul mencionados nominalmente pelo romancista também se encontram em pelo menos um dos quatro viajantes que serão utilizados em nossa análise. A despeito de uma maior semelhança entre o romance e as descrições presentes nas narrativas de Narborough e de Rogers, Drake e Dampier também apresentam elementos passíveis de comparação com a obra de Defoe.

3.1. Navegação, viagens terrestres e paisagens

Como é possível perceber a partir das biografias dedicadas à vida e obra de Defoe, o autor viajou por diversos países da Europa como mercador, mas nunca esteve na região que seus contemporâneos chamavam de Mares do Sul. Portanto, seu acurado conhecimento sobre os litorais, portos e rotas marítimas da América provavelmente decorre de suas leituras. Parece plausível afirmar que seu interesse por relatos de viagem tenha o familiarizado com alguns aspectos da vida dos homens do mar e do desafio de se realizar uma jornada longa, tal como uma circunavegação. Nas primeiras páginas de *A new voyage round the world*, o autor indica que não pretende preencher sua narrativa com direções e informações sobre os ventos e condições de navegação encontradas no decorrer de sua trajetória, reservando mais espaço para os desembarques, transações comerciais e aventuras terrestres³⁶¹. Contudo, para narrar o percurso dos personagens nas regiões onde se ambienta o enredo e relatar certas adversidades cotidianas enfrentadas pelos tripulantes da frota, Defoe precisou dedicar certa atenção a informações sobre o trajeto no mar e chegada aos portos.

Ainda que dediquem grande parte de suas obras a comentários sobre as paisagens e o comércio encontrados nos litorais percorridos, Narborough e Dampier, diferentemente do romancista, escrevem com uma linguagem que se dirige ao navegante trazendo detalhes minuciosos sobre a localização de cada território, as características portuárias e as sucessivas mudanças nos ventos durante a navegação. Rogers, por sua vez, narra sua viagem tendo como foco as potencialidades naturais e comerciais de cada região, mas não deixa de reservar um apêndice ao final de sua obra com informações para orientar os navegantes que pretendem percorrer os mesmos territórios que ele.

³⁶¹ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 2.

Juntamente com as informações sobre a rotina de navegação e aspectos portuários dos litorais sul-americanos, o narrador do romance também discorre sobre algumas das condições de sobrevivência dele e de seu grupo. Nas diversas paradas que realizam na América, explicitam-se as fontes de água potável, os rios navegáveis, as possibilidades de aquisição de alimentos e outras provisões por meio de recursos animais, vegetais e minerais. Assim como nos escritos dos viajantes consultados por Defoe, o romance apresenta informações que são úteis tanto para orientar o navegante que poderia percorrer as mesmas regiões que os personagens, quanto para despertar o interesse pelas vantagens naturais e comerciais oferecidas por esta região do Novo Mundo. Neste sentido, as descrições sempre são acompanhadas de comentários que reiteram a utilidade dos recursos encontrados e denotam a fertilidade e riqueza das terras percorridas. Diante destas semelhanças entre o romance e as obras dos viajantes, será pertinente pensar alguns exemplos que explicitem aspectos que demonstrem a plausibilidade da hipótese de que o autor se apropriou do conhecimento presente nas leituras que realizou sem deixar de reiterar os elementos que contribuíram para a construção de representações da América que pudessem parecer atrativas para possíveis mercadores e colonizadores que se interessassem pela região.

Deixando as Filipinas – onde compraram louças, tecidos e especiarias de alta qualidade – os aventureiros visitaram diversos territórios insulares no Oceano Pacífico e seguiram em direção aos tão almejados Mares do Sul. Aquelas mercadorias foram obtidas com o intuito de serem revendidas por altos preços nas costas americanas em portos que, segundo a narrativa, habitualmente recebiam tais produtos³⁶². Apesar de ter criticado a quantidade enorme de informações sobre navegação presentes na narrativa de John Narborough, o próprio narrador afirma que nestas regiões a frota estava se orientando por meio do mapa publicado no relato daquele navegante cuja carta traz ricas informações sobre as costas do extremo sul da América, incluindo a Patagônia, o Estreito de Magalhães e a Terra do Fogo³⁶³. Antes de alcançar as costas continentais destas regiões, os aventureiros se dirigem a Juan Fernandez, nas proximidades do litoral chileno – a mesma ilha em que Woodes Rogers resgatou Alexander Selkirk, o naufrago que inspirou o enredo de *Robinson Crusoe*. Neste território, os viajantes do romance se alimentam e abastecem seus navios com carne de cabras que, segundo eles, existem em abundância na ilha. Os aventureiros permaneceram por treze dias, período no qual caçaram pelo menos 370 cabras e conseguiram água potável nos cursos

³⁶² DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 98-100.

³⁶³ *Ibidem*, p. 15.

de água que encontraram³⁶⁴. A parada na ilha foi estratégica, já que entre as ilhas do Pacífico e o litoral oeste da América do Sul há uma longa viagem que não oferece muitas oportunidades de se conseguir provisões e mantimentos.

Rogers e Dampier também fornecem informações sobre a ilha, cada um a seu modo, em suas narrativas de viagem. Selkirk, o sujeito que permaneceu em Juan Fernandez isolado por quatro anos, quando resgatado por Woodes Rogers contou ao capitão que acreditava ter caçado pelo menos 500 cabras no período em que esteve ali³⁶⁵. William Dampier, que também passou pela ilha com intuito de conseguir provisões afirma que suas “savanas são abastecidas com cabras em grandes rebanhos” e que elas “foram primeiramente inseridas na ilha por *John Fernando*, que foi o primeiro a descobri-la”³⁶⁶, espanhol este que deu nome ao território. Estas informações não só remetem à construção do protagonista de *Robinson Crusoe*, como também apresentam importantes semelhanças com as descrições sobre a ilha Juan Fernandez contidas em *A new voyage round the world*. Ademais, assim como os personagens de Defoe, Rogers e sua frota visitam a ilha tentando descansar, conseguir provisões e se prepararem para seguir rumo aos Mares do Sul, aproveitando as vantagens econômicas dos portos da região³⁶⁷.

Depois de percorrerem alguns dos pontos comerciais mais importantes das costas sul-americanas – dos quais falaremos em breve – e de realizarem uma jornada por terra por meio dos vales dos Andes, parte do grupo se arriscou em mais uma rota terrestre atravessando a Patagônia com a meta de explorar esta faixa de terra e encontrar os demais nas praias a leste desta região. Desta maneira, os navios continuaram sua rota pelo extremo sul do continente americano, passando pelo Cabo Horn, depois pelo Estreito de Le Maire e Ilha do Estado, regiões também mencionadas e descritas nas narrativas de viagem de Dampier e Rogers³⁶⁸. Nas terras já banhadas pelo Atlântico, ainda no extremo sul da América, os navegantes tentaram encontrar o grupo que viajava por terra no Porto San Julian, seguindo para as ilhas Penguin e voltando para o continente onde desembarcaram no Porto Deseado, originalmente chamado pelos ingleses de *Port Desire*. Neste momento, a viagem fictícia volta a se referir à viagem de John Narborough, quando os aventureiros encontram um “poste, ou cruz” erigida pelo capitão, “com uma placa de cobre presa a ela e uma inscrição, demonstrando que ele

³⁶⁴ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 177-179.

³⁶⁵ ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World*, [...]. London: A. Bell, 1712, pp. 126-127.

³⁶⁶ DAMPIER, William. *A New Voyage Round The World* [...]. London: James Knapton, 1697, pp. 87-88.

³⁶⁷ ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*, p. 137.

³⁶⁸ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 301-304; DAMPIER, *A New Voyage*, pp. 81-82; ROGERS, pp. 121.

tomou posse daquela região em nome de Carlos II³⁶⁹, ocorrido que se encontra narrado no relato do viajante. Este ato de posse realizado por Narborough³⁷⁰ não resultou em uma real ocupação da região pelos britânicos – algo que é comum em viagens de expansão marítima –, mas é interessante notar mais um elemento que denota o esforço de Defoe em construir paralelos entre sua viagem fictícia e relatos de viagens tomados como verdadeiros. Na região, os viajantes de Defoe se depararam com praias repletas de patos, marrecos, gansos, cisnes, pinguins e focas que lhe foram de ótima serventia para estocagem de alimento. Encontraram ainda extensas planícies com gramados muito adequados para criação de gado como touros ou guanacos, paisagens e animais que, juntamente com os demais supracitados, também são mencionadas nas descrições do capitão Narborough³⁷¹.

Outro aspecto digno de nota no romance de Defoe é a curiosidade nutrida pelos personagens, sobretudo pelo narrador, acerca da possibilidade de se atravessar os Andes em uma viagem por terra. O interesse do capitão, alimentado pelo seu anseio de encontrar terras passíveis de ocupação e colonização por britânicos, ganha maior intensidade quando consegue informações com os nativos e espanhóis residentes das proximidades da foz do rio Imperial a norte de Valdivia. Em uma das conversas que teve com um espanhol que conheceu durante suas viagens, o capitão ouve que estas montanhas são:

tão infinitamente altas que nenhuma criatura humana poderia viver no topo; e além disso tão íngremes e assustadoras, que se houvesse um par de escadas subindo de um lado e descendo do outro, nenhum homem ousaria subir ou descer.

Mas que a noção de que as colinas são contínuas, como um muro que não tem portões, isto era tudo fábula; que há diversas entradas entre as montanhas e extensos e agradáveis vales entre as colinas, com rios aprazíveis, numerosos habitantes, gado e provisões de todos os tipos³⁷².

Este mesmo espanhol guiou o grupo até os arredores da cidade de Villarrica, trajeto no qual, montados em guanacos, os aventureiros confirmaram as informações conseguidas anteriormente sobre a região e ainda puderam conhecer de perto os vulcões ali existentes. Esta impressão acerca da Cordilheira dos Andes, em que as montanhas aparecem intercaladas com

³⁶⁹ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 304-305.

³⁷⁰ NARBOROUGH, *An Account Of Several Late Voyages*, p. 40.

³⁷¹ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 303-307; NARBOROUGH, *An Account Of Several Late Voyages*, pp. 24-25; 30-31; 41-45, 67-69.

³⁷² No original: “so infinitely high that no human creature could live upon the top; and withal so steep and so frightful, that if there was even a pair of stairs up on one side and down on the other, no man would dare to mount up or venture down.

But that as for the notion of the hills being contiguous, like a wall that had no gates, that was all fabulous; that there were several fair entrances in among the mountains, and large pleasant and fruitful valleys among the hills, with pleasant rivers and numbers of inhabitants, and cattle and provisions of all sorts”. Tradução nossa: DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 227-228.

vales férteis e agradáveis, assemelha-se bastante com as informações cedidas por Woodes Rogers em sua descrição da região. O capitão afirma que as montanhas são “mescladas com abundantes vales habitáveis³⁷³” e que estes, por sua vez, “são muito saudáveis, o clima temperado, e o solo excelente e frutífero³⁷⁴”. Apesar de ser possível afirmar que as colônias espanholas sul-americanas contemplavam territórios apropriados para diversos tipos de plantio e planaltos adequados para a criação de gado, a ideia de que a cordilheira é mesclada com diversos vales férteis e habitáveis pode ser problematizada. Segundo Magnus Mörner, a porção de terras cultiváveis nas regiões andinas é extremamente reduzida e as sociedades que se formaram ali – antes e no decorrer da colonização – fizeram uso de técnicas de irrigação e aprimoramento da terra para que pudessem subsistir e prosperar diante destas adversidades³⁷⁵.

No romance de Defoe, os aventureiros ainda encontraram chalés nestes vales, estabelecimentos mantidos pelos habitantes do local e que funcionavam como hotéis para repouso e alimentação de viajantes que por ali passavam rumo às minas de Villarrica ou a caminho para o outro lado da cordilheira. Portanto, os exploradores fizeram duas paradas nestes alojamentos onde foram servidos com ótimas refeições e puderam descansar com o mínimo de conforto³⁷⁶. Em um destes hotéis, o espanhol que guiava o grupo convidou os demais para um passeio noturno para que pudessem ver com mais clareza a luminosidade emitida pelos vulcões da região³⁷⁷. Este trecho sobre as paradas dos exploradores é de grande importância, pois remete justamente a uma passagem específica do livro de Woodes Rogers sobre as trilhas nestas montanhas dentre as quais o viajante destaca uma onde, segundo ele, “existem vários hotéis [...] onde viajantes encontram tudo que for necessário³⁷⁸”. Nesta mesma passagem Rogers ainda afirma que “existem dezesseis vulcões nesta cadeia de montanhas que às vezes explodem com efeitos terríveis [...] emitindo grandes quantidades de fogo³⁷⁹”.

As convergências e semelhanças entre os aspectos do romance e dos relatos de viagem comparados até o momento contribuem para a ideia de que Defoe se esforçou em construir ambientes que se pareciam com aqueles descritos pelos livros de viajantes com os quais teve contato. A localização de portos e ilhas, os animais e provisões encontrados, as características do relevo e da vegetação e tantos outros detalhes típicos das narrativas de viajantes, parecem

³⁷³ ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*, p. 341.

³⁷⁴ *Ibidem*, p. 345

³⁷⁵ MÖRNER, A economia e a sociedade rural da América do Sul, pp. 187-188.

³⁷⁶ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 261-267.

³⁷⁷ *Ibidem*, pp. 269-274.

³⁷⁸ ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*, p. 346.

³⁷⁹ *Ibidem*, pp. 346-347.

ser construídos no romance com o intuito de que pareçam verdadeiros. Esta busca por verossimilhança traz importantes indícios de que o romancista não só apreciava a leitura dos textos de viajantes como também fazia um largo uso de seus conteúdos para composição de seus cenários e enredos. Ademais, a ambientação de *A new voyage round the world* tende a seguir propósitos semelhantes aos dos relatos de viagem lidos por Defoe, tais como a orientação dos próximos viajantes que por ventura percorressem os mesmos espaços que os personagens ou a ênfase nos recursos naturais que serviriam tanto para o navegante que ali pudesse buscar provisões quanto para colono ou mercador que intentasse conseguir algum benefício destes territórios³⁸⁰.

3.2 Possibilidades de expansão: espanhóis, nativos e ouro

Os viajantes do romance de Defoe tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os vice-reinos do Peru e do Chile de duas maneiras principais. Primeiramente, coletando informações com espanhóis residentes dos portos dos Mares do Sul. Em um segundo momento, realizando longas viagens terrestres com a orientação de alguns dos espanhóis que conheceram no decorrer de sua jornada. Quando estiveram na ilha de Juan Fernandez, encontraram com corsários ingleses que haviam tomado posse de um navio espanhol que se encontrava em uma viagem comercial entre os portos da região. Decidiram, portanto, levar os tripulantes do navio de volta para as costas americanas com o intuito de que estes espanhóis lhe contassem tudo o que sabiam sobre as cidades portuárias e regiões do interior dos dois vice-reinos. Um destes tripulantes era proprietário na região de Tucapel, no Chile, a norte do porto de Valdivia, e se prontificou compartilhar o que sabia com os comerciantes como forma de agradecimento pelo retorno à sua terra³⁸¹. Este mesmo espanhol orientou a primeira viagem feita por terra pelos aventureiros, rota na qual conseguiram comprovar com seus próprios olhos muito do que foi dito pelo seu guia. Depois de voltarem para o porto de Tucapel, como já mencionado, eles decidiram se dividir em dois grupos para que um pudesse explorar os litorais do extremo sul do continente americano e o outro realizar uma viagem por terra pela Patagônia até as costas banhadas pelo Atlântico onde encontrariam os demais³⁸². Tudo o que ouviram e viram despertou um grande interesse pelos benefícios acessíveis nestas terras e reforçou a possibilidade de expansão dos domínios britânicos na região. A despeito da composição mista da frota, o que prevalece no romance é a percepção do narrador que, sendo

³⁸⁰ Sobre a construção das paisagens nos relatos destes viajantes ver: NASH, *Wild Enlightenment*, pp. 79-91; GROVE, *Green Imperialism*, pp. 227.

³⁸¹ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 220-230.

³⁸² *Ibidem*, pp. 295-230.

inglês, sempre vê oportunidades de beneficiar seus conterrâneos com informações sobre as riquezas que presenciou em suas trajetórias.

Nos relatos de viagem lidos por Defoe, os navegantes não realizam viagens por terra no interior do Chile, contudo, assim como os personagens do romance, têm acesso a informações importantes sobre estes espaços em conversas com os espanhóis ou mesmo por meio de narrativas de outros viajantes. Levando em consideração esta semelhança, realizaremos a seguir algumas comparações que contribuem para a ideia de que o romancista se apropriou do conteúdo presente nos relatos de viagem com que teve contato, tentando demonstrar que estes textos intentaram ressaltar algumas das vantagens e possibilidades de se ocupar territórios na América do Sul. Nosso intuito é defender que o autor e suas referências, convergem na argumentação a favor da expansão do Império Britânico nestes territórios, abordando temas em comum, como a escassa e frágil ocupação espanhola nestas regiões, a existência de ouro e prata nas montanhas e rios do local, bem como a possibilidade de um melhor aproveitamento das terras e do trabalho dos nativos que supostamente ocorreria se a terra fosse conquistada pela Grã-Bretanha.

O narrador, no diálogo que estabeleceu com o espanhol resgatado, vê-se espantado com algumas das informações cedidas sobre a presença dos espanhóis na América do Sul. O espanhol lhe conta que o número de seus conterrâneos residindo nos vice-reinos do Chile e Peru é extremamente reduzido se comparado à extensão dos territórios sob o domínio do rei da Espanha³⁸³. Segundo o espanhol, havia uma concentração populacional em cidades importantes como Lima, Quito, Cusco e la Plata, bem como em vilas costeiras como Guayaquil, Arica, São Miguel e Trujillo³⁸⁴. Contudo, ainda em suas palavras, o interior do continente e algumas regiões litorâneas ainda se encontravam quase completamente desocupadas com pouquíssimas intervenções dos colonizadores que se viam em um número muito reduzido para efetivamente se estabelecerem e produzirem nestas terras. O capitão lhe pergunta sobre Potosí que, de acordo com o que sabia, já era tida como uma cidade populosa onde se extraía grandes quantidades de prata, minério de grande importância para o poderio econômico da Espanha. O espanhol o responde, afirmando com segurança que a maior parte dos habitantes desta cidade é composta por escravos e servos, ressaltando que a quantidade de europeus naquela região também é reduzida³⁸⁵. Estas informações se assemelham muito com algumas das descrições de Woodes Rogers que, na narrativa sobre sua circunavegação,

³⁸³ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 221.

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 223.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 224.

menciona as ricas minas de Potosí e afirma que no Peru “os espanhóis são de longe os menos numerosos de todos os habitantes”, sendo a região majoritariamente habitada por índios, negros e mestiços³⁸⁶.

O espanhol, no romance, também relatou ao capitão que nas regiões a sul do porto de Valdivia não havia quase nenhum ponto de colonização estabelecido até então e que ali também havia grandes quantidades de ouro que poderiam ser extraídas se tais terras fossem efetivamente ocupadas³⁸⁷. Antes de iniciarem o percurso por terra, os aventureiros foram recebidos pelo espanhol em sua grande residência que se encontrava na região de Tucapel, a norte de Valdivia, onde o capitão inglês se mostrou encantado com os vários objetos preciosos que viu, como taças de ouro e recipientes de prata nos quais foram servidas grandes quantidades de vinho. Além de exibir estes objetos de uso cotidiano, o anfitrião conduziu os viajantes até um armário onde ele guardava várias rochas com minérios de ouro extraídos das montanhas das redondezas. O narrador ainda afirma que se surpreendeu com as roupas de alta qualidade que vestiam as mulheres da casa e com a riqueza das joias também por elas utilizadas³⁸⁸. Nas duas viagens feitas por terra pelos aventureiros do romance, as informações sobre as extensas terras inabitadas existentes do outro lado da Cordilheira dos Andes e igualmente na região da Patagônia se confirmaram o que corroborou com o espanto e entusiasmo do grupo por aquela região. No decorrer de seus trajetos os viajantes se depararam com rochas de minério de ouro em determinados locais das montanhas e fragmentos deste mesmo metal nos rios e riachos encontrados por eles³⁸⁹.

A representação dos espanhóis ricos e ostentosos, rodeados por terras americanas repletas de ouro ainda por se extrair também são duas tópicas recorrentes nos relatos de viagem e remetem a alguns trechos específicos das narrativas de Narborough e Rogers. O trecho apresenta semelhanças nítidas com uma passagem do relato de John Narborough na qual o viajante afirma, tal como no romance, que sua frota foi recebida por espanhóis na região do porto de Valdivia em uma residência com vários objetos de ouro onde também se serviu vinho em recipientes de prata. Por meio dos diálogos que estabelece com seus anfitriões, o viajante assegura que a maior parte do ouro da América se encontra no Chile, sobretudo em suas montanhas e rios, mas que os espanhóis não fazem o melhor proveito da abundância do mineral na região³⁹⁰. O livro de Woodes Rogers, por sua vez, também traz

³⁸⁶ ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*, pp. 203-204.

³⁸⁷ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 251.

³⁸⁸ *Ibidem*, pp. 238-241; 246.

³⁸⁹ *Ibidem*, pp. 264-265; 342-343.

³⁹⁰ NARBOROUGH, *An Account Of Several Late Voyages*, pp. 88-91.

elementos que contribuem para esta representação do ouro e da prata acumulados pelos espanhóis. Quando tentou tomar Guayaquil, no vice-reino do Peru, o corsário pilhou o porto e várias residências da cidade onde também foram encontrados diversos utensílios domésticos e joias de ouro e prata. Em algumas das casas encontrou mulheres que, assim como na obra de Defoe, vestiam seda e linho de alta qualidade³⁹¹. Apesar de se tratar de outra região, é interessante perceber como no romance e nos relatos de viagem são frequentes as representações dos espanhóis como detentores de abundantes metais preciosos que, por sua vez, supostamente existem em quantidades ainda maiores em regiões inexploradas do continente americano.

Desde o século XVI, havia uma importante atividade de extração de ouro e outros minérios na América do Sul, sobretudo em Potosí, mas a contribuição da prata para a economia hispano-americana, tal como demonstra Carlos Sempat Assadourian, passou a se destacar entre as demais atividades de mineração já na segunda metade do quinhentos – período em que Drake percorreu os Mares do Sul³⁹². Após a crise econômica do sistema colonial no século XVII³⁹³, a mineração, ainda que com oscilações de produtividade, manteve seu estatuto de atividade de ponta na América Espanhola³⁹⁴. A despeito desta maior estabilidade na produção, de acordo com Demetrio Ramos em *Minería y comercio interprovincial en Hispanoamérica* (1970), o aproveitamento comercial da mineração por parte da Espanha foi prejudicado no período da Guerra de Sucessão Espanhola por conta da interferência dos mercadores franceses e de corsários de outros Impérios Europeus³⁹⁵. Neste sentido, é possível perceber como as representações dos Mares do Sul difundidas por *A new voyage round the world* – que provavelmente se fundamentaram nos relatos de viagem lidos pelo autor – trazem à tona alguns aspectos históricos importantes acerca da produção, circulação e desvio dos metais preciosos extraídos nas colônias espanholas. Entretanto, a facilidade com que os personagens encontram os minérios de ouro e a espantosa abundância destes recursos nos rios e montanhas dos Andes e da Patagônia parecem ser resultado de um

³⁹¹ ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*, pp. 178-180.

³⁹² ASSADOURIAN, Carlos Sempat. 5. La economía minera: expresión del mundo de las mercancías. In: *El sistema de la economía colonial: mercado interno, regiones y espacio económico*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1982, pp. 209-221.

³⁹³ VAINFAS, Ronaldo. *Economía e sociedade na América espanhola*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, pp. 73-75.

³⁹⁴ ASSADOURIAN, *El sistema de la economía colonial*, pp. 209-211.

³⁹⁵ RAMOS, Demetrio. *Minería y comercio interprovincial en Hispanoamérica* (siglos, XVI, XVII y XVIII). Valladolid: Universidad de Valladolid, 1970, pp. 258-263.

desconhecimento ou omissão por parte de Defoe acerca do processo de extração destes minerais e da real quantidade dos mesmos nestas regiões³⁹⁶.

O último romance de Defoe não retrata com detalhes os costumes e a cultura dos nativos do Peru e do Chile. Entretanto, assim como em *Robinson Crusoe*, a construção das representações dos povos nativos americanos se relaciona diretamente com os contatos que estes estabelecem com os colonizadores espanhóis e reforça os argumentos a favor da expansão imperial britânica. Antes mesmo de resgatarem os espanhóis cujos navios foram pilhados nas proximidades da ilha Juan Fernandez, os viajantes do romance já haviam conseguido algumas informações sobre o Chile dialogando com os nativos chilenos da região de Valdivia. Nesta ocasião, quando solicita informações sobre as terras e povos existentes na região do Chile, o capitão narrador ouve de um dos nativos mais experientes – que assim como outros povos da região, sabia falar espanhol razoavelmente – que seria mais adequado se seus companheiros pedissem ajuda a espanhóis ou índios para guiarem a viagem, e que os nativos sempre estão:

muito dispostos a assistirem e fornecê-los tudo que achassem necessário, especialmente se eles viessem a saber que eles não eram espanhóis, ou que eles os protegeriam dos espanhóis, o que seria a coisa mais agradável do mundo para eles; pois parece que muitas das nações dos [nativos] chilenos foram movidas a viver nas montanhas, e algumas até do outro lado delas, para evitar a crueldade e tirania dos espanhóis, especialmente no início da colonização da região³⁹⁷.

Já nos diálogos que tiveram com o espanhol durante a primeira viagem realizada por terra, os exploradores ouviram que com a ajuda de forças de Santiago e do Peru, os nativos da região de Valdivia foram “subjugados e obrigados a se submeterem” e que se encontravam reduzidos em número e completamente oprimidos³⁹⁸.

Nos relatos de viagem referenciais para Defoe, o nativo destas regiões também é representado como subjugado e violentado pelos espanhóis. Neste sentido, além de serem tidos como melhores colonizadores, pois supostamente sabem aproveitar as potencialidades dos territórios americanos com maior eficácia, os ingleses também aparecem como os mais indicados para civilizar e governar os nativos. O capitão Narborough relata que, nas conversas

³⁹⁶ Sobre o processo de extração, a mão de obra utilizada e as quantias adquiridas: BAKEWELL, Peter. A mineração na América espanhola colonial. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina colonial*, volume II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, pp. 104-127.

³⁹⁷ No original: “and the people as they went along very ready to assist and furnish them with whatever they found they wanted, especially if they came to know that they were not Spaniards, or that they would protect them from the Spaniards, which would be the most agreeable thing to them in the world; for it seems many of the nations of the Chilians had been driven to live in the hills, and some even beyond them, to avoid the cruelty and tyranny of the Spaniards, especially in the beginning of their planting in that country”. Tradução nossa: DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 193.

³⁹⁸ *Ibidem*, p. 251.

tidas na região do Valdivia, os espanhóis lhes contaram sobre as constantes guerras e tensões entre eles e os nativos do local. Realizando explorações nas proximidades do porto, o grupo do capitão encontra com nativos que falam e entendem muito bem o idioma dos espanhóis³⁹⁹. Conversando com eles, Narborough se esforça em convencê-los de que não é um inimigo dos índios da região e de que o reino ao qual pertencia se encontrava “um pouco longe, do outro lado do mar”, de onde ele voltaria para que ali pudessem viver juntos. Afirmou ainda que o rei de sua terra natal enviaria a eles muitos presentes, sendo o “maior Rei do mundo, e que comanda todos os outros Reis⁴⁰⁰”. A comparação destes trechos do romance e da narrativa de Narborough corrobora, portanto, para construir entre contemporâneos uma crença na superioridade do britânico como colonizador e na legitimidade e eficácia de seus empreendimentos coloniais que, por sua vez, opõem-se à violência e à fragilidade das relações entre espanhóis e nativos naquelas terras. Além de Narborough, na narrativa da circunavegação de Francis Drake, o corsário afirma que após cruzar o Estreito de Magalhães seu navio fez parada na Ilha de Mocha, que também se localiza nas proximidades do porto de Valdivia, onde encontrou com nativos com quem também manteve diálogos. Drake afirma ter ouvido dos índios que, por conta do “cruel e extremo tratamento dos espanhóis”, eles foram obrigados a fugirem do continente para se protegerem e se fortificarem naquela ilha⁴⁰¹.

Os povos que viviam nas regiões do sul chileno eram os mapuches, também conhecidos como araucanos, e sua história foi de fato marcada por recorrentes conflitos contra os espanhóis durante todo o período colonial⁴⁰². De acordo com José Manuel Zavala Cepeda, autor de *Los Mapuches del siglo XVIII* (2000), estes povos estiveram presentes nas terras à sul do rio chileno Bío-Bío, ocupando as proximidades da Cordilheira dos Andes e em diferentes regiões da Patagônia⁴⁰³. Apesar da presença dos mapuches nesta área ter se alterado durante a colonização, e também no período pós-colonial, é possível afirmar que entre os séculos XVI e XVIII as terras de ocupação destes povos incluíam regiões mencionadas nos romances e nos relatos de viagem aqui analisados, como os arredores do porto de Valdivia e ilhas chilenas como a de Mocha. Esta continuidade dos conflitos entre araucanos e espanhóis denota uma especificidade deste grupo de ameríndios se comparado à maioria dos demais

³⁹⁹ NARBOROUGH, *An Account Of Several Late Voyages*, pp. 87-88; p.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, pp. 102-103.

⁴⁰¹ DRAKE, *The famous voyage of Sir Francis Drake*, p. 418.

⁴⁰² OLIVA DE COLL, Josefina. Parte X – Chile: terra indômita. *A resistência indígena: Do México à Patagônia*, a história da luta dos índios contra os conquistadores. Porto Alegre: L&PM, 1986, pp. 200-216.

⁴⁰³ ZAVALA CEPEDA, José Manuel. *Los Mapuches del siglo XVIII: Dinámica interétnica y estratégias de resistência*. Traduzido del francés por el autor con la colaboración de Carmen Gloria Garbarini. Santiago de Chile: Universidade Bolivariana, 2008, pp. 37-39.

nativos sul-americanos⁴⁰⁴. Ainda que os estudos confirmem a persistência das tensões entre colonizadores e nativos chilenos, se levarmos em consideração as diversas formas de resistência que caracterizaram a trajetória destes povos, a ideia de que todos eles foram “subjugados e obrigados a se submeterem”, tal como se afirma no romance, pode ser relativizada. Segundo Zavala Cepeda, desde o período da conquista, as estratégias de resistência dos mapuches incluíram conflitos diretos contra os colonizadores, reorganização territorial e preservação de características culturais e religiosas em detrimento dos anseios europeus de cristianização⁴⁰⁵.

Todos os argumentos presentes no romance e nas obras dos navegantes ganham sentido mais amplo quando comparados com as propostas de expansão imperial britânica já defendidas por Defoe nos ensaios da década anterior à publicação de *A new voyage round the world*. Entre os viajantes consultados pelo romancista, Rogers é aquele que mais se encontra empenhado nas discussões da *South Sea Company*, temas que tanto importaram para Defoe nos dois últimos decênios de sua vida. Na “Introdução” do relato de sua circunavegação, o capitão afirma que:

Toda a Força Espanhola neste mar consiste em apenas três pequenos navios, e suas tropas terrestres são tão pouco acostumadas com a guerra que não são capazes de encarar um corpo de homens disciplinados de frente como nós mesmos e outros descobrimos por experiência. Ademais, os nativos do Chile, que são um valente povo, tem tanta aversão aos espanhóis por conta de sua crueldade e opressão que, quando eles encontrarem a brandura de um governo, inglês irão prontamente se juntar a nós com o intuito de serem libertos desta intolerável servidão da qual têm lamentado por tanto tempo⁴⁰⁶.

O capitão Rogers, que dedica a introdução do seu livro especificamente para discutir a importância do comércio nos Mares do Sul, sintetiza, de forma muito pertinente as possibilidades de conquista destes territórios em questão utilizando argumentos que, de certa maneira, também aparecem no romance de Defoe, como a fraqueza da ocupação e defesa das colônias espanholas, a tensão entre os colonizadores e nativos da região e a crença na superioridade do governo britânico em comparação ao espanhol. Estas semelhanças com o relato de Rogers – assim como as demais apontadas acerca das obras de outros navegantes –

⁴⁰⁴ SCHWARTZ, Stuart; LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 345-349.

⁴⁰⁵ ZAVALA CEPEDA. III – Dinâmica fronteriza durante la primera mitad del siglo XVIII; VII – La guerra; VIII – La resistencia a la evangelización. In: *Los Mapuches del siglo XVIII*, pp. 97-120; 189-216; 217-240.

⁴⁰⁶ No original: “The whole Spanish Force in that Sea consists but of three small ships, and their Land-Troops are so little accustom’d to War, that they are not able to look a Body of disciplin’d Men in the face; as we our selves, and others, have found by experience. Besides, the Natives of Chili, who are a brave People, have such an aversion to the Spaniards because of their Cruelty and Oppression, that when they find the Mildness of an English Government, they will readily join us, in order to be freed from that intolerable Servitude under which they have groan’d so long.”. Tradução nossa: ROGERS, *A Cruising Voyage Round the World*, p. xiii.

reforçam a ideia de que estas referências foram de grande importância na construção das representações do Novo Mundo nas obras ficcionais de Defoe.

3.3. O comércio nos Mares do Sul

As comparações ente o enredo de *A new voyage round the world* e os relatos de viagem lidos por Daniel Defoe indicam semelhanças que convergem na construção de representações do continente americano e ressaltam a possibilidade de conquistas territoriais em determinadas localidades por parte dos britânicos. Contudo, nos ensaios de Defoe dedicados a questões pertinentes para a *South Sea Company*, os espaços que, segundo o autor, deveriam ser conquistados pelo Império Britânico trariam vantagens que não se limitam apenas no aproveitamento das riquezas naturais ali encontradas. Uma de suas principais motivações na argumentação em prol desta expansão se fundamenta na possibilidade da Grã-Bretanha se beneficiar com o comércio existente nestas regiões. A *South Sea Company*, como já comentamos, foi fundada em 1711 no contexto da Guerra de Sucessão Espanhola com o intuito de se pensar alternativas para sanar a dívida nacional e, ao mesmo tempo, inserir os comerciantes britânicos no comércio dos Mares do Sul que tanto enriqueciam a França, principal rival da Grã-Bretanha neste conflito. A referida guerra se encerrou em 1714, mais de dez anos antes da publicação de *A new voyage round the world*, mas o enredo do romance se inicia ainda nos desdobramentos finais do conflito e retoma vários dos temas que estavam em voga no início da década anterior. Além das oportunidades de conquista de territórios sul-americanos, o romance parece demonstrar o esforço de Defoe em explicitar o rico comércio que se realizava nos Mares do Sul que, na época do conflito, beneficiava não só os espanhóis, mas também os franceses. Dando continuidade à nossa argumentação, tentaremos identificar quais elementos presentes no romance contribuem para a representação deste comércio e de que maneira estes aspectos indicam semelhanças com os textos de viajantes que foram referências para o romancista. Como tentaremos demonstrar, quando pensados em conjunto, os portos dos Mares do Sul no romance representam uma circulação de mercadorias que remete àquilo que os viajantes lidos por Defoe encontraram em suas jornadas. Ademais, é possível perceber tanto no romance quanto nos textos dos viajantes um apelo objetivo para que os britânicos também se empenhem em conquistas nestas regiões para que então possam desfrutar do comércio que ali se desenvolve.

Quando os navegantes percorriam as Índias Orientais passaram por Manila, nas Filipinas, cidade cujo porto comercial tinha grande importância para os espanhóis no período, pois nele era aportada boa parte das mercadorias do Oriente. Antes de seguirem com sua

jornada, portanto, realizaram trocas com os comerciantes do local adquirindo especiarias, chá, tecidos de alta qualidade, louças chinesas e japonesas com o intuito de revender estes produtos nos Mares do Sul⁴⁰⁷. Seja nas Índias Orientais ou no Novo Mundo, sempre que pretendiam comerciar em portos de colônias espanholas, os viajantes eram liderados pelo capitão francês Jean Michel Merlotte que comunicava as autoridades locais e conseguia permissão para que realizassem as transações. Assim o fizeram no porto chileno de Valdivia, onde conseguiram vender um pouco de todos os itens adquiridos nas Índias Orientais por valores que, segundo o narrador, eram mais altos do que conseguiriam em qualquer outro local da região⁴⁰⁸. Um pouco mais a norte, no porto de Valparaíso, que dá acesso a Santiago, eles venderam estas mesmas mercadorias que ali “eram muito valiosas e desejadas, e nenhum preço seria muito alto” para pedirem aos espanhóis⁴⁰⁹. Passaram ainda pelos portos chilenos de Coquimbo e Copiapó onde estas mercadorias também foram vendidas por altas quantias que, segundo os mercadores da região – tal como afirma o narrador – ainda seriam o dobro do preço se tivessem sido levadas por navios de Lima. A maior parte do valor das transações foi paga pelos espanhóis com ouro não cunhado retirado das montanhas⁴¹⁰.

Já no Peru, em Callao, na época o porto peruano mais importante que dava acesso a Lima, os aventureiros tiveram algumas dificuldades com o governo local e foram proibidos de realizar transações. O fato ocorreu por conta da grande concorrência dos franceses que estava arruinando mercadores locais o que levava as autoridades a restringir as trocas em determinados períodos. Contudo, quando a população da região teve notícias sobre as mercadorias contidas nos navios dos viajantes, apressou-se para comprá-las às escondidas. Preços altos também foram pagos pelos produtos neste porto e os habitantes e mercadores que ali se encontravam adquiriram todo o estoque de produtos das Índias Orientais trazidas pelos navegantes⁴¹¹.

No caso dos viajantes lidos por Defoe, nenhum deles se encontrava em situação semelhante à frota do romance e por este motivo não tinham a mesma liberdade para comerciar nestes litorais. Contudo, a circulação de produtos nos vice-reinos do Chile e do Peru – inclusive nas rotas entre os portos destas regiões – é conhecida pelos viajantes por meio de informações colhidas em situações diversas. Em algumas ocasiões, os viajantes tem acesso a estas informações dialogando com as populações litorâneas; em outras, por meio de

⁴⁰⁷ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, pp. 98-100.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, pp. 190-191.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 195.

⁴¹⁰ *Ibidem*, p. 196.

⁴¹¹ *Ibidem*, pp. 197-198.

outros relatos de viagem; e em alguns casos esta circulação é confirmada por meio dos produtos adquiridos nas cargas de navios aprisionados por aqueles viajantes que tem a permissão para atuarem como corsários. Na ocasião em que foi recebido pelos espanhóis no porto chileno de Valdivia, Narborough presenciou a chegada de provisões levadas em um navio que vinha de Lima juntamente com tecidos finos e outros produtos que foram pagos com ouro não cunhado da região⁴¹². Francis Drake, quando navegava nas proximidades das costas do Chile, pilhou um navio que havia partido de Valdivia no qual, além de vinho da região, também conseguiu ouro não cunhado. Em Lima, tal como no romance, o corsário percebeu uma quantidade maior de navios mercantes e, ao mesmo tempo, restrições mais severas na proteção e no controle das transações no porto de Callao, fato que dificultou a continuidade de suas pilhagens. Entretanto, ainda neste porto, Drake conseguiu apresar ouro maciço e finas sedas orientais nas cargas de navios que se dirigiam para Paita importante cidade portuária do norte do Peru⁴¹³.

Os portos percorridos pelos viajantes em *A new voyage round the world* e nos relatos lidos por Defoe realmente foram de grande importância nas rotas comerciais que interligavam as Índias Orientais, a América e a Europa no período colonial⁴¹⁴. Além de serem importantes pontos de escoamento dos metais preciosos adquiridos nas minas sul-americanas – o que é igualmente perceptível no romance – estas cidades portuárias também eram os principais locais de chegada de mercadorias do Oriente como porcelanas, tecidos de alta qualidade, chá e especiarias⁴¹⁵. Em *The Lure of Peru* (1989), Peter Bradley afirma que em fins do século XVII e início do XVIII, a presença estrangeira nos portos peruanos e chilenos foi frequente por conta dos recorrentes ataques de piratas e corsários ingleses e franceses⁴¹⁶. O autor também defende que os anos iniciais do setecentos marcaram uma maior presença de mercadores franceses nos portos espanhóis dos Mares do Sul e das Índias Orientais justamente por conta das concessões diplomáticas decorrentes das negociações no decorrer da Guerra de Sucessão Espanhola. Esta nova conjuntura política e econômica possibilitou que a França tivesse acesso ao lucrativo comércio daqueles artigos orientais também mencionados nas páginas do romance de Defoe⁴¹⁷.

⁴¹² NARBOROUGH, *An Account Of Several Late Voyages*, p. 93.

⁴¹³ DRAKE, *The famous voyage of Sir Francis Drake*, pp. 420-421.

⁴¹⁴ RAMOS, *Minería y comercio interprovincial en Hispanoamérica*, pp. 253-264.

⁴¹⁵ ELLIOTT, *Empires of the Atlantic World*, pp. 226-227.

⁴¹⁶ BRADLEY, Peter. 6. Sharp and Company: Buccaneers (1679-82); 7. English and French Buccaneers: The second wave (1684-9). In: *The lure of Peru: maritime intrusion into the South Sea, 1598-1701*. New York: Springer Publishing, 1989, pp. 103-166.

⁴¹⁷ BRADLEY, 8. The End of an Era and the Onset of a New Phase. *The Lure of Peru*, pp. 167-184.

Desta maneira, parece plausível a ideia de que o comércio, assim como as vantagens naturais da América do Sul, são pontos de convergência nas representações do Novo Mundo contidas no romance e nos relatos de viagem, sendo estes conteúdos – tal como tentamos argumentar – apropriados e utilizados pelo romancista com o intuito de incentivar a expansão imperial nestes territórios. Na narrativa de sua expedição, Narborough sintetiza de forma objetiva este propósito afirmando que “o mais vantajoso comércio do mundo deve ser realizado nestas partes”, sobretudo porque “os povos que ali habitam são muito desejosos deste comércio”. Ademais, o viajante acredita que “os nativos das partes do sul do Chile”, juntamente com os britânicos desenvolveriam “um rico comércio de ouro⁴¹⁸”. Esta síntese remete, de certa maneira, às páginas finais do romance de Defoe, nas quais o narrador, antes de encerrar o relato da circunavegação, recomenda a costa ocidental da América do Sul como a “melhor e mais vantajosa parte de todo o globo para uma colônia inglesa”, pois, segundo ele, “o clima, o solo, e acima de tudo a fácil comunicação com as montanhas do Chile” o levam a crer que nenhum outro lugar por ele visitado possa trazer os mesmos benefícios que aquelas regiões⁴¹⁹.

⁴¹⁸ NARBOROUGH, *An Account Of Several Late Voyages*, p. 110-111.

⁴¹⁹ DEFOE, *A New Voyage Round the World*, p. 355.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme argumentamos no decorrer deste estudo, diversos aspectos presentes nos romances de Defoe indicam semelhanças com relatos de viagem que também retrataram espaços americanos em suas páginas. Apesar da maior repercussão das obras ficcionais do referido autor inglês, os paralelos propostos aqui entre seus romances e as narrativas de viajantes analisadas só foram possíveis por meio do exame de textos não ficcionais de Defoe, escritos estes que não foram alvo de grande atenção por parte dos historiadores, biógrafos e intérpretes que já abordaram o tema. Diferentemente de seu primeiro livro, *An Essay upon Projects* (1697), e de seu periódico, *The Review* (1704-1713), os ensaios dedicados às temáticas relacionadas à *South Sea Company* e à expansão do Império Britânico na América raramente são contemplados nos estudos sobre sua atuação como letrado nestas discussões. Todavia, estes textos foram de fundamental importância para nossa análise, sobretudo nos trechos iniciais do primeiro e do terceiro capítulos, por explicitarem de forma objetiva quais foram os viajantes que serviram como referenciais para fundamentar as discussões levantadas por Defoe sobre os rumos imperiais.

Portanto, é importante reiterar que o esforço aqui investido para compreender as temáticas coloniais nos romances de Defoe levou em consideração alguns fatores que se relacionam com aspectos do contexto no qual o autor se inseria e também com a interação entre sua produção ficcional e o conteúdo das demais fontes analisadas. Primeiramente, as transformações literárias da virada do século XVII para o XVIII na Inglaterra que, por sua vez, ocorreram juntamente com importantes alterações socioculturais no público leitor caracterizaram uma aproximação entre a prosa de ficção e outros gêneros não ficcionais da época. Retomando algumas discussões sobre a ascensão e difusão do romance inglês, tentamos ressaltar a forma pela qual a escrita ficcional de Defoe buscou construir sua verossimilhança, apropriando-se de elementos presentes em biografias, textos históricos, e em relatos de viajantes. O segundo fator diz respeito à participação do autor nos debates sobre questões políticas e administrativas inglesas e sua preocupação com os direcionamentos da expansão imperial, discussões estas que também se basearam no conhecimento adquirido pelo escritor nas narrativas de viagem mencionadas por ele em seus ensaios. Neste sentido, além de trazerem indicações sobre as leituras realizadas pelo autor, os ensaios analisados denotam a maneira pela qual suas propostas de expansão imperial se relacionam diretamente com as rivalidades entre os britânicos e espanhóis na América, tensões estas que incidiram como condicionantes na construção das representações literárias acerca do continente.

Ainda que seja possível identificar uma grande diversidade de assuntos e discussões abarcadas pelos romances de Defoe – questões religiosas ou filosóficas em *Robinson Crusoe*, por exemplo – é notável a importância das temáticas coloniais em sua produção ficcional. Nossa argumentação tentou sustentar a ideia de que seus romances dão continuidade a debates realizados por ele anteriormente em seus ensaios e nas páginas de seu jornal periódico. Os elementos analisados em *Robinson Crusoe* e em sua continuação parecem indicar que o autor se valeu do contexto fictício que construiu para tratar de questões imperiais que extrapolam os limites da ilha caribenha em que a maior parte do romance se ambienta. As representações da riqueza natural nos cenários, da relação entre britânicos e nativos e das rivalidades com os espanhóis por meio dos personagens provavelmente são ecos do engajamento por parte de Defoe na defesa da legitimidade de uma expansão colonial e comercial britânica no Novo Mundo em detrimento dos domínios hispânicos.

As obras de ficção de Defoe, de acordo com nossa análise, além de remeterem às propostas de avanço imperial na América, reiteram a importância tida pelos relatos de viagem na difusão de representações dos domínios ultramarinos entre os europeus. Os viajantes mencionados pelo autor em seus textos não ficcionais, segundo nosso raciocínio, provavelmente estiveram entre as principais referências para a construção dos cenários e personagens de seus romances. O relato de John Poyntz sobre Tobago – excepcional entre as fontes analisadas, pois não foi nominalmente citado por Defoe – parece ter sido a principal inspiração do romancista na construção do cenário natural da ilha deserta de seu mais famoso romance. Se levarmos em consideração as semelhanças entre *Robinson Crusoe* e o relato de Poyntz e pensá-las em um contexto no qual a ilha de Tobago era disputada por diferentes impérios europeus, inclusive pelos britânicos, nos parece plausível a hipótese de que Defoe construiu os espaços fictícios de seus dois primeiros romances com o intuito de ressaltar as potencialidades naturais da América, incentivando a ampliação dos domínios coloniais da Grã-Bretanha. Nos romances e na narrativa do supracitado viajante, o olhar sobre a riqueza natural não se limita a uma observação contemplativa, mas parece demonstrar uma visão pragmática sobre a fertilidade das paisagens atribuindo utilidades cotidianas a cada um de seus elementos e ressaltando as vantagens da intervenção humana nestes espaços.

Ainda nos dois primeiros romances de Defoe, segundo nossa perspectiva, foi possível estabelecer paralelos entre as representações dos nativos contidas nos enredos ficcionais e aquelas encontradas nos relatos das viagens de Walter Raleigh, elementos que contribuem para a ideia de que o ficcionista se apropriou do conteúdo encontrado nas leituras que realizou. As relações entre ingleses e ameríndios caribenhos em *Robinson Crusoe*, tal como

nas narrativas sobre as viagens de Raleigh, parecem ter sido representadas de forma a difundirem uma visão positiva acerca dos contatos entre colonizadores e colonizados, atribuindo uma pretensa legitimidade à expansão imperial. A figura do espanhol, principal rival dos ingleses nas disputas imperiais na América, é representada como indolente, violenta e autoritária e sua relação com os nativos, tanto nos romances quanto nos relatos de viagem, sempre se mostra permeada por tensões e conflitos com graves consequências para os povos indígenas. As representações dos nativos nestes textos, portanto, são construídas de forma seletiva, configurando-se como um terreno de disputa pela legitimidade da expansão colonial. Os contatos conflituosos entre ingleses e nativos americanos é ignorado ou colocado como menos importante se comparado ao histórico de relações violentas entre espanhóis e ameríndios. Ademais, se levarmos em conta a relação entre Crusoe, Sexta-Feira e os demais nativos que permaneceram na ilha caribenha, os povos indígenas são representados como mais uma dos elementos que contribuem para as potenciais riquezas do continente americano, pois quando convertidos e disciplinados contribuem de forma fundamental para a prosperidade do mundo colonial.

Em *A new voyage round the world* (1724), o romancista volta a tratar de temáticas coloniais que, conforme argumentamos, relacionam-se com os debates realizados em seus ensaios, sobretudo naqueles publicados na década anterior, período no qual se deu a fundação da *South Sea Company*. Mais uma vez parece plausível afirmar que a ficção de Defoe se apresenta como uma possibilidade de dar continuidade às discussões já realizadas nos anos precedentes. De acordo com nossa análise, a obra provavelmente foi fundamentada nas diversas narrativas de viagens lidas por Defoe e é possível identificar aspectos que contribuem para a ideia de que nela existem apropriações de relatos de Francis Drake, John Narborough, William Dampier e Woodes Rogers. Apesar de retratar uma grande diversidade de regiões do mundo, é perceptível a maior importância atribuída aos territórios que na época ficaram conhecidas como Mares do Sul, espaços que já figuravam nas propostas de avanço imperial elaboradas por Defoe em seus ensaios.

Novamente, as representações literárias da América ressaltam a riqueza natural destes espaços, as relações entre colonizadores e nativos e reforçam as críticas ao governo espanhol. Contudo, algumas especificidades destes cenários marcam elementos atrativos para as possibilidades expansionistas. No último romance publicado por Defoe, a abundância de ouro e prata encontrada na região dos Andes representa, simultaneamente, o mau uso destes recursos pelos espanhóis e a oportunidade de enriquecimento dos britânicos. Entretanto, a enorme quantidade de ouro encontrada pelos personagens na Cordilheira e nos cursos d'água

da Patagônia, mais do que resultado de um conhecimento acurado sobre a presença destes minérios nestes espaços, parece indicar um esforço por parte do autor na construção de uma América atrativa para os interesses expansionistas. Desta maneira, é possível argumentar que as representações do continente americano nos romances de Defoe, em certa medida, são construídas, a um só tempo, por meio da seleção dos elementos a serem apropriados nos relatos de viagem e da ênfase acentuada de aspectos que contribuem para os interesses imperiais defendidos pelo romancista. Além da riqueza natural destes territórios, endossada pela grande presença de minérios preciosos, *A new voyage round the world* enfatiza a possibilidade dos britânicos se beneficiarem do próspero comércio existente nos chamados Mares do Sul, mercado este que também foi enfatizado pelos viajantes lidos por Defoe. Assim como Woodes Rogers, o romancista defendia a conquista de territórios na América do Sul levando em conta as vantagens inatas a estas terras, mas também devido ao rico comércio ali existente que poderia ser aproveitado e aprimorado pelos seus conterrâneos.

O esforço na construção da verossimilhança e as apropriações de relatos de viagem que, de acordo com nossa argumentação, são perceptíveis nos romances de Defoe possibilitaram um interessante diálogo entre a ficção e as discussões sobre o Império Britânico no início do século XVIII. Dentre as características que marcaram o processo de construção das representações do Novo Mundo nas obras analisadas, parece-nos plausível destacar o peso dos relatos de viajantes como referências decisivas na difusão de percepções sobre as realidades coloniais americanas no referido período. Se pensados em conjunto, os romances de Defoe e as narrativas de viagem lidas e mencionados pelo autor expressam diversos aspectos pertinentes para a análise que aqui foi desenvolvida. Primeiramente, foi possível identificar alguns dos processos de diálogo e leitura que na Inglaterra setecentista tiveram grande importância na circulação de impressões sobre a América. Em segundo lugar, é possível perceber como as representações do Novo Mundo contidas nestas obras expressam certos aspectos históricos acerca dos contextos coloniais americanos da época. Por fim, de acordo com nossa perspectiva, foi possível identificar alguns dos fatores condicionantes na construção e difusão de representações sobre o mundo colonial que, por sua vez, para serem compreendidas devem ser inseridas no contexto de rivalidades imperiais que marcaram o final do século XVII e o primeiro quartel do XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Corpus documental

1.1. Romances centrais na análise

DEFOE, Daniel. *A New Voyage Round the World, by a Course never Sailed before*. Oxford: D. A. Talboys, 1840.

_____. *The Farther Adventures of Robinson Crusoe, Being the Second and Last Part of His Life, And Strange Surprizing Accounts of his Travels Round three Parts of the globe*. Written by Himself. London: W. Taylor, 1719.

_____. *The Life and Strange, Surprizing Adventures of Robinson Crusoe, Of York, Mariner: Who lived Eight and Twenty Years, all alone in an un-inhabited Island on the Coast of America, near the Mouth of the Great River of Oroonoke; Having been cast on Shore by Shipwreck, wherein all the Men perished but himself. With An Account how he was at last as strangely deliver'd by Pyrates*. London: W. Taylor, 1719.

1.2. Relatos de viagem comparados aos romances

DAMPIER, William. *A New Voyage Round The World, Describing Particularly, The Isthmus of America, Several Coasts and Islands in the West Indies, the Isles of Cape Verd, the Passage by Terra Del Fuego, the South Sea Coasts of Chili, Peru, and Mexico; the Isle of Guam one of the Ladrones, Mindanao, and other Philippine and East India Islands, near Caombodia, China, Formosa, Luconia, Clebes, &c., New Holland, Sumatra, Nicobar Isles; the Cape of Good Hope, and Santa Hellena. Their Soil, Rivers, Harbours, Plants, Fruits, Animals, And Inhabitants. Their Customs, Religion, Government, Trade, &c*. Vol. I. London: James Knapton, 1697.

DRAKE, Francis. The famous voyage of Sir Francis Drake into the South Sea, and therence about the whole globe of the earth, begun in the yeere of our Lord, 1577. In: HAKLUYT, Richard. *The Principal navigations, voyages, traffiques and discoveries of the Englis nation*. Vol XV, America, Part IV. West Indies, Voyages of Circumnavigations. Edinburgh E. & G. Goldsmid, 1889.

HAKLUYT, Richard. *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation*. Edinburgh: E. & G. Goldsmid, 1890, 16 v.

KEYMIS, Laurence. A Relation of the second Voyage to Guiana, performed and written in the year 1596, by Laurence Keymis Gent. In: HAKLUYT, Richard. *The Principal navigations, voyages, traffiques and discoveries of the Englis nation*. Vol XV, America, Part IV. West Indies, Voyages of Circumnavigations. Edinburgh E. & G. Goldsmid, 1889.

NARBOROUGH, John; TASMAN, Jasmen; WOOD, John; MARTEN, Frederick. *An Account Of Several Late Voyages & Discoveries to the South and North*. Towards The Streights of Magellan, the South Seas, the vast Tracts of Land beyond Hollandia Nova, &c. Towards Nova Zembla, Greenland or Spitsberg, Groynland or Engrondland, &c, London: Sam Smith and Benjamin Walfor, 1694.

POYNTZ, John. *The Present Prospect of The Famos and Fertile Island of Tobago, To the Southward of The Island of Barbadoes. With A description of the Scituation, Growth, Fertility and Manufacture of the said Island: Setting forth how that 100 l. Stock in seven Years may be improved to 5000 l. per annum. To which is added Proposals for Encouragement of all those that are minded to settle there.* London: John Wood, 1695.

PURCHAS, Samuel (ed.). *Hakluythus poshumus, or, Purchas Pilgrimes. Contayning a history of the world, in sea voyages, & lande-travells.* London: H. Fetherson, 1625.

RALEIGH, Walter. *The Discovery of the Large, Rich, and Beautiful Empire of Guiana, with a relation of The Great and Golden City of Manoa Performed in the Year 1595, by Sir W. Raleigh, Knt., Captain of Her Majesty's Guard, Lord Warden of The Stannaries, and Her Hightness's Lietuenant-General of The County of Cornwall.* Reprinted from the edition of 1595, with some Unpublished Documents Relative to That Country. Edited with Explanatory Notes And a Biographical Memoir, by Sir Robert H. Schomburgk, Ph.D., Knight of the Royal Prussian Order of the Red Eagle, of the Royal Saxon Order of Merit, of The French Order of The Legion Of Honour, Etc, London: Hakluyt Society, 1898.

ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World, First to the South-Seas, thence to the East Indies, and homewards by the Cape of Good Hope. Begun in 1708, and finish'd in 1711. Containing A journal of all the Remarkable Transactions, particularly, Of the Taking of Puna and Guaiaquil, of the Acapulco Ship, and other Prizes; An account of Alexander Selkirk's living alone four Years and four Months in an Island; and a brief Description of several Countries in our Course noted for Trade, especially in the South-Sea. With Maps of all the Coast, from the best Spanish Manuscript Draughts. And an Introduction relating to the South-Sea Trade.* London: A. Bell, 1712.

1.3. Periódico e ensaios de Defoe

DEFOE, Daniel. *An essay on the South-Sea Trade, with An enquiry into the Grounds and Relations of the present dislike and Complaint againt of a South-Sea Company. By the Author or the Review.* London: J. Baker, 1712.

_____. *An essay on the treaty of commerce with France.* London: J. Baker, 1713.

_____. *An essay upon Projects.* London: R. R., 1697.

_____. *An Historical Account of the Voyages and Adventures of Sir Walter Raleigh. With the Discoveries and Conquests He made for the Crown of England. Also a particular Account of his Several Attempts for the Discovery of the Gold Mines in Guiana, and th Reason of the Miscarriage, shewing, that it was not from any Defect in the Scheme he had laid, or in the Reality of the Thing it self, But in a Treacherous Discovery of his Design and of the Strength he had with him, to the Spaniards. To which is added, An Account how that rich Country might now be with Ease, Possess'd, Planted and Secur'd to the British Nation, And that Immense Wealth and Encrease of Commerce might be rais'd from thence. Humbly Proposed to the South-Sea Company.* London: W. Boreham, 1719.

_____. *A True Account of the Design, And Advantages of The South-Sea Trade: With Answers to all the Objections rais'd against it. A list of the Commodities proper for that*

Trade: And the Progress of the Subscription towards to the South-Sea Company. London: J. Morphew, 1711.

_____. *Some further observations on the treaty of navigation and commerce between Great-Britain and France. And On the Scheme of the French Trade, From 1668, to 1669.* London: J. Baker, 1713.

_____. *The Best of Defoe's Review: An Anthology.* Edited by William L. Payne. New York: Columbia University Press, 1951.

_____. *The Complete English Gentleman.* Ed. Karl D. Bülbring. London: David Nutt, 1890.

1.4. Outras Fontes

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica.* Introdução Roberto de Oliveira Brandão. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

BEVERLEY, Robert. *The History and Present State of Virginia, in Four Parts.* London: P. Parker, 1705.

BURTON, Richard. *The English Empire in America (1685).* London: A. Bettesworth & J. Batley, 1728.

DAMPIER, William. *A voyage to New Holland.* London: James Knapton, 1703.

_____. *Voyages and Descriptions: in three parts. Viz. A supplement of the voyage round the world, describing the contreys of Tonquin, Achin, Malacca, &c., Their product, inhabitants, manners, trade, policy, &c. 2. Two voyages to Campeachy, with a description of the Coasts, product, inhabitants, logwood-cutting, trade, &c. Of Jucatan, Capeachy, New Spain, &c. 3. A discourse of trade-winds, breezes, storms, seasons of the year, tides and currents of the torrid zone throughout the world, with an account of Natal in Africk, its product, negro's &c.* London: James Knapton, 1699.

DEFOE, Daniel. *A Brief Account of the Present State of the African Trade.* London, 1713.

_____. *A journal of the plague year.* London: J. M. Dent & sons; New York: E. P. Dutton & CO, 1908.

_____. *Captain Singleton.* Ed. Shiv K. Kumar. London: Oxford University Press, 1969.

_____. *The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders, Who was born in newgate and during a Life of continu'd Variety for threescore Years, besides her childhood, was twelve Years a whore, Five times a Wife (where once to her brother) Twelve years a Thief, Eight Year a transported Felon in Virgini, at last grew Rich, liv'd Honest, and died a penitent.* London: W. Chetwood, 1722.

_____. *The History and Remarkable Life of the truly Honourable Col. Jacque. commonly call'd Col. Jack, who was Born a Gentleman, put 'Prentice to a Pick-Pocket, was Six and Twenty Years a Thief, and then Kidnapp'd to Virginia, [...].* London: J. Brotherton, 1723.

DRAKE, Francis; FLETCHER, Francis. *The world encompassed by Sir Francis Drake* (1628). London: Nicholas Bourne, 1652.

EDEN, Richard. *The first three English books on America* (1511?-1555). Edited by Edward Arber. Birmingham: Turnbull & Spears, 1885

GILDON, Charles. *An Espistle to Daniel Defoe*. London: J.M. Dent, 1923.

HARRIOT, Thomas. *A Brief and True Report of the New Found Land of Virginia* (1588). Edited by Paul Royster. Lincoln University of Nebraska-Lincoln, 2007.

HILL, George Birkbeck N. *Johnsonian Miscellanies*, vol. 1. Oxford: Clarendon P, 1897.

JOHNSON, Samuel; CHALMERS, Alexander. *The Rambler*: In four volumes. Philadelphia: J. J. Woodward, 1827.

LAWSON, John. *A new voyage to Carolina* (1709). Edited by Hugh Talmage Lefler. Chapel Hill, 1984.

NICHOLS, Philip. *Francis Drake Revived* (1626). Echo: Echo Libray, 2009.

OLDMIXON, John. *The British Empire in America*. London J. Nicholson, B. Tooke, 1708.

_____. *The History of England, During the Reigns of King William and Mary, Queen Anne, King George I*. Being the Sequel of the Reigns of the Stuarts. London, 1735.

POPE, Alexander. *The Dunciad*. With notes Variorum, and the Prolegomena of Scriblerus. London: Lawton Gilliver, 1729.

SLOANE, Hans. *A voyage to the islands Madera, Barbados, Nieves, St. Christopher and Jamaica*. London: B. M., 1707.

SMITH, John. *A true relation of Virginia*. Edited by Charles Deane. Boston: Wiggin and Lunt, 1866.

_____. *The true travels, adventures, and observations of Captain John Smith, into Europe, Asia, Africa, and America*. London: Awnsham and John Churchill, 1704; LIGON, Richard. *A true and Exact History of the Island of Barbados*. Cambridge: Hackett Publishing, 2011.

THEOBALD, Lewis. *Memoirs of Sir Walter Raleigh*. London: W. Mears, 1719.

2. Bibliografia

ADAMS, Percy. Introduction. In: ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World*. New York: Dover, 1970.

ADAMS, Percy G. *Travel Literature and the Evolution of the novel*. Kentucky: University Press of Kentucky, 1983.

ANDERSON, Edgard. The Couronians and The West Indies The First Settlements In: *Caribbean Quarterly*, v. 5, n. 4, pp. 264-271, jun. de 1959. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40652728>> Acesso em: 24 set. 2016.

ARNOLDSSON, Sverker. *La Leyenda Negra: Estudios sobre sus Orígenes*. Gotemburgo: Göteborgs Universitets Årsskrift, 1960.

ASSADOURIAN, Carlos Sempat. *El sistema de la economía colonial: mercado interno, regiones y espacio económico*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1982.

BACKSCHEIDER, Paula R. *Daniel Defoe: his life*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989.

BACKSCHEIDER, Paula R.; INGRASSIA, Catherine (ed.). *A companion to the eighteenth-century English novel and culture*. Malden: Blackwell, 2005.

BAHKTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. da UNESP/ Hucitec, 1988.

BASTIAN, Frank. *Defoe's Early Life*. Totow: Barnes & Noble, 1981.

BAUDET, Henri. *Paradise on earth: Some thoughts on european images of non-european man*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1965.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

BENDIXEN, Alfred; HAMERA, Judith. *The Cambridge Companion to American Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BERKIS, Alexander Valdonis. *The history of the Duchy of Courland (1561-1795)*. Maryland: P. M. Harrod Company, 1969.

BERNBAUM, Ernest. *The Mary Carleton Narratives, 1663-1673*. Cambridge: Mass, 1914.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina colonial, volume II*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BLACK, Jeremy. *European Warfare in a Global Context, 1660-1815*. New York: Routledge, 2007.

BOND, Donald F.; SHERBURN, George. *A Literary History of England Volume III: The Restoration and Eighteenth Century (1660 - 1789)*. London Routledge & Keagan Paul Ltd., 2005.

BONNER, William Hallam. *Captain William Dampier, buccaneer-author. Some account of a modest buccaneer and of English travel literature in the early eighteenth century*. California: Stanford University Press, 1934.

BOOMERT, Arie. Amerindian-European Encounters on and around Tobago (1498-1810). *Antropologica*, v. 97, n. 98, pp. 71-207, 2002. Disponível em: <http://www.fundacionlasalle.org.ve/userfiles/ant_No_97-98_71-208.pdf>. Acesso em: 24 set. 2016.

_____. *The Indigenous peoples of Trinidad and Tobago from the first settlers until today*. Leiden: Sidestone Press, 2016.

BRADLEY, Peter T. *British maritime enterprise in the New World: from the late fifteenth to the mid-eighteenth century*. Lampeter Edwin Mellen Press Ltd., 1999.

_____. *The lure of Peru: maritime intrusion into the South Sea, 1598-1701*. New York: Springer Publishing, 1989.

BRANDON, William. *New worlds for Old: reports from the New World and their effect on the development of social thought in Europe (1500-1800)*. Athens: Ohio University Press, 1986.

BREWER, John. *The Sinews of Power: War, money, and the English state, 1688-1783*. London: Unwin Hyman, 2005.

BRIGGS, Asa. *História Social da Inglaterra*. Lisboa: Presença, 1998.

CAMPBELL, Mary B. *The witness and the other world: exotic European travel writing, 400 - 1600*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

CARBIA, Rómulo D; MARTINEZ, Miguel Molina. *Historia de la leyenda negra hispano-americana*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2004.

CARSWELL, John. *The South Sea Bubble*. Standford: Standford University Press, 1961.

CASSON, Lionel. *Travel in the Ancient World*. London: George Allen and Unwin, 1974.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). *História da Leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difusão Editorial, 2002.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *Do Palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI – XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo : Editora da UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris : Primodis, 1986.

CRAVEN, Wesley Frank. *White, Red and Black: The Seventeenth-Century Virginian*. Charlottesville: University Press of Virginia, Charlottesville, 1971.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*. Coimbra Almedina e CLEPUL, 2002.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, Lennard J. *Factual Fictions: The origins of the English novel*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.

EGERTON, Douglas R. et alii. *The Atlantic World: A history (1400-1888)*. Wheeling: Harlan Davidson, 2007.

ELLIOTT, John. *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America, 1492 – 1830*. New Haven: Yale University Press, 2006.

_____. *La España Imperial, 1469-1716*. Barcelona: Vicens-Vives, 1972.

_____. *The Old World and the New (1492 – 1650)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Tese de Livre Docência, 2009.

FRIEDE, Juan. *Bartolomé de Las Casas: Precursor del Anticolonialismo. Su lucha e su derrota*. México: Siglo XXI, 1974.

FRIEDMAN, John Block; FIGG, Kristen Mossler (ed.). *Trade, Travel and Exploration in the Middle Ages: An Encyclopedia*. New York: Routledge, 2000.

FULLER, Mary C. *Voyages in print: English travel to America (1576-1624)*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1995.

GILL, Anton. *The devil's mariner: a life of William Dampier, pirate and explorer*. London: Michael Joseph, 1997.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GLEACH, Frederic W., *Powhatan's World and Colonial Virginia: A Conflict of Cultures*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

GOSSE, Edmund. *Raleigh*. Edited by Andrew Lang. London: Longmans, Green, And Co., 1886.

GRADY, Timothy Paul. *Anglo-Spanish Rivalry in Colonial South-East America, 1650-1725*. London: Routledge, 2015.

GREENBLATT, Stephen. *Marvelous Possessions: the wonder of the New World*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

GREER, Margaret R.; MIGNOB, Walter, D.; QUILLIGAN, Maureen (ed.). *Rereading the Black Legend: The discourse of Religious and Racial Difference in the Renaissance Empires*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

GROVE, Richard. *Green Imperialism: Colonial Expansion, Tropical Island Edens and the Origins of Environmentalism, 1600-1860*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HADFIELD, Andrew. *Literature, travel, and colonial writing in the English Renaissance, 1545 - 1625*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

HALL, David D. *Cultures of print: essays in the history of book*. Amherst: University of Massachusetts, 1996.

HALL, D. J. *English Medieval Pilgrimage*. London: Routledge and Kegan Paul, 1965.

HATFIELD, April Lee. *Atlantic Virginia: Intercolonial Relations in the Seventeenth Century*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

HILL, Christopher. *Politics and the Constitution. The Century of Revolution: 1603-1714*. London: Routledge, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

HULME, Peter; YOUNGS, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HULME, Peter. *Colonial Encounters: Europe and the native Caribbean, 1492-1797*. London: Methuen, 1986.

HUNTER, J. Paul. *Before novels: the cultural contexts of eighteenth-century English fiction*. New York: Norton, 1990.

JONES, J. R. *The First Whigs: The politics of the Exclusion Crisis (1678-1683)*. London: Oxford University Press, 1961.

JUDERÍAS Y LOYOT, Julián. *La leyenda negra y la verdad histórica: contribución al estudio del concepto de España en Europa de las causas de este concepto y la tolerancia política y religiosa en los países civilizados*. Madrid: Tip. de la Revista de Archivos, 1914.

KOEBNER, Richard. *Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

KRASKE, Robert. *Marooned: the strange but true adventures of Alexander Selkirk, the real Robinson Crusoe*. Houghton Mifflin Harcourt, 2005.

LANSDOWN, Richard (ed.). *Strangers in the South Seas. The Idea of Pacific in Western Thought: An Anthology*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006.

LEONARD, Irving A. *Viajeros por La América Latina colonial*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1972.

LEVINE, Philippa. *The British Empire: Sunset to Sunrise*. London: Pearson Longman, 2007.

LIMA, Lilian Martins de. O mundo americano na produção escrita inglesa: séculos XVI, XVII e XVIII. *História*, Campus de Franca, v. 31, n. 1, Junho, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000100011&lng=en&nrm=iso Acessado em: 24, set., 2016.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LITTLE, Bryan DG. *Crusoe's captain: being the life of Woodes Rogers, seaman, trader, colonial governor*. London: Odhams Press, 1960.

LLOYD, Trevor. *Empire: The History of the British Empire*. London: Hambledon and London, 2001.

MAGASICH-AIROLA, Jorge. BEER, Jean Marc de. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MALTBY, William S. *La leyenda negra en la Inglaterra: desarrollo del sentimiento antihispánico, 1558-1660*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

MARSHALL, P. J (ed.). *The Oxford History of the British Empire, Vol. II: The Eighteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MARTELS, Zweder von. *Travel fact and travel fiction: studies on fiction, literary tradition, scholarly discovery, and observation in travel writing*. Leiden: E. J. Brill, 1994.

MAYER, Robert. *Nathaniel Crouch, Bookseller and Historian: Popular Historiography and Cultural Power in Late Seventeenth-Century England*. Maryland. In: *Eighteenth-Century Studies*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, Vol. 27, No. 3, pp. 391-419, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2739362?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 24 set. 2016.

- MCKEON, Michael. *The origins of the English novel: 1600-1740*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988.
- MCLYNN, Franc. *Crime and punishment in eighteenth-century England*. London: Routledge, 2002.
- MEAD, William. *The Grand Tour in the Eighteenth Century*. Boston: Houghton Mifflin, 1914.
- MELTON, James Van Horn. *The rise of the public in Enlightenment Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- MILLER, Lee. *Roanoke: Solving the Mystery of the Lost Colony*. New York: Arcade Publishing, 2000.
- MIR, Lúcio B. *Ladrones de guante blanco: la corrupción porteña en tempos de la South Sea Company (1713-1752)*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.
- NASH, Richard. *Wild Enlightenment: The Borders of Human Identity in the Eighteenth Century*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.
- NISBET, H. B.; RAWSON, Claude. *The Cambridge History of Literary Criticism Volume 4: The Eighteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- NOVAK, Maximillian E. *Daniel Defoe: Master of fictions: His life and ideas*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. *Economics and the fiction of Defoe*. New York: Russel & Russel, 1976.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- O'GORMAM, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido de seu devir*. São Paulo: Editora da UNESP, 1986.
- PANTALEÃO, Olga. *A penetração comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713-1783*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1946.
- PAUL, Helen J. *The South Sea Company's slaving activities*. Southampton: University of Southampton Press, 2009.
- PENNINGTON, Loren E. *The Purchas Handbook: studies of the life times and writings of Samuel Purchas, 1577-1625. With bibliographies of his books and of works about him*. London Hakluyt Society, 1997.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Diálogos entre o Velho e o Novo mundo: Robinson Crusoe e Sexta-feira. *História Revista*, Goiânia: UFG, v. 15, n. 1, p. 133-157, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/10823/9083>>. Acesso em: 24 set. 2016.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. New York: Routledge, 1992.

QUINN, David Beers. *Set Fair for Roanoke: Voyages and Colonies, 1584-1606*. New York & London: Chapel Hill, 1985.

RAMOS, Demetrio. *Minería y comercio interprovincial en Hispanoamérica* (siglos, XVI, XVII y XVIII). Valladolid: Universidad de Valladolid, 1970.

REGARD, Frédéric (ed.). *The Quest for the Northwest Passage: knowledge, nation and empire, 1576-1806*. London: Pichering & Chatto, 2013.

RICHETTI, John. *The English Novel in History, 1700 - 1780*. London Routledge, 1999.

_____. *The Life of Daniel Defoe*. Oxford, Blackwell, 2005.

RICHETTI, John (ed.). *The Cambridge Companion to Daniel Defoe*. Cambridge Cambridge University Press, 2008.

_____. *The Cambridge companion to the Eighteenth-century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. *The Cambridge history of English literature, 1670 – 1780*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROGERS, Pat. An Early Colonial historian: John Oldmixon and "The British Empire in America". In: *Journal of American Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 7, No. 2, ago. 1973, pp. 113-123.

ROUSE, Irving. *The Tainos: Rise & Decline of the People who Greeted Columbus*. New Haven: Yale University Press, 1992.

SATSUMA, Shinsuke. *Britain and Colonial Maritime War in the Early Eighteenth Century: Silver, Seapower and the Atlantic*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2013.

SOOMAN, Imbi, et al. From the Port of Ventspils to Great Courland Bay: The Couronian Colony on Tobago in Past and Present. In: *Journal of Baltic Studies*, v. 44, n. 4, p. 503-526, 2013. Disponível em:

<<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01629778.2013.835464?tab=permissions&scroll=top>>. Acesso em: 24 set. 2016.

SOUHAMI, Diana. *Selkirk's Island: The True and Strange Adventures of the Real Robinson Crusoe*. New York: Harcourt Books, 2001.

THROWER, Norman J. W (ed.). *Sir Francis Drake and the Famous Voyage, 1577-1580: Essays commemorating the quadricentennial of Drake's circumnavigation of the Earth*. Los Angeles: University of California Press, 1984.

TODD, Denis. *Defoe's America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TREVELYAN, Raleigh. *Sir Walter Raleigh: Being a True and Vivid Account of the Life and Times of The Explorer, Soldier, Scholar, Poet, and Courtier: The Controversial Hero of Elizabethian Age*. New York: H. Holt, 2004.

UNDERWOOD, James L. *The Constitution of South Carolina: Church and state, morality and free expression*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. *Economia e sociedade na América espanhola*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

VASCONCELOS, Sandra G. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

WATSON, G. (ed.). *The New Cambridge Bibliography of English Literature*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WHALEN, Brett Edward. *Pilgrimage in the Middle Ages: A Reader*. Toronto: University of Toronto Press, 2011.

WILLIAMS, Eric. *History of the Peoples of Trinidad and Tobago*. Londres: Andre Deutsch, 1962.

WILLIAMSON, James A. *The Cabot Voyages and Bristol Discovery under Henry VII*. London: Hakluyt Society, 1962.

WOLFZETTEL, Friedrich. *Le discours du voyageur*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.